

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O ESTUDO DAS ATITUDES

PARTE VI





Instituto Walden4

www.walden4.com.br

Editora do Instituto Walden4

A Editora do Instituto Walden4 é dedicada à promoção e disseminação do conhecimento científico, com foco na Análise do Comportamento e em outras áreas práticas fundamentadas em evidências. Nosso compromisso vai além da produção acadêmica, buscando integrar ciência e prática profissional, tornando informações de alta qualidade acessíveis para um público amplo.

Valorizamos a democratização do acesso ao conhecimento, por isso oferecemos muitos de nossos livros de forma gratuita e disponibilizamos todos os títulos em formato digital, permitindo que você comece a leitura instantaneamente, de qualquer lugar. A praticidade e o acesso rápido são marcas da nossa editora, e convidamos você a explorar nosso catálogo de publicações, escolhendo aqueles títulos que melhor atendem aos seus interesses e necessidades de formação.

Conselho Editorial:

- Dr. Gleidson Gabriel da Cruz
- Dr. Márcio Borges Moreira

Contatos e Redes Sociais:

- E-mail: secretaria@walden4.com.br
- Instagram: [@instituto.walden4](https://www.instagram.com/instituto.walden4)
- Site: www.walden4.com.br
- Facebook: [iwalden4](https://www.facebook.com/iwalden4)
- YouTube: [InstWalden4](https://www.youtube.com/InstWalden4)

Nos acompanhe nas redes sociais para ficar por dentro das novidades e lançamentos da Editora Walden4!

Como citar o livro "Histórias em quadrinhos e o estudo das atitudes - Parte VI" (APA, 7ª Edição)

Se você leu o livro *Histórias em quadrinhos e o estudo das atitudes - Parte VI* e deseja citá-lo corretamente em seus trabalhos acadêmicos, siga este guia prático de acordo com as normas da APA (7ª Edição).

Autores

- Márcio Borges Moreira
- Gustavo Pacheco Cardoso
- Laura de Aguiar Silveira
- Luana Raposo de Carvalho
- Mateus de Macedo Rabelo

Editora

- Walden4

Como citar no corpo do texto

- Citação fora de parênteses (com os autores integrados ao texto):
Quando for mencionar os autores diretamente no texto, o formato correto é:
Moreira et al. (2024) sugerem que...
- Citação entre parênteses (em uma observação ou ao final da frase):
Caso prefira citar de forma objetiva, entre parênteses, utilize o formato:
...mudanças nas atitudes (Moreira et al., 2024).

Como inserir na lista de referências

Para incluir o livro na lista de referências ao final do trabalho, utilize o seguinte formato:

Moreira, M. B., Cardoso, G. P., Silveira, L. A., Carvalho, L. R., & Rabelo, M. M. (2024). Histórias em quadrinhos e o estudo das atitudes - Parte VI. Walden4.

ISBN



O ISBN (International Standard Book Number) é um número padrão internacional utilizado para identificar livros e publicações. Consiste em uma sequência numérica única que facilita a catalogação, comercialização e rastreamento de livros em nível global. Sua função principal é fornecer uma identidade exclusiva para cada edição de uma obra, o que ajuda livrarias, bibliotecas, distribuidores e consumidores a localizar e diferenciar os títulos com precisão.

A relevância do ISBN está na padronização e na organização eficiente do mercado editorial, garantindo que cada livro possa ser facilmente encontrado, adquirido e referenciado em bases de dados e sistemas de vendas. Além disso, ter um ISBN é essencial para a distribuição comercial e para a aceitação de publicações em lojas e bibliotecas.

Ficha catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Histórias em quadrinhos e o estudo das atitudes
[livro eletrônico] : parte VI / Márcio Borges
Moreira...[et al.]. -- 1. ed. -- Brasília, DF :
Instituto Walden4, 2024.
PDF

Outros autores: Gustavo Pacheco Cardoso, Laura de
Aguilar Silveira, Luana Raposo de Carvalho, Mateus de
Macedo Rabelo.

Bibliografia.

ISBN 978-85-65721-44-8

1. Análise comportamental 2. Atitudes (Psicologia)
3. Estudo comparativo 4. Histórias em quadrinhos
5. Psicologia comportamental I. Moreira, Márcio
Borges. II. Cardoso, Gustavo Pacheco. III. Silveira,
Laura de Aguiar. IV. Carvalho, Luana Raposo de. V.
Rabelo,
Mateus de Macedo.

24-225619

CDD-150.1943

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise comportamental : Psicologia 150.1943

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

A ficha catalográfica é um registro padronizado que contém informações bibliográficas essenciais sobre um livro, como título, autores, editora, ano de publicação, número de páginas, e outros dados importantes para a identificação da obra. Normalmente, ela é localizada nas primeiras páginas do livro e segue normas internacionais de catalogação.

A função principal da ficha catalográfica é facilitar a organização e o gerenciamento de livros em bibliotecas e sistemas de informação, ajudando a classificar e indexar a obra de forma precisa. Sua relevância está em garantir que o livro seja facilmente identificado e acessível em acervos bibliográficos, além de assegurar uma padronização nos sistemas de catalogação e consulta em bibliotecas e bancos de dados.

Prestigie os criadores de conteúdo

Este livro foi criado com o propósito de ser distribuído gratuitamente em formato digital, promovendo o acesso ao conhecimento e a democratização da informação. Contudo, a maioria dos livros no mercado é comercializada, e as vendas são fundamentais para o sustento de diversos profissionais, como escritores, designers gráficos, diagramadores, revisores e ilustradores, envolvidos na produção de uma obra literária.

Ao adquirir um livro original, você valoriza o trabalho criativo e técnico de todos esses profissionais, que dedicam tempo e talento para entregar um produto de qualidade. Cada compra contribui diretamente para a renda de todos os envolvidos, fortalecendo a sustentabilidade da indústria literária e incentivando a produção de novas obras.

Comprar um livro original também é uma forma de reconhecer o valor do trabalho autoral, além de proporcionar a satisfação de possuir uma obra física ou digital repleta de significado. A criação de um livro vai além da escrita: designers gráficos, revisores e ilustradores colaboram para criar uma experiência rica e envolvente, enquanto diretores coordenam todo o processo de produção.

Portanto, ao optar por um livro original, você não apenas adquire uma obra, mas também apoia e recompensa os profissionais dedicados que tornaram possível sua existência. Valorize o trabalho autoral e contribua para o desenvolvimento contínuo da cultura e do conhecimento.

Sumário

Sobre os autores.....	1
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Introdução.....	9
O conceito de atitudes/preconceito para a Análise do Comportamento.....	9
Atitudes e equivalência de estímulos.....	10
O que é equivalência?.....	10
HQs, EDS e estudo das atitudes.....	11
Capacitismo.....	12
Legislação.....	13
Autismo.....	13
Esquizofrenia.....	13
Referências bibliográficas.....	14
Mudança de atitude frente a um cenário de discriminação contra a esquizofrenia no mercado de trabalho.....	16
Resumo.....	16
Abstract.....	17
Introdução.....	18
Método.....	20
Delineamento.....	20
Variável independente.....	20
Variável dependente.....	21
Participantes.....	21
Procedimentos éticos.....	21
Local.....	21
Materiais.....	22
Google Forms.....	22
Google Meets.....	22
Slides.....	22
Pixton.....	22
Instrumento.....	22
Escala de Diferencial Semântico.....	22
História em Quadrinhos.....	22
Personagens.....	22
Enredo.....	23
O gibi.....	23
Roteiro da história em quadrinhos.....	32
Procedimento.....	33
TCLE.....	34
Pré-teste.....	34
Capítulo 1.....	34
Pós-teste 1.....	34

Capítulo 2.....	34
Pós-teste 2.....	34
Capítulo 3.....	34
Pós-teste 3.....	34
Resultados.....	34
Discussão.....	45
Referências.....	48
Mudança de atitude diante de comportamento capacitista em relação pessoas autistas.....	50
Resumo.....	50
Abstract.....	50
Introdução.....	51
Método.....	55
Delineamento.....	55
Participantes.....	56
Procedimentos éticos.....	56
Local.....	57
Materiais.....	57
Personagens.....	57
Enredo.....	58
Roteiro.....	68
Procedimento.....	71
Resultados.....	72
Discussão.....	81
Referências.....	84
O impacto da observação de comportamentos discriminatórios em relação à inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista.....	86
Resumo.....	86
Abstract.....	86
Introdução.....	88
Método.....	90
Delineamento.....	90
Participantes.....	92
Procedimentos éticos.....	92
Local.....	92
Materiais.....	92
Personagens.....	92
Resultados.....	110
Discussão.....	119
Referências.....	120
Mudanças de Atitude e Ambivalência: Um Estudo Exploratório através de uma Narrativa em Quadrinhos.....	122
Resumo.....	122
Abstract.....	123
Introdução.....	124

Método.....	130
Procedimentos Éticos.....	130
Delineamento.....	130
Variável independente.....	131
Variável dependente.....	131
Participantes.....	131
Local.....	131
Materiais.....	132
Instrumentos.....	132
Roteiro da História em Quadrinhos.....	133
Escala de Diferencial Semântico.....	156
Medida de Ambivalência Potencial.....	158
Procedimento.....	159
Simulação.....	162
Análise de dados.....	167
Resultados.....	169
Médias de atitude por etapa.....	180
Discussão.....	181
Referências.....	184
Discussão geral.....	188
Comparação dos Resultados.....	188
Implicações Práticas.....	189
Sugestões para Futuras Pesquisas.....	189
Conclusão.....	189

Sobre os autores



Márcio Borges Moreira | @marcioborgesmoreira

Doutor em Ciências do Comportamento pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia e Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Professor da graduação e do mestrado em Psicologia do Centro Universitário de Brasília (CEUB). Diretor do Instituto Walden4. Co-autor do livro *Princípios Básicos de Análise do Comportamento* (Artmed) e de outros livros, capítulos e artigos científicos com temas relacionados à Análise do Comportamento.

Acompanhe os trabalhos de Márcio Moreira pelas mídias sociais:

@marcioborgesmoreira

<https://www.facebook.com/professormarciomoreira>

<https://www.instagram.com/marcioborgesmoreira>

<https://www.youtube.com/user/borgesmoreirayt>

<https://pt.slideshare.net/borgesmoreira>

<https://www.linkedin.com/in/márcio-borges-moreira-10217934>

<http://lattes.cnpq.br/4094892880820475>

Conheça outras obras de Márcio Moreira

[Princípios Básicos de Análise do Comportamento. Moreira & Medeiros \(2019\)](#)

[Análise do Comportamento Aplicada \(ABA\): o reforçamento. Moreira \(2019\)](#)

[Uma história de aprendizagem operante. Moreira e de Carvalho \(2017\)](#)

["Em casa de ferreiro, espeto de pau": o ensino da Análise Experimental do Comportamento. Moreira \(2004\)](#)

[O conceito de motivação na psicologia. Todorov e Moreira \(2005\)](#)

[Algumas considerações sobre o responder relacional. Moreira, Todorov e Nalini \(2006\)](#)

[Psicologia, comportamento, processos e interações. Todorov e Moreira \(2009\)](#)

[Comportamento supersticioso: implicações para o estudo do comportamento operante. Moreira \(2009\)](#)

[Emergência de classes de equivalência após separação e recombinação dos estímulos compostos utilizados no treino. Moreira e Hanna \(2014\)](#)

[Arranjo de estímulos em treino discriminativo simples com compostos e emergência de classes de estímulos equivalentes. Moreira, Oliveira e Hanna \(2017\)](#)

[Efeitos da marcação de elementos de conjuntos sobre a contagem em tarefas de discriminação condicional. Bandeira, Faria e Moreira \(2020\)](#)



Gustavo Pacheco Cardoso | gustavo.pacheco@sempreceub.com

Graduando de Psicologia no sétimo semestre pelo CEUB.



Laura de Aguiar Silveira | laura.aguiar@sempreceub.com

Graduada de Psicologia do sétimo período pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Atualmente atende como Assistente Terapêutica domiciliar do Modelo Denver de Intervenção Precoce ou ESDM (Early Start Denver Model) no Transtorno do Espectro Autista pela Clínica Clifali.



Luana Raposo de Carvalho | luana.raposo@sempreceub.com

Graduanda em Psicologia do sétimo semestre pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Trabalhei por dois anos como Assistente Terapêutica domiciliar usando o Modelo Denver de Intervenção Precoce ou ESDM (Early Start Denver Model) no Transtorno do Espectro Autista pela Clínica Clifali. Atualmente Trabalho em um Day Care - Me Põe a História, como auxiliar de turma.



Mateus de Macêdo Rabelo | mateus.rabelo@sempreceub.com

Graduando de Psicologia no CEUB. Apaixonado por ficção, fantasia e ciência. Gosto de questionar o mundo de forma criativa e audaciosa. Tenho interesse em Psicologia Cognitiva, Análise do Comportamento, Psicologia Baseada em Evidências, Neurociências, Psicologia Clínica e Psicologia Social.

Resumo

Objetivo do Livro. O livro investiga como histórias em quadrinhos podem ser utilizadas como ferramentas para alterar atitudes e percepções em relação a personagens fictícios que representam diferentes papéis em cenários de discriminação. Especificamente, analisa o impacto de observar comportamentos discriminatórios e a informação sobre transtornos como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a esquizofrenia na mudança de atitudes dos leitores.

Metodologia. O estudo descrito no livro utilizou um delineamento experimental de sujeito com seu próprio controle, onde participantes foram expostos a histórias em quadrinhos que retratavam situações de discriminação. Os participantes avaliaram os personagens antes e depois da leitura das histórias, utilizando uma escala de diferencial semântico. Essa escala mediu as atitudes dos participantes em relação aos personagens em diversos momentos do estudo, permitindo analisar como a exposição à narrativa gráfica afetava suas percepções.

Resultados. Os resultados indicaram que a leitura das histórias em quadrinhos foi eficaz em promover mudanças nas atitudes dos participantes. Personagens que exibiam comportamentos discriminatórios foram avaliados negativamente após a leitura, enquanto personagens que eram vítimas de discriminação receberam avaliações mais positivas. Esses achados sugerem que histórias em quadrinhos podem ser uma ferramenta poderosa para modificar atitudes preconceituosas e promover maior compreensão e empatia em relação a indivíduos com TEA e esquizofrenia.

Discussão. A pesquisa discutiu os resultados à luz da Análise do Comportamento, destacando que as mudanças de atitude observadas podem ser influenciadas por fatores como a desejabilidade social e a aparência dos personagens. A narrativa gráfica se mostrou eficaz em engajar os leitores e promover reflexões sobre comportamentos discriminatórios, contribuindo para uma maior conscientização e potencial mudança de atitudes.

Conclusão. O livro conclui que histórias em quadrinhos podem ser utilizadas de forma eficaz para educar e modificar atitudes em relação a questões sociais complexas, como a inclusão de pessoas com transtornos do neurodesenvolvimento. As narrativas gráficas oferecem uma maneira acessível e envolvente de abordar preconceitos e promover uma sociedade mais inclusiva.

Palavras-chave: histórias em quadrinhos, transtorno do espectro autista (TEA), esquizofrenia, preconceito, mudança de atitude, escala de diferencial semântico.

Abstract

Objective of the Book. The book investigates how comic books can be used as tools to alter attitudes and perceptions toward fictional characters representing different roles in discrimination scenarios. Specifically, it analyzes the impact of observing discriminatory behaviors and information about disorders such as Autism Spectrum Disorder (ASD) and schizophrenia on changing readers' attitudes.

Methodology. The study described in the book used a single-subject experimental design with self-control, where participants were exposed to comic books depicting discrimination situations. Participants evaluated the characters before and after reading the stories, using a semantic differential scale. This scale measured participants' attitudes toward the characters at various points in the study, allowing for analysis of how exposure to the graphic narrative affected their perceptions.

Results. The results indicated that reading the comic books was effective in promoting changes in participants' attitudes. Characters exhibiting discriminatory behaviors were evaluated negatively after reading, while characters who were victims of discrimination received more positive evaluations. These findings suggest that comic books can be a powerful tool for modifying prejudiced attitudes and promoting greater understanding and empathy toward individuals with ASD and schizophrenia.

Discussion. The research discussed the results in the light of Behavior Analysis, highlighting that the observed attitude changes could be influenced by factors such as social desirability and the appearance of the characters. The graphic narrative proved effective in engaging readers and promoting reflections on discriminatory behaviors, contributing to greater awareness and potential attitude change.

Conclusion. The book concludes that comic books can be effectively used to educate and modify attitudes regarding complex social issues, such as the inclusion of people with neurodevelopmental disorders. Graphic narratives offer an accessible and engaging way to address prejudices and promote a more inclusive society.

Keywords: Comic books, Autism Spectrum Disorder (ASD), schizophrenia, prejudice, attitude change, semantic differential scale.

Introdução

Este livro explora o uso inovador de histórias em quadrinhos (HQs) como uma ferramenta para analisar a mudança de atitude no contexto da discriminação. As HQs oferecem uma oportunidade única para apresentar situações discriminatórias de forma envolvente, permitindo que os leitores se conectem com os personagens e reflitam sobre as implicações de seus comportamentos. A pesquisa se concentra em como a observação de personagens fictícios em cenários discriminatórios, por meio da leitura de HQs, pode influenciar as atitudes dos indivíduos em relação a grupos marginalizados. As HQs, com sua capacidade de combinar elementos visuais e textuais, proporcionam uma experiência imersiva que pode aumentar a empatia e promover a mudança social.

O conceito de atitudes/preconceito para a Análise do Comportamento

Mizael et al. (2016), definiram atitude como “a avaliação de pessoas, objetos e eventos, mesmo na ausência de qualquer experiência direta com tais estímulos” (p.126). Avaliar é atribuir um adjetivo, seja ele positivo ou negativo, ou seja, ao dizer que algo é bom ou que algo é ruim, está se atribuindo uma avaliação, e portanto uma atitude, positiva ou negativa, respectivamente, a esse algo avaliado.

O preconceito, para a psicologia social, onde mais comumente é estudada, é definido como uma atitude hostil ou aversiva contra uma pessoa que faça parte de um outro grupo social, simplesmente porque ele pertence a este grupo, e pressupondo também a existência de pré-julgamentos ou estereótipos (Nunes et al., 2011).

Porém, nos experimentos presentes neste livro, o conceito de preconceito aplicado foi definido através da Análise do Comportamento. Para poder especificar a definição de preconceito, é preciso primeiro definir o conceito de atitude.

Desta forma, Mizael e de Rose (2017, p. 1) definem o preconceito como “um conjunto de atitudes negativas com relação à indivíduos que possuem determinadas características físicas, cor ou etnia (...)”, ou seja, uma atitude negativa direcionada a um grupo particular e fundamentada em estereótipos e generalizações.

Contudo, através dos conceitos estabelecidos através da análise do comportamento, foi chegado a um impasse. Se avaliar é atribuir um adjetivo, uma frase originalmente preconceituosa, onde é substituído o adjetivo por um verbo, deixa de representar uma atitude negativa ou um preconceito, a determinado grupo? Por exemplo, o comportamento de falar “Todos os ateus são desconfiáveis” é uma atitude preconceituosa, visto que é uma avaliação (atribuição de adjetivo) depreciativa e negativa de um determinado grupo. Ao se dizer “Eu não confio em nenhum ateu”, segundo a definição de atitude utilizada nos experimentos, esse comportamento não é definido como preconceito. Alterar o adjetivo para um verbo é uma das limitações dessa definição, assim como usar um adjetivo no negativo, como por exemplo “Ateus não são confiáveis”. O mesmo se aplica

para associações de estímulos, figuras ou atribuições, como por exemplo, tratar alguém como se ele fosse ateu pelo modo como se veste ou pelas músicas que escuta.

Todos os conceitos possuem limitações, e desta forma, chegamos ao limite da definição de preconceito usada nos experimentos deste livro. Uma recomendação para estudos futuros seria alterar o conceito de avaliação, visto que ele é a base desta problemática.

Atitudes e equivalência de estímulos

O que é equivalência?

Na Análise do Comportamento, as relações de equivalência (Sidman & Tailby, 1982; Sidman, 1994) podem ser definidas como sendo o resultado de um processo de emparelhamento de estímulos no qual estímulos fisicamente diferentes adquirem funções semelhantes. Essa característica difere esse processo do processo de generalização, no qual estímulos topograficamente similares passam a operar da mesma forma sobre determinado organismo.

Para que seja atestada a formação de classes de equivalência, é necessário que os estímulos emparelhados apresentem as propriedades de reflexividade, simetria e transitividade. A propriedade de reflexividade diz respeito ao fato de que um determinado estímulo deve ser igual a ele mesmo (e.g., $A = A$). Já a propriedade de simetria, demonstra uma relação bidirecional entre os estímulos (e.g., se $A = B$, então $B = A$). Por fim, a propriedade de transitividade refere-se à transferência de função de um estímulo para um novo estímulo que não foi emparelhado diretamente com ele. Essa relação é formada através da associação com estímulos intermediários, que determinam a distância nodal (e.g., se $A = B$ e $B = C$, então $A = C$). Assim, para constatar que foi criada uma relação de equivalência entre A e C, deve-se confirmar que as equivalências $A = C$ e $C = A$ foram devidamente compreendidas considerando as relações $A = B$ e $B = C$.

Para um exemplo mais prático, imaginemos uma pessoa A que não tem muito conhecimento de pessoas autistas e as considere intelectualmente inferiores (então temos uma relação onde autista = intelectualmente inferior). Essa pessoa também considera que ser intelectualmente inferior faz de alguém uma pessoa incapaz para realizar atividades complexas (temos mais uma relação, onde intelectualmente inferior = incapaz). Um dia, a pessoa A conhece uma pessoa B e eventualmente descobre que a pessoa B é autista ($B = \text{autista}$). Essa pessoa A pode estabelecer uma relação de equivalência na qual $B = \text{autista} = \text{intelectualmente inferior} = \text{incapaz}$. Por meio dessa relação, ela deve então concluir que B é incapaz e, quando pensar em incapacidade, é possível que se lembre da pessoa B.

Nota-se que, no cotidiano, as classes de equivalência são naturalmente formadas à medida em que associamos diferentes objetos de atitude e atribuímos os mais diversos significados a eles. Vários estudos também demonstraram que essas classes de equivalência entre estímulos escolhidos arbitrariamente podem ser criadas de forma artificial, como, por

exemplo, por meio de treinamentos utilizando a técnica de pareamento ao modelo (MTS) (Mizael et al., 2016; Pereira & Moreira, 2021; Dixon & Lemke, 2007).

HQs, EDS e estudo das atitudes

Atitudes muito firmes tendem a resistir às tentativas de mudança. Quando as pessoas são expostas a argumentos persuasivos contra essas atitudes, frequentemente formulam contra-argumentos, ignoram o persuasor, selecionam seletivamente informações que confirmam suas crenças ou até mesmo experimentam irritação (Murrar & Brauer, 2019).

Existe uma extensa literatura científica sobre como mudar atitudes resistentes. Infelizmente, esta literatura parece ser ignorada por muitos educadores, empregadores, decisores políticos e, por vezes, até investigadores que propuseram iniciativas de pró diversidade ou métodos de redução de preconceitos (Murrar & Brauer, 2019).

Murrar & Brauer (2019) sugerem que os métodos baseados em narrativas reduzem os preconceitos que abordem eficazmente o problema da resistência das atitudes intergrupais

Uma narrativa é uma sequência de eventos que são conectados por meio de personagens e geralmente possuem começo, meio e fim. Métodos baseados em narrativas para criar atitudes interpessoais positivas transmitem mensagens para o público por meio de diversos formatos, como televisão, YouTube, rádio, podcasts, livros, quadrinhos e pinturas (Murrar & Brauer, 2019).

Através da narrativa, os indivíduos podem compartilhar experiências, transmitir conhecimentos, expressar emoções e explorar questões complexas. Ela desempenha um papel fundamental na construção de identidades individuais e coletivas, na transmissão de tradições culturais, na formação de opiniões e na criação de conexões entre as pessoas (Moreira et al., 2023).

O procedimento de treino com histórias em quadrinhos opera da seguinte maneira: as situações, falas e comportamentos que já pertencem a classes de equivalência, ou seja, que já possuem um significado, são emparelhadas a personagem, figuras aleatórias, que funcionam como estímulos inicialmente sem significados algum no que diz respeito a atitudes.

Quando na história em quadrinhos, o personagem comete um ato misógino, este procedimento é similar a pareamento ao modelo (MTS), em outras palavras, temos um estímulo com significado, sendo emparelhado a outro sem significado, o personagem. Quando isto acontece, temos visto nas pesquisas que a atitude do participante em relação ao personagem se modifica, e se modifica no sentido de ficar parecido com sua a atitude em relação ao ato cometido.

Nesse sentido, contextos experimentais que abordam o preconceito têm utilizado histórias em quadrinhos como estratégia metodológica para treino de relações condicionais discriminadas semelhante ao procedimentos match to sample (MTS), com avaliações em

escalas de diferencial semântico em pré-teste e pós-teste para pesquisar transferência de função e atitudes .

Para essa finalidade, eles empregaram a técnica de diferencial semântico desenvolvida por Osgood (1957), conforme citado por Almeida et al. (2014). Essa técnica tem como propósito mensurar os significados atribuídos pelas pessoas a representações diversas, incluindo palavras, fotografias, desenhos e outros tipos de estímulos. O instrumento consiste em escalas bipolares, em que adjetivos opostos são posicionados nas extremidades e separados por sete intervalos intermediários.

De acordo com Moreira et al. (2022), a Escala de Dominância Social (EDS) foi validada no ano de 2014, constituída por 13 conjuntos de adjetivos contrastantes, a saber: "Triste/Alegre, Relaxado/Tenso, Áspero/Liso, Lento/Rápido, Bonito/Feio, Leve/Pesado, Negativo/Positivo, Ativo/Passivo, Macio/Duro, Mau/Bom, Agradável/Desagradável, Pobre/Rico e Dominante/Submisso." Essa escala utiliza o formato Likert de sete pontos. A distribuição dos conjuntos de adjetivos entre o Fator 1 e o Fator 2 foi determinada com base nos coeficientes alfa de cada par, indicando a precisão. Segundo Almeida et al. (2014), Fator 1 foi considerado altamente confiável, enquanto Fator 2 apresentou confiabilidade moderada, seguindo critérios de Nunnally (1978, citado por Almeida et al., 2014). Desse modo, os adjetivos relacionados ao Fator 1 abordam características físicas e emocionais, incluindo: Triste/Alegre, Relaxado/Tenso, Áspero/Liso, Bonito/Feio, Leve/Pesado, Negativo/Positivo, Macio/Duro, Mau/Bom, Agradável/Desagradável. Em contraste, os adjetivos do Fator 2 refletem atributos de poder, tais como: Ativo/Passivo, Lento/Rápido, Pobre/Rico e Dominante/Submisso.

Os resultados de uma pesquisa realizada por Moreira et al. (2022, experimento 1) indicaram uma mudança de atitude em relação aos personagens fictícios após a leitura das histórias em quadrinhos. Ou seja, esse estudo sugere que a leitura desse tipo de material tem a capacidade de influenciar as percepções e atitudes dos indivíduos em relação aos personagens fictícios.

Capacitismo

O capacitismo, conforme Mello (2016), se consubstancia por meio de atitudes preconceituosas que hierarquizam sujeitos em função da adequação de seus corpos a um padrão ideal de beleza e capacidade funcional. Com base no preconceito em relação à capacidade, ocorre a discriminação de indivíduos com deficiência. Portanto, o capacitismo pode ser compreendido como um viés dirigido contra pessoas com deficiência, uma vez que a sociedade tende a valorizar indivíduos e corpos de acordo com padrões convencionais. Em outras palavras, aqueles que não se encaixam nesse padrão tido como normal são privados do direito de participação plena na sociedade devido a barreiras de atitude. Conforme definido na Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), as barreiras atitudinais são comportamentos ou atitudes que impedem ou prejudicam a integração social de pessoas com deficiência em igualdade de oportunidades com os demais indivíduos.

O capacitismo no autismo pode se manifestar de várias maneiras, como a falta de acomodações adequadas, estigmatização e bullying, falta de sensibilidade na comunicação, falta de oportunidades de aprendizado, estereótipos e rótulos negativos. Muitas crianças podem ser alvo de bullying e discriminação por causa de suas diferenças, o que prejudica sua autoestima e bem-estar emocional (Mello, 2014)

Em suma, o capacitismo, que se baseia em preconceitos enraizados na ideia de superioridade de corpos e capacidades consideradas normais, perpetua a exclusão e a discriminação contra pessoas com deficiência, incluindo aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa forma de discriminação se reflete em diversas áreas da vida, desde a falta de acesso a recursos e oportunidades até o estigma social e o bullying. Reconhecer e combater o capacitismo é fundamental para promover uma sociedade verdadeiramente inclusiva, onde todos tenham igualdade de oportunidades e sejam valorizados independentemente de suas capacidades ou diferenças.

Legislação

Autismo

Conforme a Lei 12.764, aprovada em 27 de dezembro de 2012, no Brasil, que regulamenta a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), os indivíduos com TEA são caracterizados como pessoas com deficiência e possuem direitos ao acesso ao mercado de trabalho (Brasil, 2012).

Conforme definido na Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), as barreiras atitudinais são comportamentos ou atitudes que impedem ou prejudicam a integração social de pessoas com deficiência em igualdade de oportunidades com os demais indivíduos. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), é destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

O Projeto de Lei 1727/22, que visa assegurar vagas de estacionamento para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em shoppings e espaços públicos. De acordo com a proposta, estabelecimentos com mais de 100 vagas devem reservar no mínimo 2% delas para esse público específico.

Para utilizar a vaga especial, será necessário apresentar a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), conforme estabelecido pela Lei 13.977/20.

Esquizofrenia

A lei n. 8.213 (1991), art. 93 determina "A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos

com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência”, porém, a esquizofrenia não é considerada uma deficiência mental pelos profissionais de saúde e, até 2008, também não era considerada uma deficiência para benefício das cotas de trabalho. Somente em 2015, através da Lei Brasileira de Inclusão - Estatuto da Pessoa com Deficiência, artigo 2, o novo conceito de deficiência foi incorporado: “Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

Referências bibliográficas

Brasil. (1991). Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. Diário oficial da união. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm

Dixon, M. R., & Lemke, M. (2007). Reducing Prejudice towards Middle Eastern Persons as Terrorists. *European Journal of Behavior Analysis*, 8(1), 5–12. <https://doi.org/10.1080/15021149.2007.11434269>

Mello, A. (2014). Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência. (Master's thesis, Florianópolis, SC)

Mello, A. G. de (2016). Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(10), 3265–3276. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>

Mizael, T. M., de Almeida, J. H., Silveira, C. C., et al. (2016). Changing Racial Bias by Transfer of Functions in Equivalence Classes. *Psychol Rec*, 66, 451–462. <https://doi.org/10.1007/s40732-016-0185-0>

Mizael, T. M., & de Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 25(3), 365-377. <https://www.redalyc.org/journal/2745/274552568005/html/>

Mizael, T. M., dos Santos, S. L., & de Rose, J. C. C. (2016). Contribuições do paradigma de equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. *Interação em Psicologia*, 20(2), 124-134.

Nunes, A. V. D. L., & Camino, L. (2011). Atitude político-ideológica e inserção social: fatores psicossociais do preconceito. *Psicologia & Sociedade*, 23, 135-143. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100015>

Pereira, P. B. G., & Moreira, M. B. (2021). Transferência de Atitudes em Relação a Presidentes da República. *Acta Comportamentalia. Revista Latina de Análisis Del*

Comportamiento, 29(4). Recuperado de <https://revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/80318>

Sidman, M. (1994). *Equivalence Relations and Behavior: A Research Story*. Boston: Authors Cooperative.

Sidman, M., & Tailby, W. (1982). Conditional discriminations vs. matching-to-sample: An expansion of the testing paradigm. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 37, 5–22.

Mudança de atitude frente a um cenário de discriminação contra a esquizofrenia no mercado de trabalho

Pesquisador responsável: Gustavo Pacheco Cardoso

Apresentação da pesquisa: <https://youtu.be/30xNCztkdQk>

Resumo

Objetivo. O objetivo do presente estudo é estudar o efeito da observação de comportamentos discriminatórios contra pessoas com transtorno de esquizofrenia no mercado de trabalho na mudança de atitude em relação a personagens fictícios com diferentes papéis através de uma história em quadrinhos.

Método. Os três participantes foram selecionados por conveniência em uma instituição de ensino superior, sendo três homens com idades entre 19 e 25 anos. O delineamento utilizado foi de sujeito único, com um procedimento dividido em três momentos: 1) pré-teste, em que foi aplicado a escala de diferencial semântico para cada personagem da história em quadrinhos; 2) leitura da história em quadrinhos; e 3) pós-teste 1, 2 e 3, idênticos ao pré-teste, porém, aplicado após a finalização da leitura de cada capítulo da história.

Resultados. Os resultados sugerem que a exposição à história em quadrinhos foi capaz de causar mudanças de atitudes nos participantes em relação aos personagens de forma específica para o papel desempenhado na história. Personagens com funções de discriminação tiveram uma atitude direcionada negativa, enquanto a vítima da discriminação teve uma avaliação positiva em sua maior parte.

Discussão. Os resultados foram, na maior parte, como o esperado. Fatores como desejabilidade social, aparência do personagem e contexto da história podem ter afetado a atitude dos participantes direcionada aos personagens.

Palavras-chave: Atitude, Escala de Diferencial Semântico, Esquizofrenia, História em Quadrinhos, Mercado de Trabalho, Preconceito

Abstract

Objective. The aim of the present study is to investigate the effect of observing discriminatory behaviors against individuals with schizophrenia in the workplace on attitude change towards fictional characters with different roles through a comic book narrative.

Method. Three participants were conveniently selected from a higher education institution, all three being males aged between 19 and 25 years. The design employed was single-subject, with a procedure divided into three phases: 1) pre-test, where a semantic differential scale was administered for each character in the comic book; 2) reading of the comic book narrative; and 3) post-tests 1, 2, and 3, identical to the pre-test but administered after the completion of each chapter of the comic book.

Results. The findings suggest that exposure to the comic book narrative was able to induce attitude changes in participants towards the characters, specifically based on the roles portrayed in the story. Characters with discriminatory roles elicited negative attitudes, while the victim of discrimination was predominantly evaluated positively.

Discussion. The results largely aligned with expectations. Factors such as social desirability, character appearance, and story context may have influenced participants' attitudes towards the characters.

Keywords: Attitude, Semantic Differential Scale, Schizophrenia, Comic Book, Workplace, Prejudice

Introdução

O DSM-5 define como esquizofrenia (esquizo = divisão, phrenia = mente) um quadro clínico que contém “dois (ou mais) dos itens a seguir, cada um presente por uma quantidade significativa de tempo durante um período de um mês (ou menos, se tratados com sucesso). Pelo menos um deles deve ser (1), (2) ou (3): 1. Delírios. 2. Alucinações. 3. Discurso desorganizado. 4. Comportamento grosseiramente desorganizado ou catatônico. 5. Sintomas negativos (i.e., expressão emocional diminuída ou avolia)” (American Psychiatric Association, 2023, p. 113).

Os primeiros sinais do transtorno aparecem, geralmente, durante a adolescência ou início da fase adulta, porém, em mulheres existem casos em que os sintomas só começam durante a menopausa. O quadro pode surgir de forma abrupta, porém, mais comumente surge através de sintomas pouco específicos, como: perda de energia, falta de iniciativa, isolamento, negligências com aparência pessoal e higiene e comportamentos inadequados. Os sintomas mais característicos da doença podem demorar semanas ou meses para surgirem (Silva, 2006).

Até 1952 não existiam medicamentos para tratar a esquizofrenia, a estratégia de tratamento para pessoas com esse transtorno era confina-los em hospitais ou asilos pelo resto de suas vidas (Alves & Silva, 2001). A clorpromazina foi o primeiro medicamento usado para o tratamento da esquizofrenia, com ação sobre os sintomas psicóticos. Essa medicação, assim como outros antipsicóticos convencionais ou típicos, apresenta efeitos colaterais diversos, como: bloqueio dos mecanismos de recompensas, falta de motivação, apatia, parkinsonismo (caracterizado por rigidez muscular, redução das expressões faciais, tremores e lentidão de movimentos), discinesia tardia (movimentos involuntários e repetitivos da boca e língua), elevação da prolactina e muitos outros (Stahl, 2014).

Esse número elevado de efeitos colaterais causa impactos altamente aversivos ao paciente, esses efeitos ocorrem devido ao mecanismo de ação dos antipsicóticos agir sobre a dopamina. Como o medicamento é um antagonista da dopamina, ou seja, diminui a liberação desse neurotransmissor no sistema nervoso central, as consequências são bem marcantes. Atualmente, existem diversas opções de medicamentos para o tratamento da esquizofrenia, divididos em duas classes: os antipsicóticos típicos (com diversos efeitos colaterais) e os atípicos (Stahl, 2014).

Os antipsicóticos atípicos possuem bem menos efeitos colaterais pois o mecanismo de ação dos medicamentos envolve o antagonismo tanto da dopamina, quanto da serotonina. Alguns desses medicamentos têm como possíveis efeitos colaterais: cefaléia, sonolência, tontura e ganho de peso, porém há uma incidência baixa desses sintomas. Os antipsicóticos convencionais ou típicos apresentam possíveis consequências e riscos muitos maiores, porém, continuam sendo mais utilizados no tratamento da esquizofrenia devido ao alto custo dos antipsicóticos atípicos. (Oliveira, 2000).

Além da medicação, o tratamento da esquizofrenia, um transtorno que não tem cura, deve envolver acompanhamento psicoterapêutico e médico (Andrade, 2015). Desta forma, é possível que uma pessoa que sofre desse transtorno possa viver sua vida normalmente, conseguindo trabalhar e até mesmo construir uma família. Um aspecto importante para a reabilitação dessa pessoa para o convívio social é a reinserção no mercado de trabalho, já que o isolamento pode piorar a condição e o trabalho pode ter aspectos terapêuticos para pessoas com transtornos mentais. A falta de um trabalho pode ser um potencializador de sofrimento, tendo em vista o alto valor que a sociedade dá ao trabalho e que ele simboliza prosperidade (Silva, 2015, citado por Corrêa, 2019).

Porém, essa imersão no mercado de trabalho não é tão simples, visto que ocorre uma estigmatização do transtorno. Segundo Wagner et al. (2015), tanto no âmbito familiar quanto na sociedade em geral, vemos uma crescente percepção negativa sobre as capacidades e possibilidades do portador de transtornos mentais. A falta de conhecimento sobre o transtorno justifica uma exclusão, associando doenças mentais à desorganização e violência. A própria terminologia, impregnada de preconceito, valida a necessidade de rejeição. Empregadores se resguardam, de maneira precipitada, diante de uma ameaça imaginária, criando obstáculos para o ingresso dessas pessoas no mercado de trabalho. Embora nem todos estejam aptos a desempenhar atividades profissionais, uma considerável parcela teria a capacidade de trabalhar e contribuir para a sociedade.

Para os propósitos deste estudo, o conceito de atitude e preconceito utilizado serão referentes à Análise do Comportamento, como mostrados na introdução deste livro. Mizael et al. (2016), definiu atitude como “a avaliação de pessoas, objetos e eventos, mesmo na ausência de qualquer experiência direta com tais estímulos” (p.126). Avaliar é atribuir um adjetivo, seja ele positivo ou negativo. Mizael e de Rose (2017, p. 1) definem o preconceito como “um conjunto de atitudes negativas com relação à indivíduos que possuem determinadas características físicas, cor ou etnia (...)”, ou seja, uma atitude negativa direcionada a um grupo particular e fundamentada em estereótipos e generalizações.

O experimento 5 do estudo de Moreira et al. (2023) teve como objetivo: “investigar o efeito da observação de um comportamento discriminatório em relação à inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no mercado de trabalho sobre a mudança de atitude relacionada a personagens fictícios, por meio da leitura de história em quadrinhos, a partir de avaliações segundo escala de diferencial semântico” (p. 277). O experimento contou com 3 participantes, estudantes universitários jovens, que foram expostos à leitura de uma história em quadrinhos, realizando a Escala de Diferencial Semântico e avaliando os personagens antes (pré-teste) e após a conclusão da leitura (pós-teste). Esse experimento mostrou que uma história em quadrinhos é capaz de gerar mudança de atitude em pessoas frente a comportamentos discriminatórios contra um transtorno no mercado de trabalho.

Este estudo se justifica cientificamente devido à necessidade de uma maior conscientização sobre a necessidade da imersão de pessoas com transtornos mentais, mais especificamente a esquizofrenia, no mercado de trabalho. Há uma estigmatização de que pessoas com transtornos mentais são incapazes de serem produtivas no ambiente profissional, porém, além dessa visão estar errada em muitos dos casos de esquizofrenia em tratamento, a

imersão no mercado de trabalho é uma parte essencial da reabilitação do paciente. Deste modo, essa temática é muito importante devido à necessidade de uma mudança de atitude geral da população em relação ao transtorno.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo estudar o efeito da observação de comportamentos discriminatórios contra pessoas com transtorno de esquizofrenia no mercado de trabalho na mudança de atitude em relação a personagens fictícios com diferentes papéis através de uma história em quadrinhos.

Método

Delineamento

Foi utilizado o delineamento de sujeito único, em que o participante passará por todas as fases do experimento. O delineamento foi composto por 4 fases distintas que ocorreram ao longo de uma sessão de aproximadamente 20 minutos, estas fases são: (1) pré-teste, que consistiu na avaliação dos personagens da histórias em quadrinhos (HQ) por meio da escala de diferencial semântico; (2) pós-teste 1, que envolveu a leitura da HQ até o final da cena 1 e posteriormente a aplicação do mesmo teste utilizado no pré-teste; (3) pós-teste 2, que envolveu a leitura da HQ até o fim da cena 2 e, após a leitura, realização do mesmo teste utilizado no pré-teste e pós-teste 1; (4) pós-teste 3, que envolveu a leitura da HQ até o fim da história e após a conclusão da leitura foi realizado o mesmo teste aplicado no pré-teste e no pós-teste 1 e 2.

Esse delineamento é o ideal para a observação da mudança de atitude, visto que o mesmo participante será exposto a uma história em quadrinhos com situações de preconceito e fará testes que permitam medir a mudança de atitude em relação aos personagens à medida que a história avança.

Variável independente

A variável independente (VI) é aquela que é manipulada ou controlada pelo pesquisador (Sampaio et al., 2008). Neste estudo a VI consiste na exposição a cenas de comportamento discriminatório envolvendo personagens fictícios.

Nome: Interações de personagens em uma história em quadrinhos.

Descrição: Falas com conteúdo discriminatório contra uma pessoa com transtorno esquizofrênico.

Manipulação da variável independente: Exposição dos participantes à história em quadrinhos.

Valores da variável independente: Para cada personagem, foram utilizados diferentes valores de variável independente.

Personagem 1 - João: 1) sem exposição à cena; 2) exposição às cenas nas quais João é alvo de atos discriminatórios do Entrevistador e de Marcos; 3) exposição às cenas nas quais João é amigável com Marcos.

Personagem 2 - Marcos: 1) sem exposição à cena; 2) exposição às cenas nas quais Marcos realiza atos discriminatórios com João; 3) exposição às cenas nas quais Marcos é amigável com João.

Personagem 3 - Entrevistador: 1) sem exposição à cena; 2) exposição às cenas nas quais o Entrevistador realiza atos discriminatórios com João.

Variável dependente

A variável dependente (VD) é aquela que é medida pelo pesquisador (Sampaio et al., 2008). Neste estudo a VD é a mudança de atitude em relação aos personagens fictícios da HQ, que foi medida pela Escala de Diferencial Semântico.

Nome: Atitude

Descrição: Mudança de atitude em relação a personagens fictícios.

Topografia: Clicar sobre uma das opções em uma escala tipo Likert em um formulário.

Mensuração: A atitude foi medida através da Escala de Diferencial Semântico.

Valores: Poderia assumir valores variando entre 1 e 7.

Participantes

Os três participantes da pesquisa foram selecionados por conveniência em uma instituição de ensino superior. Os participantes são três homens com idades entre 19 e 24 anos.

Procedimentos éticos

O TCLE foi enviado por e-mail para o participante, para que o mesmo o assinasse e enviasse de volta por e-mail.

Local

Os participantes foram selecionados em uma instituição de ensino superior, porém, o procedimento foi realizado de forma online através da plataforma Google Meets em dias agendados juntamente dos participantes.

O experimento foi aplicado em um quarto silencioso com uma cadeira, mesa e computador. Foi solicitado ao participante que realizasse o procedimento em um ambiente com pouca possibilidade de distrações e através de um computador.

Materiais

Google Forms

Foi utilizado para aplicação dos questionários do pré-teste, pós-teste 1, 2 e 3.

Google Meets

Foi utilizado como plataforma de comunicação para apresentação da história em quadrinhos e forma de envio dos links dos formulários com os testes.

Slides

Os quadrinhos da HQ foram apresentados ao participante através de slides. Cada slide continha um quadrinho da HQ e foi apresentado por 10 segundos, para leitura, visualização e entendimento completo do leitor.

Pixton

Para criação dos personagens e da HQ, foi utilizado o site Pixton.

Instrumento

Escala de Diferencial Semântico

É uma escala muito utilizada para medir a atitude em relação a algo que consiste em uma série de pares de adjetivos opostos, em que o participante deve selecionar o ponto que melhor represente a sua avaliação, de 1 a 7. Os adjetivos negativos ficam localizados na extremidade 1 e os positivos na extremidade 7. São 13 pares de adjetivos, em que os 9 primeiros são classificados como adjetivos de avaliação, sendo eles: triste-alegre, tenso-relaxado, áspero-liso, feio-bonito, pesado-leve, negativo-positivo, duro-macio, mau-bom e desagradavel-agradável. Os 4 pares de adjetivos restantes são classificados como de potência, sendo eles: lento-rápido, passivo-ativo, pobre-rico e submisso-dominante (Moreira et al., 2023).]

História em Quadrinhos

Personagens

A história tem três personagens: João, com função de vítima, participante de um processo seletivo com transtorno de esquizofrenia, Marcos, com função, tanto de apoiador, quanto de agressor sutil e de redenção, participante de um processo seletivo sem transtorno de esquizofrenia e o Entrevistador, com função de agressor. A Figura 1 apresenta os três personagens da história em quadrinhos.

Figura 1. Personagens usados na história em quadrinhos.



Enredo

A história se passa em um processo seletivo, em que João e Marcos são concorrentes. A princípio, no primeiro capítulo, será estabelecido uma relação amigável entre eles, enquanto esperam serem chamados para a entrevista. No segundo capítulo, os dois são chamados para a entrevista juntos e acontece um confronto entre João e o Entrevistador, que terá ações discriminatórias contra João ao descobrir que ele possui transtorno de esquizofrenia. Marcos ficará em silêncio na maior parte do confronto, fazendo um comentário agressivo de forma sutil e expressando seu conhecimento leigo sobre o transtorno. No terceiro capítulo, Marcos se arrependerá de não ter defendido João, desistirá da vaga que já era sua e vai mostrar seu apoio a João.

O gibi

A história em quadrinhos foi apresentada ao participante em slides, 1 quadro por vez, mas a seguir será apresentado em formato de gibi para facilitar a leitura.



Olá, meu nome é Gustavo e eu serei seu assistente pessoal nessa pesquisa



A primeira parte da entrevista consiste em responder um questionário



Você irá avaliar três personagens da história em quadrinhos. Você ainda não os conhece, mas não tem problema



As instruções para responder estarão no próprio questionário. Vamos lá?



Agora que você já respondeu, você irá ler uma história em quadrinhos com os personagens que estavam no questionário



Cada quadrinho passará automaticamente a cada 15 segundos

Fique atento às falas e características dos personagens

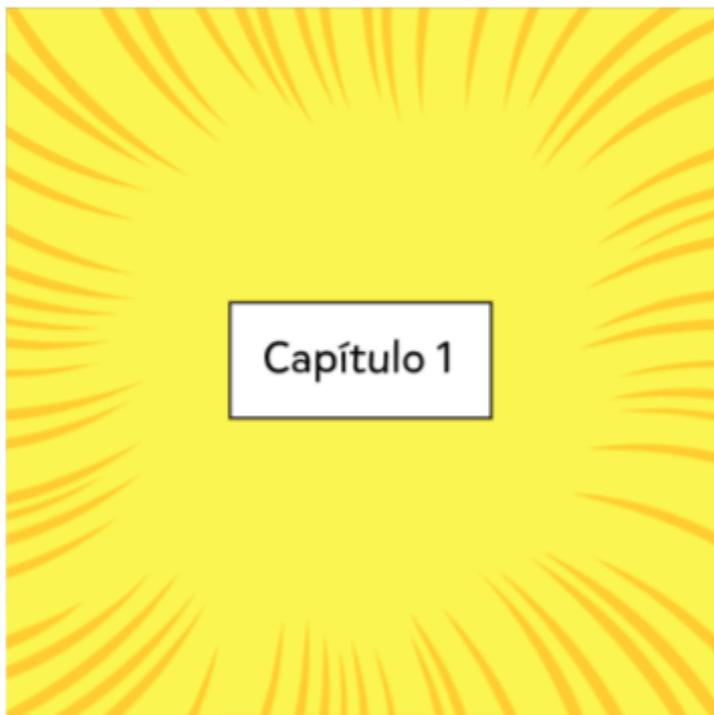


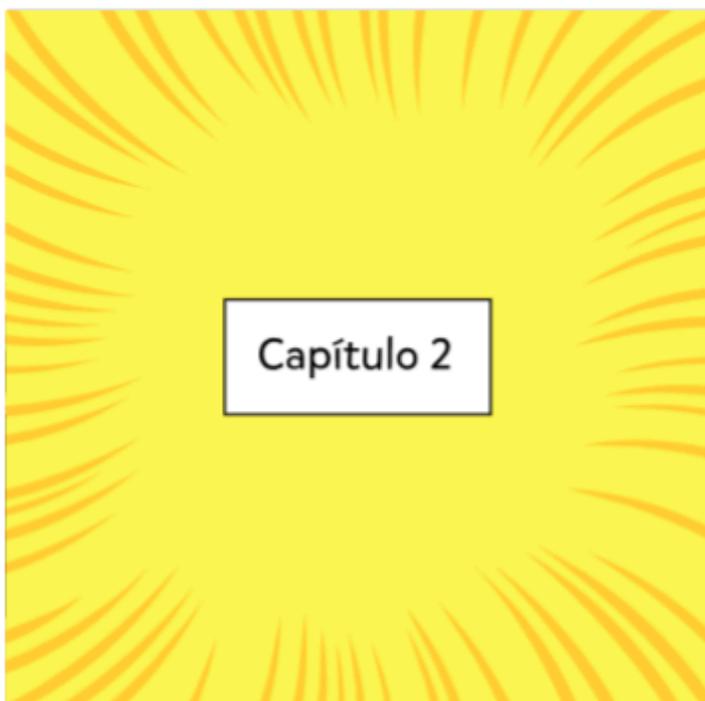
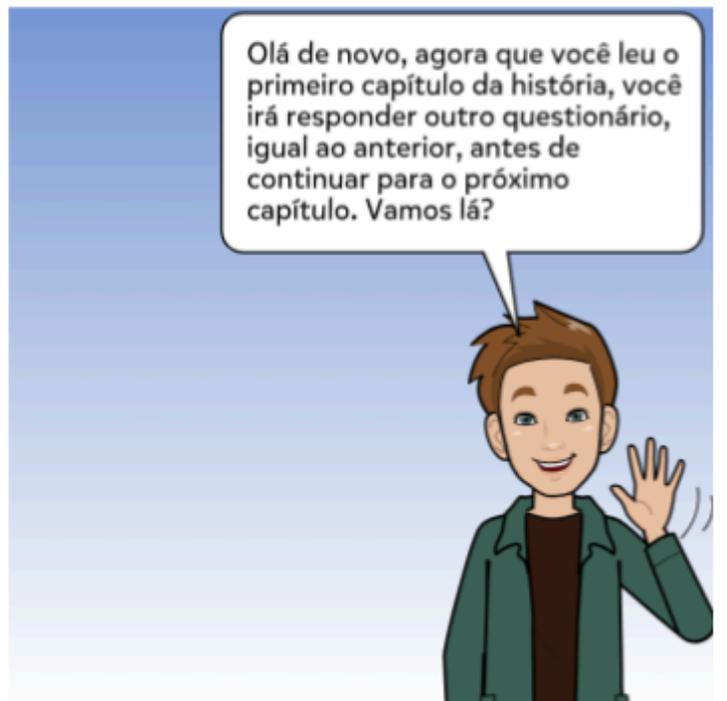
Vamos iniciar a história em quadrinhos



A entrevista









Mas me digam, por que vocês querem trabalhar aqui?



A empresa é conhecida por ser uma referência no mercado e sei que poderia aprender muito trabalhando aqui.



Acredito que com minhas habilidades posso agregar muito à empresa e ouvi relatos de que é uma empresa muito inclusiva.



Sim, é verdade. Por que isso é tão importante para você?



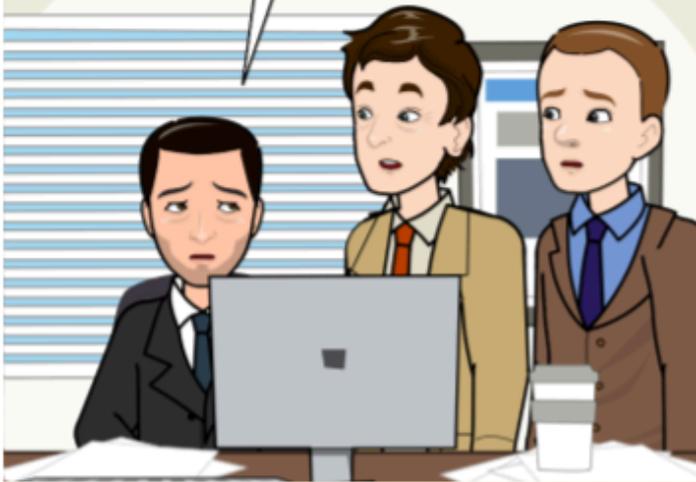
Eu tenho esquizofrenia, o que é um transtorno muito estigmatizado e sei que pessoas com esse transtorno sofrem muito para conseguir empregos.



Esquizofrenia? Isso não é uma condição grave?

Sim, mas eu estou em tratamento e tive completa remissão dos meus sintomas.

Pelo visto a vaga é sua Marcos, não queremos pessoas com esse transtorno trabalhando na empresa.



Isso é injusto, eu sou perfeitamente capaz de cumprir minhas responsabilidades.



Mas o transtorno não o impede de nenhuma forma? Deve ser perigoso trabalhar com alguém com esquizofrenia.



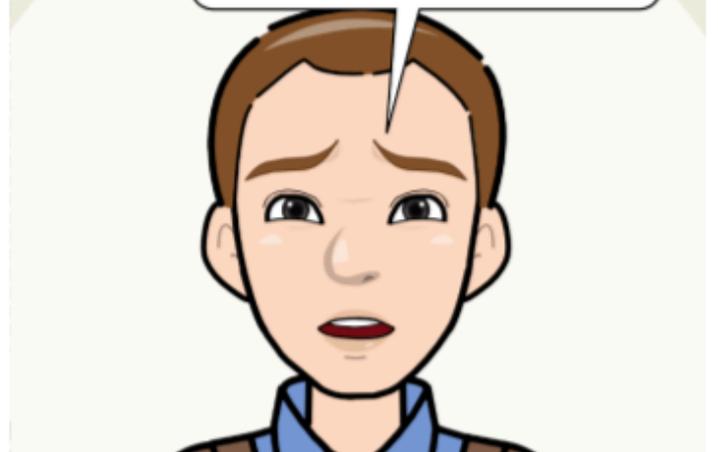
Não consigo confiar em alguém como ele no mesmo espaço de trabalho que eu, minha decisão já foi tomada.



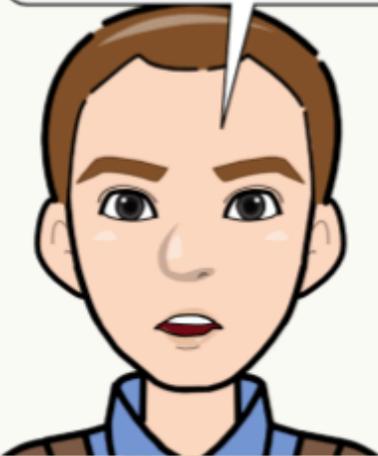
Isso deve ser brincadeira! Estou tomando medicamento, faço acompanhamento médico e psicológico e estou mais que pronto para voltar ao mercado de trabalho.



Esse é um passo extremamente importante para pessoas com esquizofrenia, ter um emprego é crucial para a saúde psicológica e nós deveríamos receber apoio ao invés de discriminação.



Podemos ter trabalhos e construir famílias normalmente, os medicamentos já avançaram muito nos últimos anos, pelo visto o que não avançou foi essa visão antiquada e estereotipada de vocês.



Vá embora seu maluco, já falei que a vaga é de Marcos.



A história está chegando ao fim, antes de ler o último capítulo você irá responder outro questionário, igual aos anteriores. Vamos lá?



Capítulo 3

Alguns minutos depois, do lado de fora da empresa, enquanto João espera por seu ônibus...



Ainda bem que te encontrei! Queria pedir desculpas, dei uma pesquisada na internet e eu desconhecia muito sobre o transtorno.





Sinto muito que você tenha passado por aquilo, pessoas com esquizofrenia realmente podem e devem voltar ao mercado de trabalho.



Não posso trabalhar em um lugar assim, um lugar que não valoriza a diversidade e a inclusão. Abri mão da vaga.



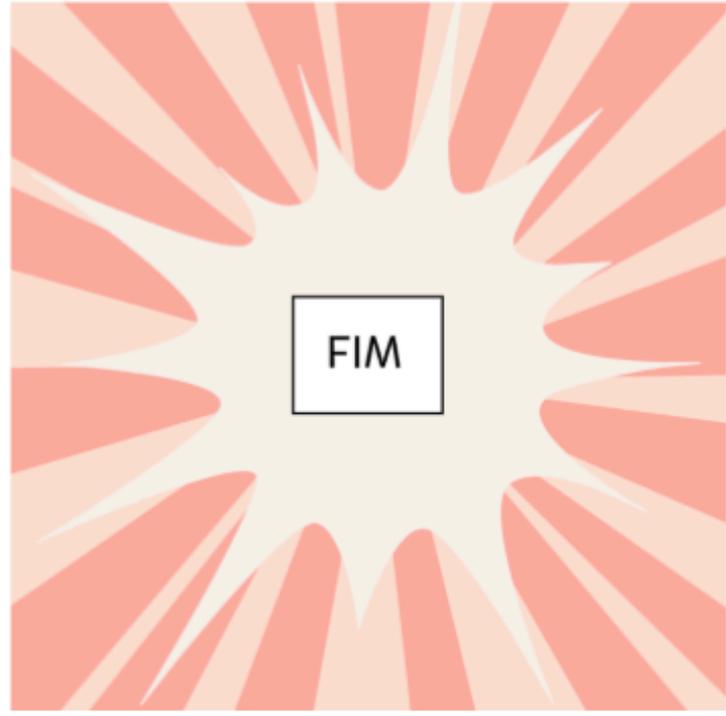
Nossa, obrigado por entender. Desculpe se pareci um pouco agressivo lá dentro mas não foi a primeira vez que passei por algo assim.



É uma pena que as coisas sejam assim, espero que você encontre um lugar que te aceite por quem você é.



Obrigado pelo apoio e pela compreensão, o mundo precisa de mais pessoas como você.



FIM

Roteiro da história em quadrinhos.

Quadro 1: Assistente de pesquisa: Olá, meu nome é Gustavo e eu serei seu assistente pessoal nessa pesquisa.

Quadro 2: Assistente de pesquisa: A primeira parte da entrevista consiste em responder um questionário.

Quadro 3: Assistente de pesquisa: Você irá avaliar três personagens da história em quadrinhos. Você ainda não os conhece, mas não tem problema.

Quadro 4: Assistente de pesquisa: As instruções para responder estarão no próprio questionário. Vamos lá?

Quadro 5: Assistente de pesquisa: Agora que você já respondeu, você irá ler uma história em quadrinhos com os personagens que estavam no questionário.

Quadro 6: Assistente de pesquisa: Cada quadrinho passará automaticamente a cada 15 segundos.

Quadro 7: Assistente de pesquisa: Fique atento às falas e características dos personagens.

Quadro 8: Assistente de pesquisa: Vamos iniciar a história em quadrinhos.

Quadro 9: Capa do capítulo 1

Quadro 10: Legenda: Em um processo seletivo na empresa Z... (imagem do prédio da empresa).

Quadro 11: Marcos: Você também veio pela vaga de emprego?

João: Sim, e você?

Quadro 12: Marcos: Eu também, me chamo Marcos, e você?

João: Sou o João. Prazer em te conhecer.

Quadro 13: Marcos: É a minha primeira vez aqui, estou nervoso.

João: Também estou bem nervoso

Quadro 14: Inclusive, essa é a primeira entrevista de emprego que vou fazer depois de começar a tomar meus medicamentos para esquizofrenia.

Quadro 15: Marcos: Ah, entendi. E como você está se sentindo?

João: Estou bem, na verdade. Tive remissão dos sintomas e estou pronto para voltar ao mercado de trabalho.

Quadro 16: Marcos: Que bom! Enfim, boa sorte na entrevista.

João: Obrigado, boa sorte pra você também.

Quadro 17: Entrevistador: Os dois podem vir, irei realizar a entrevista de vocês juntos.

Quadro 18: Assistente de pesquisa: Olá de novo, agora que você leu o primeiro capítulo da história, você irá responder outro questionário, igual ao anterior, antes de continuar para o próximo capítulo. Vamos lá:

Quadro 19: Capa do capítulo 2

Quadro 20: Entrevistador: Vamos começar. Vi que vocês têm ótimos currículos e experiências profissionais que podem agregar muito à nossa empresa.

Quadro 21: Entrevistador: Mas me digam, por que vocês querem trabalhar aqui?

Quadro 22: Marcos: A empresa é conhecida por ser uma referência no mercado e sei que poderia aprender muito trabalhando aqui.

Quadro 23: João: Acredito que com minhas habilidades posso agregar muito à empresa e ouvi relatos de que é uma empresa muito inclusiva.

Quadro 24: Entrevistador: Sim, é verdade. Por que isso é tão importante para você?

Quadro 25: João: Eu tenho esquizofrenia, o que é um transtorno muito estigmatizado e sei que pessoas com esse transtorno sofrem muito para conseguir empregos.

Quadro 26: Entrevistador: Esquizofrenia? Isso não é uma condição grave?

João: Sim, mas eu estou em tratamento e tive completa remissão dos meus sintomas.

Quadro 27: Entrevistador: Pelo visto a vaga é sua Marcos, não queremos pessoas com esse transtorno trabalhando na empresa.

Quadro 28: João: Isso é injusto, eu sou perfeitamente capaz de cumprir minhas responsabilidades.

Quadro 29: Marcos: Mas o transtorno não o impede de nenhuma forma? Deve ser perigoso trabalhar com alguém com esquizofrenia.

Quadro 30: Entrevistador: Não consigo confiar em alguém como ele no mesmo espaço de trabalho que eu, minha decisão já foi tomada.

Quadro 31: João: Isso deve ser brincadeira! Estou tomando medicamento, faço acompanhamento médico e psicológico e estou mais que pronto para voltar ao mercado de trabalho.

Quadro 32: Esse é um passo extremamente importante para pessoas com esquizofrenia, ter um emprego é crucial para a saúde psicológica e nós deveríamos receber apoio ao invés de discriminação.

Quadro 33: João: Podemos ter trabalhos e construir famílias normalmente, os medicamentos já avançaram muito nos últimos anos, pelo visto o que não avançou foi essa visão antiquada e estereotipada de vocês.

Quadro 34: Entrevistador: Vá embora seu maluco, já falei que a vaga é de Marcos.

Quadro 35: A história está chegando ao fim, antes de ler o último capítulo você irá responder outro questionário, igual aos anteriores. Vamos lá?

Quadro 36: Capa do capítulo 3

Quadro 37: Legenda: Alguns minutos depois, do lado de fora da empresa, enquanto João espera por seu ônibus...

Quadro 38: Marcos: Ainda bem que te encontrei! Queria pedir desculpas, dei uma pesquisada na internet e eu desconhecia muito sobre o transtorno. Sinto muito que você tenha passado por aquilo, pessoas com esquizofrenia realmente podem e devem voltar ao mercado de trabalho.

Quadro 39: Marcos: Não posso trabalhar em um lugar assim, um lugar que não valoriza a diversidade e a inclusão. Abri mão da vaga.

Quadro 40: João: Nossa, obrigado por entender. Desculpe se pareci um pouco agressivo lá dentro mas não foi a primeira vez que passei por algo assim.

Quadro 41: Marcos: É uma pena que as coisas sejam assim, espero que você encontre um lugar que te aceite por quem você é.

Quadro 42: João: Obrigado pelo apoio e pela compreensão, o mundo precisa de mais pessoas como você.

Quadro 43: Fim.

Procedimento

O procedimento foi realizado em oito condições experimentais, incluindo as aplicações de testes abrangidas no delineamento, a leitura da história em quadrinhos e o TCLE.

TCLE

Inicialmente, foi entregue ao participante o TCLE através de um formulário. Após finalizado esse formulário iniciou-se a coleta de dados.

Pré-teste

Foi aberto no computador, utilizado para realização da pesquisa, os slides com os quadrinhos referentes ao assistente de pesquisa. Após a leitura das instruções gerais da realização da pesquisa, foi aberto o formulário com o pré-teste. A primeira seção do formulário consistiu nas instruções de realização do questionário do pré-teste. A próxima seção consistiu na resposta dos itens da escala de diferencial semântico com apresentação do personagem J. Uma terceira seção, semelhante a anterior, porém com apresentação do personagem M e, por fim, uma última seção, semelhante a anterior, porém com apresentação do personagem E.

Capítulo 1

Após a realização do pré-teste, o participante leu o primeiro capítulo da HQ através de slides, onde cada slide continha um quadrinho. Cada slide foi apresentado por 15 segundos para permitir a leitura completa das falas, visualização da cena e entendimento pelo leitor.

Pós-teste 1

Após a leitura do capítulo 1, foi aplicado o pós-teste 1, idêntico ao pré-teste.

Capítulo 2

Depois do pós-teste 1 o participante continuou a leitura da HQ. A aplicação foi idêntica à do capítulo 1.

Pós-teste 2

Com a leitura do capítulo 2, o participante realizou o pós-teste 2, através de um formulário idêntico aos do pré-teste e pós-teste 1.

Capítulo 3

Após a realização do pós-teste 2, o participante terminou a leitura da HQ com o capítulo 3, que foi realizada da mesma forma que a leitura dos capítulos anteriores.

Pós-teste 3

Por fim, após a conclusão da leitura da HQ, foi aplicado o pós-teste 3, idêntico ao pós-teste 2, finalizando a coleta de dados.

Resultados

A coleta de dados ocorreu entre os dias 26 de setembro e 16 de outubro, com sessões feitas de forma remota e com duração aproximada de 20 minutos.

Para um melhor entendimento dos resultados foi criada uma fórmula para calcular o Índice de Mudança de Atitude (IMA). Essa fórmula consiste em somar os valores absolutos das diferenças entre as respostas referentes aos mesmos adjetivos no pré-teste e no pós-teste 1. Esse resultado seria então multiplicado por 100 e dividido pelo número máximo de variação possível para os adjetivos. Como os adjetivos são divididos em adjetivos de avaliação e de potência, a fórmula foi aplicada separadamente nesses dois grupos. O índice de mudança de atitude também foi calculado entre o pós-teste 1 e pós-teste 2 e entre o pós-teste 2 e pós-teste 3. Dessa forma é possível colocar em uma porcentagem o quanto a atitude do participante mudou frente a leitura da HQ entre a aplicação de cada teste, com 100% sendo a variação máxima e 0% a mínima.

Para a análise dos resultados obtidos através da Escala de Diferencial Semântico foi convertido a variação dos números da escala de 1 a 7 para -3 a 3, incluindo como ponto intermediário o valor 0. Essa conversão foi feita para facilitar a análise e tornar a interpretação mais intuitiva, tendo em vista que, com o número zero sendo um ponto intermediário e neutro entre os adjetivos opostos, na extremidade esquerda estão os adjetivos negativos e na extremidade direita estão os adjetivos positivos.

A seguir, juntamente com a apresentação dos resultados de cada participante, serão apresentados dois tipos de gráficos. A primeira contém o IMA do participante em todas as condições experimentais, ou seja, após a aplicação dos pós-testes 1, 2 e 3, comparando esses resultados com os do teste anterior. O eixo vertical é referente às condições experimentais, sendo sinalizado primeiramente o personagem e logo abaixo, o momento em que o IMA foi calculado. Já o eixo horizontal apresenta o IMA, sendo as barras azuis referentes ao IMA em relação aos adjetivos de avaliação (IMA-A) e as barras vermelhas referentes ao IMA em relação aos adjetivos de potência (IMA-P). Caso a barra não esteja presente significa que o participante não apresentou mudança de atitude, ou seja, IMA é igual a 0%.

No outro tipo de gráfico estão presentes as respostas de cada participante. No eixo vertical estão os adjetivos negativos e no eixo horizontal as respostas do participante, variando de -3 a 3. Cada figura contém uma legenda esclarecendo os pares de adjetivos e a cor que representa o teste (azul - pré-teste, vermelho - pós-teste 1, amarelo - pós-teste 2 e verde - pós-teste 3). As figuras foram separadas por participante e os gráficos foram separados por personagens da HQ.

A seguir serão apresentados os gráficos referentes ao participante 1, sendo a Figura 2 referente ao IMA e a Figura 3 referente aos resultados obtidos.

Figura 2. Gráfico do IMA do participante 1.

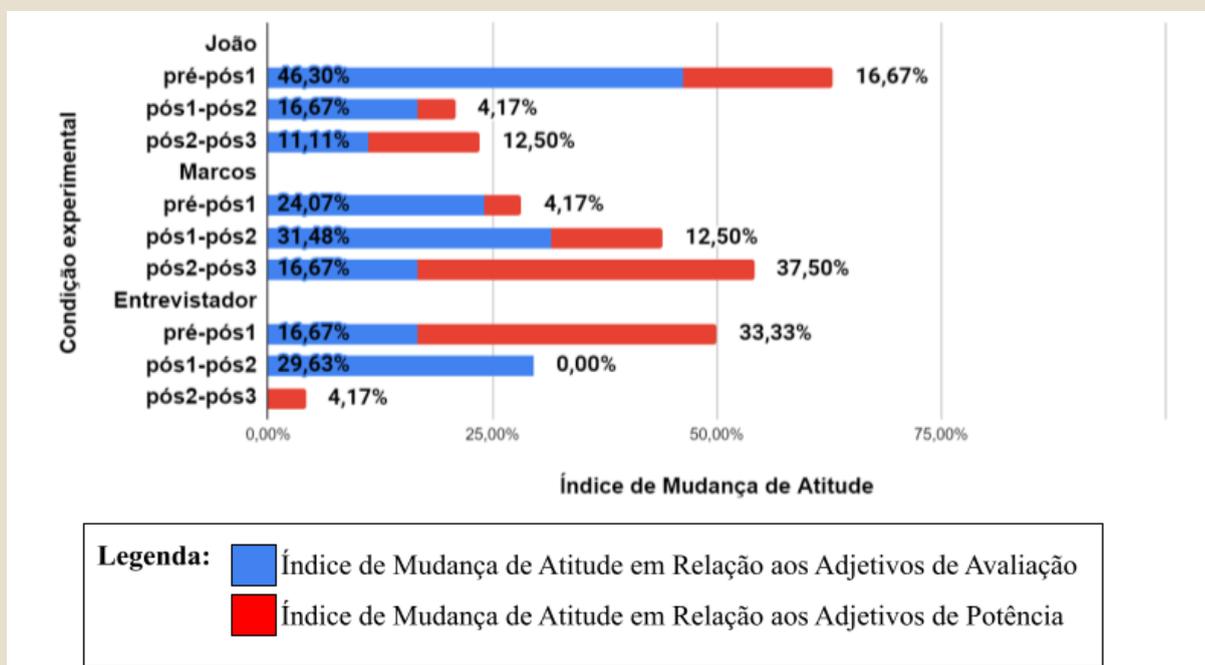
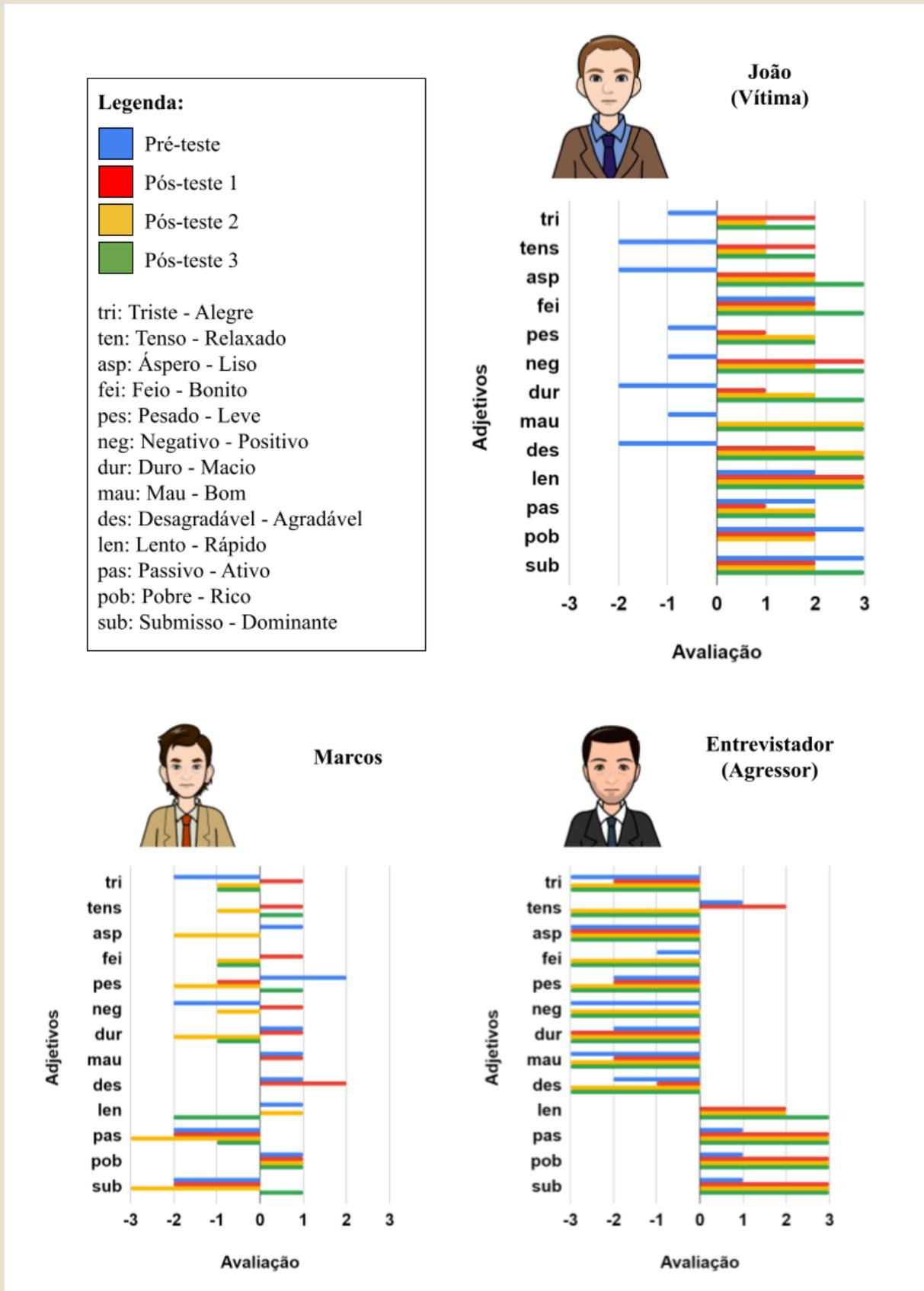


Figura 3. Resultados do participante 1.



A Figura 2 mostra que o P1 apresentou um IMA-A de 46,30% quanto ao personagem João entre o pré-teste e o pós-teste 1. O participante avaliou negativamente o personagem no pré-teste em relação a todos os adjetivos de avaliação, com exceção do par Feio-Bonito, resultando em uma soma total dos valores das respostas de -10. Enquanto no pós-teste 1 as avaliações foram todas positivas (ver Figura 3), com exceção do par Mau-Bom, que teve pontuação zero, resultando em uma soma total de 15. Durante o resto do procedimento, nos questionários seguintes, não houve mudanças bruscas de atitude em relação ao personagem, com a soma geral se mantendo sempre positiva e em constante aumento, equivalente a 18 no pós-teste 2, com um IMA-A de 16,67%, e 24 no pós-teste 3, com um IMA-A de 11,11%. O participante 1 apresentou um IMA-P relativamente baixo (ver Figura 2), com as respostas se mantendo positivas desde o pré-teste, com exceção do par Pobre-Rico no pós-teste 3, que teve pontuação zero. O valor da soma dos valores obtidos foi 10, 8, 9 e 8 para os testes em ordem de aplicação.

É possível dizer que para o P1, a maior mudança de atitude foi vista em relação ao personagem Marcos, com IMA-A maiores do que 15% em todas as etapas, chegando a 31,48% entre o pós-teste 1 e 2 (ver Figura 2). Fazendo a soma dos valores do pré-teste e do pós-teste 1, é possível ver que a mudança foi no geral positiva, indo de um total de 2 (pré-teste) para 7 (pós-teste 1). Porém, do pós-teste 1 para o 2 a mudança foi negativa, indo de 7 para -10. No pós-teste 3 esse número volta para -1, se mantendo negativo, porém, quando comparado ao teste anterior, a mudança de atitude geral foi positiva (ver Figura 3).

Quanto ao IMA-P, a maior mudança foi do pós-teste 2 para o 3, chegando a 37,50%. Através da soma geral dos valores é possível ver que a avaliação geral se manteve negativa durante todos os testes, com -2, -3, -4 e -1, em ordem de aplicação dos testes.

Já em relação ao personagem Entrevistador, os adjetivos de avaliação tiveram uma pontuação negativa durante todo o procedimento (ver Figura 3). No pré-teste a soma das pontuações foi -18, havendo um IMA-A de 16,67% para o pós-teste 1 (ver Figura 2), que teve uma soma de -11, ou seja, a avaliação foi um pouco mais positiva. Porém, no pós-teste 2 e 3, a soma foi de -27, havendo uma IMA-A de 29,63% do pós-teste 1 para o 2 e de 0% do pós-teste 2 para o 3. Quanto aos adjetivos de potência ao avaliar o Entrevistador, no pré-teste a soma dos valores foi de 3 e no pós-teste 1 de 11, com um IMA-P de 33,33%. Não houve mudanças para o pós-teste 2 e no pós-teste 3 a soma subiu de 11 para 12, com um IMA-P de 4,17%.

O personagem João, com papel de vítima, teve uma avaliação geral negativa no pré-teste, porém, à medida que a HQ foi sendo lida, a avaliação do personagem foi se tornando cada vez mais positiva. Já o personagem Entrevistador, com função de agressor, teve uma avaliação inicialmente negativa, com a avaliação geral se tornando levemente mais positiva após o pós-teste 1. Porém, após o arco de agressão, a avaliação geral deste personagem para os adjetivos de avaliação se tornou cada vez mais negativa até o pós-teste 3. Em contrapartida, o personagem Marcos teve a maior mudança de atitude para esse participante, o que é esperado por ele ter uma função de agressor sutil e de redenção na HQ. A avaliação deste personagem se iniciou relativamente positiva, tendo um aumento no pós-teste 1. Porém, após o arco da agressão, no pós-teste 2, sua avaliação geral se tornou

negativa. Após sua redenção no final da HQ, no pós-teste 3 a sua avaliação foi consideravelmente melhor do que no teste anterior, porém, não tão boa quanto no pré-teste e pós-teste 1.

A seguir serão apresentados os gráficos referentes ao participante 2, sendo a Figura 4 referente ao IMA e a Figura 5 referente aos resultados obtidos.

Figura 4. Gráfico do IMA do participante 2.

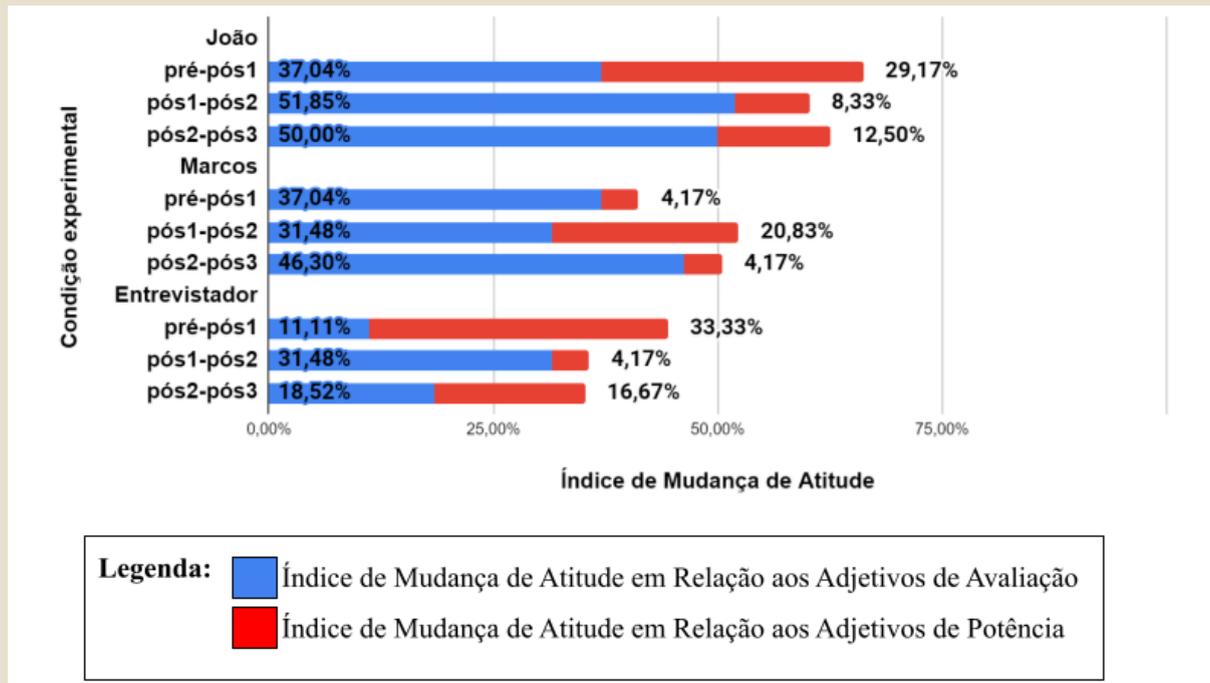
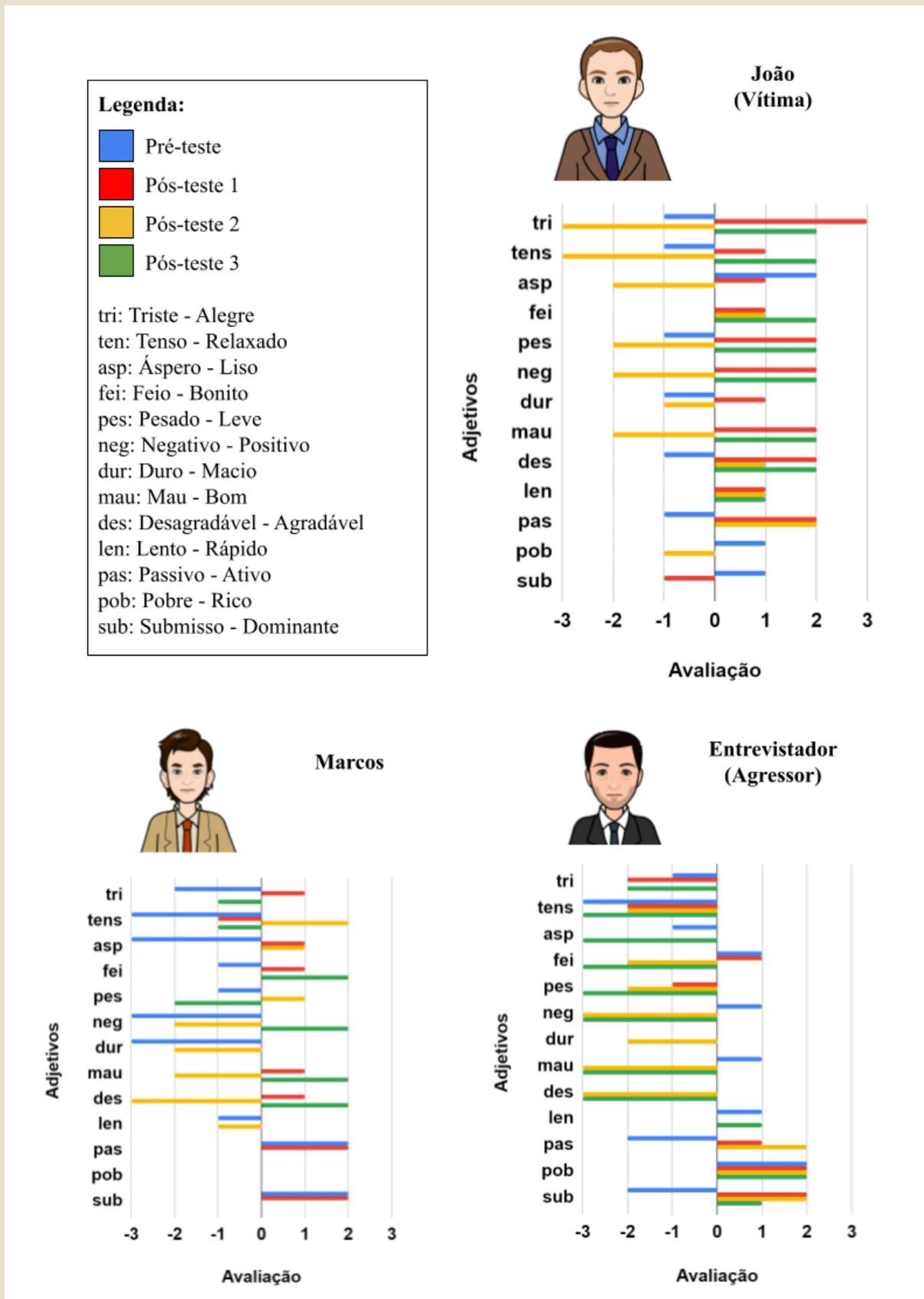


Figura 5. Resultados do participante 2.



Como pode ser visto na Figura 4, o participante 2 teve um IMA-A muito mais elevado para todos os personagens quando comparado ao do participante anterior, com o valor sendo menor que 15% apenas entre o pré-teste e pós-teste 1 para o personagem Entrevistador. Esse resultado é esperado já que o personagem praticamente não tem participação no primeiro capítulo da HQ.

A soma dos valores dos resultados referentes aos adjetivos de avaliação do personagem João para o pré-teste foi de -3 para os adjetivos de avaliação, enquanto no pós-teste 1 foi de 15 (ver Figura 5). Durante o pós-teste 2 o valor cai para -13 e no pós-teste 3 sobe novamente para 14. Essas mudanças significativas são expressas pelos IMA-A de 37,04% após o pós-teste 1, com a mudança sendo no sentido positivo. Um IMA-A de 51,85% após o pós-teste 2, sendo, desta vez, no sentido negativo e 50% após o pós-teste 3, no sentido positivo (ver Figura 4).

Já em relação aos adjetivos de potência, realizando a soma dos valores houve poucas mudanças, com uma variação de 1 para 2 entre o pré-teste e pós-teste 1 e de 2 para 1 do pós-teste 2 para o 3 (ver Figura 5). Apesar da soma dos valores ser próxima, o IMA-P entre o pré-teste e pós-teste 1 foi de 29,17%. Isso é explicado pelos valores diferentes entre os adjetivos, porém, ainda resulta em uma soma dos valores totais bem próxima. O mesmo se aplica aos IMA-P das outras condições experimentais (ver Figura 4).

O personagem Marcos apresentou uma soma total dos resultados referentes aos adjetivos de avaliação de -16 no pré-teste, com a pior avaliação dos 3 personagens (ver Figura 5). No pós-teste 1 esse valor sobe para 4, sendo expresso por um IMA-A de 37,04% (ver Figura 4). No pós-teste 2, após o capítulo do confronto, o valor cai para -5, expresso por um IMA-A de 31,48%. Por fim, no pós-teste 3, o valor sobe novamente para 4, expresso por um IMA-A de 46,30%.

Quanto aos adjetivos de potência, no pré-teste a soma total foi de 3, enquanto no pós-teste 1 foi de 4 (ver Figura 5), sendo expresso por um IMA-P de 4,17% (ver Figura 4). No pós-teste 2 a soma total foi de -1, com um IMA-P de 20,83% e no pós-teste 3 a soma resultou em 0, com um IMA-P de 4,17%.

Já em relação ao personagem Entrevistador, no pré-teste a soma total dos resultados referentes aos adjetivos de avaliação foi de -2, enquanto no pós-teste 1 esse valor cai para -4 (ver Figura 5), sendo expresso por um IMA-A de 11,11% (ver Figura 4). No pós-teste 2, após o capítulo do confronto, o valor cai para -17, expresso por um IMA-A de 31,48%, e no pós-teste 3, o valor da soma é -23, sendo o resultado mais negativos deste participante em todo o experimento, expresso por um IMA-A de 18,52%.

Quanto aos adjetivos de potência, no pré-teste a soma total foi de -1, enquanto no pós-teste 1 foi de 5 (ver Figura 5), sendo expresso por um IMA-P de 33,33% (ver Figura 4). No pós-teste 2 a soma total foi de 6, com um IMA-P de apenas 4,17% e no pós-teste 3 a soma total foi equivalente a 4, com um IMA-P de 16,67%.

Esse participante apresentou uma mudança de atitude negativa em relação ao participante João, que possui função de vítima, no pós-teste 2, sendo o único participante a avaliar de

uma forma negativa esse personagem após o pré-teste. A avaliação deste personagem voltou a ser positiva com o pós-teste 3. O personagem Entrevistador, com função de agressor, teve uma avaliação geral cada vez mais negativa ao decorrer do procedimento para os adjetivos de avaliação. O personagem Marcos, com função de agressor sutil e de redenção, apresentou a maior mudança de atitude, com suas avaliações gerais alternando entre positivas e negativas entre o pós-teste 1, 2 e 3.

A seguir serão apresentados os gráficos referentes ao participante 3, sendo a Figura 6 referente ao IMA e a Figura 7 referente aos resultados obtidos.

Figura 6. Gráfico do IMA do participante 3.

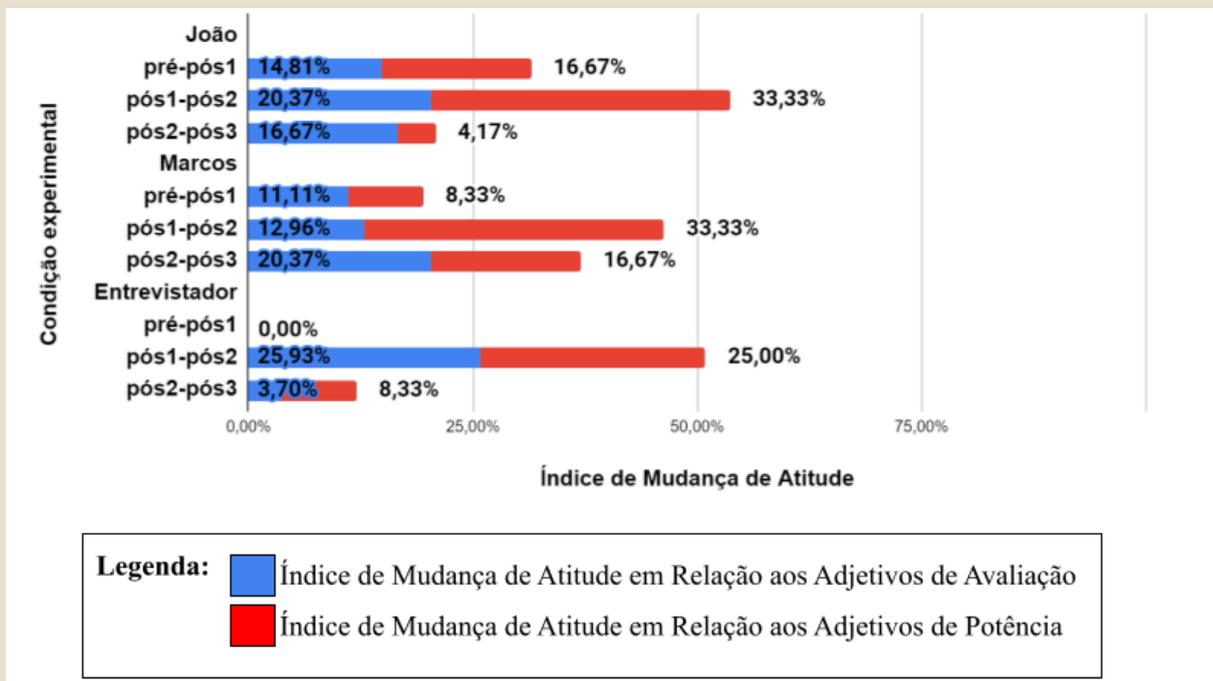
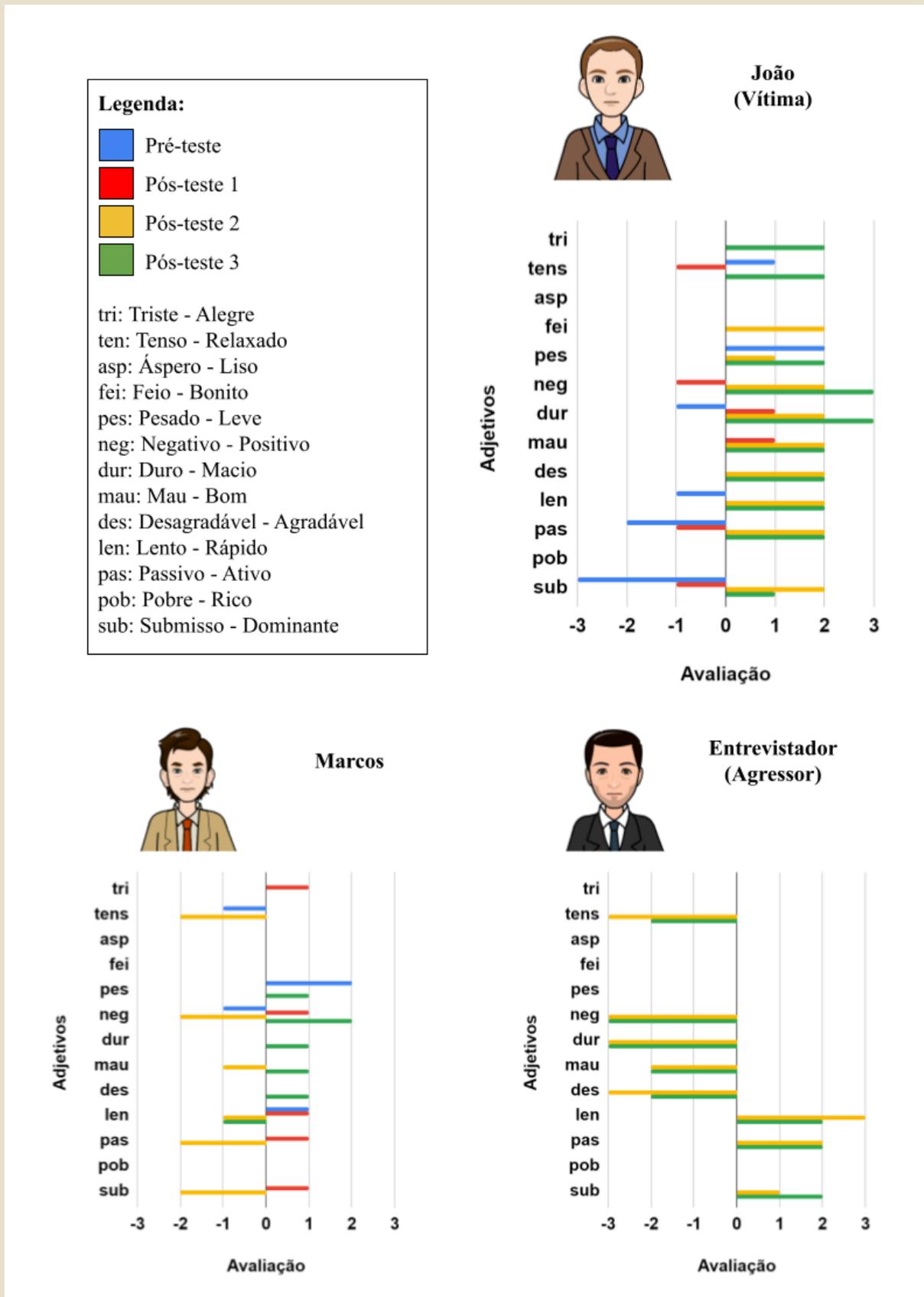


Figura 7. Resultados do participante 3.



Durante o pré-teste, o participante 3 avaliou o personagem João de uma forma ligeiramente positiva quanto aos adjetivos de avaliação, resultando em uma soma total de 2, porém, quanto aos adjetivos de potência a avaliação foi negativa, resultando em um total de -6. No pós-teste 1 a soma dos adjetivos de avaliação caiu para 0, enquanto os adjetivos de potência subiram para -2, apesar de continuarem negativos (ver Figura 7). Desta forma, o IMA-A nessa condição experimental foi de 14,81%, enquanto o IMA-P foi de 16,67% (ver Figura 6). No pós-teste 2 a avaliação do personagem se tornou mais positiva, com a soma dos adjetivos de avaliação para 11 e os de potência para 6. Entre o pós-teste 1 e 2, o IMA-A foi de 20,37% e o IMA-P de 33,33%. Já no pós-teste 3, os adjetivos de avaliação pontuaram um total de 16, enquanto a soma dos de potência caiu para 5, com a única diferença sendo no par Submisso-Dominante, que passou de 2 para 1. Desta forma, nesta condição experimental o IMA-A foi de 16,67% e o IMA-P de 4,17%.

O personagem Marcos apresentou uma soma total de 0 quanto aos adjetivos de avaliação no pré-teste, com esse valor subindo para 2 no pós-teste 1. Após o capítulo do confronto, no pós-teste 2, o valor cai para -5, subindo novamente para 6 no pós-teste 3 (ver Figura 7). Desta forma o IMA-A do participante foi 11,11%, 12,96% e 20,37% para as condições experimentais na ordem em que aconteceram (ver Figura 6). Já em relação aos adjetivos de potência, no pré-teste a soma total dos valores obtidos foi de 1 e no pós-teste 1 de 3, resultando em um IMA-P de 8,33%, no pós-teste 2 o valor caiu para -5, com um IMA-P de 33,33%, e por fim, no pós-teste 3 o valor vai para -1, com um IMA-P de 16,67%.

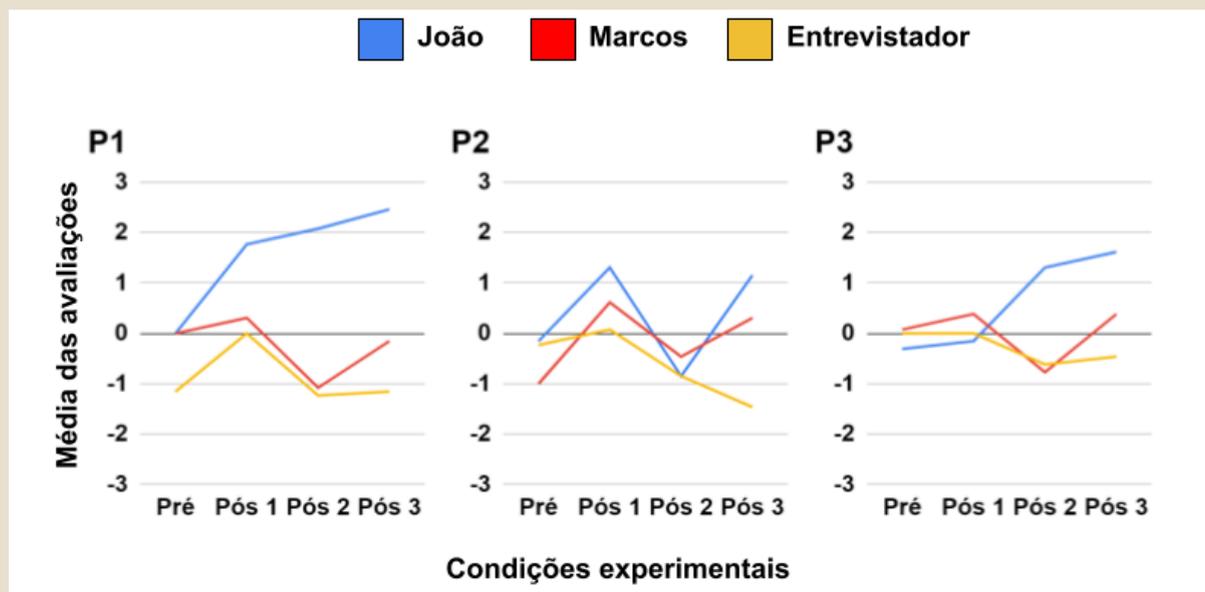
O personagem Entrevistador recebeu uma avaliação completamente neutra no pré-teste e no pós-teste 1. O participante marcou o valor zero em todas as opções, tanto para os adjetivos de avaliação, quanto para os de potência. No pós-teste 2, a soma total dos valores obtidos referentes aos adjetivos de avaliação foi de -14, enquanto para os de potência foi de 6 (ver Figura 7). O IMA-A nessa condição experimental foi de 25,93% e o IMA-P de 25% (ver Figura 6). Já no pós-teste 3, a soma total dos adjetivos de avaliação foi de -12, resultando em um IMA-A de 3,70%, para os adjetivos de potência o valor se manteve em 6, porém, houve mudanças na avaliação dos pares de adjetivos, resultando em um IMA-P de 8,33%.

Esse participante marcou todos os pares de adjetivo Áspero-Liso e Pobre-Rico com valor zero em todos os testes. Este participante também se manteve completamente neutro na avaliação do Entrevistador, que tem função de agressor, no pré-teste e pós-teste 1. No pós-teste 2 e 3 a avaliação geral quanto aos adjetivos de avaliação se manteve negativa. Em relação ao personagem João, com função de vítima, a avaliação no pré-teste e pós-teste 1 foi ligeiramente neutra, se tornando positiva no pós-teste 2 e 3. Quanto ao personagem Marcos, com função de agressor sutil e redenção, a avaliação geral se iniciou neutra, tornando-se ligeiramente positiva no pós-teste 1, tornando-se negativa no pós-teste 2 e novamente positiva no pós-teste 3.

Por fim foi gerado uma tabela para avaliar a média das avaliações dos participantes em cada condição experimental para cada personagem, como mostra a Figura 8. Com exceção da avaliação do personagem João no pós-teste 2 pelo participante 2, as avaliações deste personagem sempre se mantiveram cada vez mais positivas. Enquanto as avaliações do

personagem Entrevistador, após o capítulo do confronto, nos pós-testes 2 e 3, sempre se mantiveram negativas. As avaliações do personagem Marcos mostram uma maior mudança de atitude, com a avaliação geral aumentando no pós-teste 1, caindo no pós-teste 2 e subindo novamente no pós-teste 3.

Figura 8. Média das avaliações dos participantes em cada condição experimental para cada personagem.



Discussão

A inserção no mercado de trabalho para pessoas com esquizofrenia é um passo muito importante para a habilitação dessas pessoas na sociedade e para uma boa qualidade de vida (Silva, 2015, citado por Corrêa, 2019). O preconceito contra pessoas com esse transtorno impede essa inserção no mercado de trabalho devido a uma estigmatização de que o transtorno de esquizofrenia impede a pessoa de funcionar em sociedade, a tornando violenta ou improdutiva (Wagner et al., 2015). Dado este problema, destaca-se a importância de entender mais sobre as atitudes referentes às pessoas com esquizofrenia e aos que praticam atos discriminatórios contra essas pessoas.

Desta forma, o objetivo do presente estudo foi estudar o efeito da observação de comportamentos discriminatórios contra pessoas com transtorno de esquizofrenia no mercado de trabalho na mudança de atitude em relação a personagens fictícios com diferentes papéis através de uma história em quadrinhos e de avaliações através da Escala de Diferencial Semântico.

O procedimento ocorreu em com três participantes ao longo de oito etapas, através de um delineamento de sujeito único, que incluem a entrega do TCLE, a leitura dos 3 capítulos da HQ e as 4 condições experimentais abordadas no delineamento: pré-teste, pós-teste 1, 2 e 3.

Comparando os resultados entre os testes aplicados é possível afirmar que a leitura da HQ produziu mudanças de atitudes nos participantes de forma diferenciada para cada personagem. As mudanças de atitude seguiram um padrão de acordo com a função do personagem dentro da história. Esses resultados são consistentes com os estudos relatados por Moreira et al. (2023), demonstrando então a mudança de atitude a partir da leitura de histórias em quadrinhos. Em relação aos padrões de avaliação esperados, os personagens com função de vítima tendem a ter avaliações mais positivas, enquanto os com função de agressor tendem a ser avaliados de forma mais negativa.

O personagem Marcos possui uma função mais complexa do que simplesmente vítima ou agressor. Esse personagem inicialmente é apresentado como um concorrente amigável da vítima, o que se assemelha a uma função de apoiador da vítima. O experimento 5, do estudo de Moreira et al. (2023) mostra que os participantes tendem a ter mudanças de atitude positivas em relação a personagens com essa função. Porém, durante o capítulo do confronto ele se mantém calado durante a maior parte da discussão, fazendo um comentário agressivo de forma sutil e revelando ser uma pessoa leiga sobre o transtorno de seu concorrente, dessa forma adquirindo uma função neutra, inicialmente, e de agressor sutil com o decorrer do confronto, o que implicaria em uma mudança de atitude negativa, de acordo com o experimento 5, de Moreira et al. (2023). Por fim, esse personagem tem a sua redenção no capítulo 3, pedindo desculpas, afirmando que não conhecia o suficiente sobre o transtorno e tentando compreender o lado da vítima, desta forma, tendo uma função similar à de um apoiador novamente.

No presente estudo, os três participantes tiveram uma tendência a avaliar o personagem João, com função de vítima, de uma forma cada vez mais positiva ao decorrer do experimento, seguindo assim o padrão esperado de acordo com o estudo anterior de Moreira et al. (2023), porém, durante o pós-teste 2 para o segundo participante houve uma discrepância. Nessa condição experimental, este participante foi o único a avaliar o personagem com função de vítima negativamente após o capítulo de confronto. Uma hipótese para explicar a discrepância nessa avaliação é de que a mudança de atitude do participante ficou sob controle de outras variáveis, como por exemplo a assertividade do personagem João, ou à própria natureza agressiva do confronto, visto que no capítulo seguinte não há nenhum acontecimento marcante envolvendo este personagem e, mesmo assim, a avaliação voltou a ser positiva no pós-teste 3.

Quanto ao personagem Entrevistador, com função de agressor, os três participantes tiveram a tendência a avaliá-lo de forma negativa, mostrando então uma mudança de atitude em relação a comportamentos preconceituosos em concordância com o estudo anterior de Moreira et al. (2023). Este personagem só é inserido na história de forma significativa no capítulo 2, onde ocorre o confronto, portanto, o pré-teste e o pós-teste 1 deveriam funcionar como medidas de base, se mantendo neutras. No entanto, isso só funcionou para o participante 3, que avaliou todos os pares de adjetivo em zero durante essas duas condições experimentais. Tanto o participante 1 e o 2 avaliaram esse personagem de forma negativa no pré-teste, havendo uma mudança de atitude leve e para melhor após a leitura do capítulo 1. Porém, após o confronto, os resultados dos adjetivos de avaliação foram extremamente negativos, enquanto os de potência foram positivos.

Em relação ao personagem Marcos, com função tanto de apoiador, neutra, de agressor súbtil e de redenção, os participantes obtiveram as mudanças de atitudes mais bruscas. No pré-teste, os participantes 1 e 3 avaliaram esse personagem de forma relativamente neutra, porém, o participante 2 o avaliou de forma bem negativa. Uma hipótese é que esta avaliação pode ter sido influenciada pela própria aparência do personagem, visto que nesta condição experimental a leitura da HQ ainda não havia sido iniciada. Após a leitura do capítulo 1, a mudança de atitude para este personagem foi positiva para todos os participantes, visto que tem uma relação aparentemente amigável com seu concorrente, João. Porém, no capítulo 2, após o confronto, Marcos se mantém calado a maior parte do tempo, fazendo apenas um comentário leigo sobre a doença de João. Após a leitura desse capítulo, as avaliações de Marcos foram todas negativas no pós-testes 2. Quando comparado com as avaliações do Entrevistador nessa condição experimental, vemos que o agressor foi avaliado em relação aos adjetivos de avaliação de uma forma pior que Marcos, mas em relação aos adjetivos de potência, o Entrevistador foi avaliado de forma melhor. Após a leitura do último capítulo da HQ, as avaliações do personagem Marcos em relação aos adjetivos de avaliação e de potência sofreram uma mudança positiva. Desta forma, é possível ver que o personagem Marcos, em uma situação de ignorância em que não defendeu alguém que estava sofrendo preconceito, recebeu uma mudança de atitude negativa, porém não igual ao agressor, e que após sua redenção, a mudança de atitude foi positiva, mas não chegando aos níveis pré-confronto.

Os resultados mostram que houve mudança de atitude em relação aos personagens da HQ, porém, não é possível identificar se outras variáveis, além do próprio enredo da história, tiveram influência na mudança de atitude durante a pesquisa. As características físicas dos personagens podem ter influenciado as avaliações, tendo em vista que desde o pré-teste, antes de sequer conhecerem os personagens, já haviam avaliações negativas. Outro fator que pode ter influenciado a pesquisa é o fato do personagem com função de agressor não ter recebido um nome, sendo chamado de Entrevistador. Durante a aplicação dos testes os participantes têm acesso à uma imagem dos personagens, junto dos respectivos nomes. A avaliação de um personagem chamado Entrevistador pode ser influenciada pela história de vida do participante e experiências relacionadas a entrevistas de emprego.

Para pesquisas futuras, sugere-se observar as características físicas dos personagens no momento da elaboração da HQ para que as influências destas sejam mínimas, além de se atentar a não dar um nome a um personagem equivalente a sua função profissional. Sugere-se também a realização de um questionário ou entrevista para o melhor entendimento das avaliações dos participantes ao fim do procedimento, para que seja possível descobrir especificamente quais foram as influências na mudança de atitude.

Desta forma, o presente estudo contribui para a área da análise experimental do comportamento de algumas formas, como no aspecto teórico através da sugestão de conceitos de atitude e preconceito mais amplos, no aspecto experimental, em que foi utilizado um personagem com diversas funções diferentes e ainda assim, os resultados previstos ocorreram e no aspecto prático, visto que com o desenvolvimento desta área, estudos futuros podem usar esse tipo de experimento para combater o preconceito na sociedade.

Referências

- Alves, C. R. R., & Silva, M. T. A. (2001). A esquizofrenia e seu tratamento farmacológico. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 18, 12-22. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2001000100002>
- American Psychiatric Association. (2023). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR (5ª ed). Artmed Editora.
- Andrade, R. F. (2015). Antipsicóticos de segunda geração no tratamento da esquizofrenia. *Revista Acadêmica Oswaldo Cruz*, 2(7), 1-14. http://www.revista.oswaldocruz.br/Content/pdf/Edicao_07_Rafaela_andrade.pdf
- Corrêa, L. R. (2019). Um estudo acerca da tríade: esquizofrenia, mercado de trabalho e legislação. *Repositório Universitário da Ânima*. <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10480>
- Mizael, T. M., de Almeida, J. H., Silveira, C. C., et al. (2016). Changing Racial Bias by Transfer of Functions in Equivalence Classes. *Psychol Rec*, 66, 451-462. <https://doi.org/10.1007/s40732-016-0185-0>
- Mizael, T. M., & de Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 25(3), 365-377. <https://www.redalyc.org/journal/2745/274552568005/html/>
- Moreira, M. B., Ávila, A., Corrêa, B. F., Reis, F. G., Oliveira, L. I. R., Pol, L. V., Silva, L. C., & Aguiar, S. H. A. (2023). Histórias em quadrinhos e o estudo das atitudes - parte II. Editora do Instituto Walden4.
- Oliveira, I. R. (2000). Antipsicóticos atípicos: farmacologia e uso clínico. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 22, 38-40. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000500013>
- Sampaio, A. A. S., de Azevedo, F. H. B., Cardoso, L. R. D., de Lima, C., Pereira, M. B. R., & Andery, M. A. P. A. (2008). Uma introdução aos delineamentos experimentais de sujeito único. *Interação em psicologia*, 12(1), 151-164. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v12i1.9537>
- Silva, R. C. B. D. (2006). Esquizofrenia: uma revisão. *Psicologia Usp*, 17, 263-285. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000400014>
- Stahl, S. M. (2014). *Psicofarmacologia: bases neurocientíficas e aplicações práticas* (4ª ed). Guanabara Koogan.
- Wagner, L. C., Borba, E. C., & Silva, M. S. (2015). Inclusão ocupacional: perspectiva de pessoas com esquizofrenia. *Psicologia em Estudo*, 20(1), 83-94. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v20i1.25522>

Mudança de atitude diante de comportamento capacitista em relação pessoas autistas

Pesquisadora responsável: Laura de Aguiar Silveira

Apresentação da pesquisa: <https://youtu.be/4BKbsOXtvrg>

Resumo

Objetivo. Neste experimento, utilizou-se a Análise do Comportamento e Histórias em Quadrinhos para investigar o efeito da observação do comportamento discriminatório e da informação do transtorno do espectro autista sobre a mudança de atitude em relação a personagens fictícios com diferentes papéis, por meio da leitura de histórias em quadrinhos, com a inserção de dados científicos, em relação ao autismo, a partir de avaliações segundo escala de diferencial semântico.

Método. O experimento contou com a colaboração de três participantes, tendo como pré-requisito estar cursando ensino superior em qualquer área do conhecimento. O método utilizado foi experimental com delineamento de sujeito com seu próprio controle do tipo Pré-teste/Pós-teste. O delineamento compreende três condições experimentais: a) Pré-teste, que consistiu na avaliação dos personagens da história por meio da Escala de Diferencial Semântico. b) Pós-teste 1, que envolveu, primeiramente, a leitura da história em quadrinhos (HQ) 1, a primeira e segunda parte da história em quadrinhos contendo a Cena 1 e 2. Após a leitura, o Pós-teste 1, sendo a mesma avaliação do Pré-teste. c) Pós-teste 2, que envolveu, primeiramente, a leitura de HQ 3, parte da história em quadrinhos, Cena 3. Após a leitura, foi realizado o Pós-teste 2, que foi idêntico ao Pré-teste e Pós-teste 1.

Resultados. Os resultados sugerem que, a partir da leitura das histórias em quadrinhos, houve alteração nas avaliações dos personagens realizadas pelos participantes da pesquisa, ou seja, foi possível perceber a mudança de atitude em relação a personagens fictícios com diferentes papéis, por meio da leitura de histórias em quadrinhos.

Palavras-chave: preconceito, mudança de atitude, escala de diferencial semântico, histórias em quadrinhos, autismo.

Abstract

Objective. In this experiment, Behavioral Analysis and Comics were used to investigate the effect of observing discriminatory behavior and information about autism spectrum disorder on attitude change towards fictional characters with different roles, through reading comics that included scientific data on autism, assessed using a semantic differential scale.

Method. The experiment involved three participants, with the prerequisite of being enrolled in higher education in any field of knowledge. The method used was experimental with a subject design featuring their own pre-test/post-test control. The design comprised three experimental conditions: a) Pre-test, which consisted of evaluating the story characters using the Semantic Differential Scale. b) Post-test 1, which involved, initially, reading Comic Book (CB) 1, the first and second parts of the comic containing Scene 1 and 2. After reading, Post-test 1 was conducted, which was the same evaluation as the Pre-test. c) Post-test 2, which involved, initially, reading CB 3, part of the comic, Scene 3. After reading, Post-test 2 was conducted, which was identical to the Pre-test and Post-test 1.

Results. The results suggest that, through reading the comics, there was a change in the participants' evaluations of the characters, indicating an attitude change towards fictional characters with different roles, through reading the comics.

Keywords: prejudice, attitude change, semantic differential scale, comics, autism.

Introdução

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, que se caracteriza pela presença de déficits sociais e de comunicação, com comportamentos repetitivos e restritivos (APA, 2014). Esse transtorno não é definido por um sintoma específico, mas por um espectro de características heterogêneas, baseadas em atrasos comportamentais, como nas habilidades de linguagem, de imitação e de socialização; em excessos comportamentais, como nos comportamentos de agressão, de auto estimulação e de rituais; e em 21 comportamentos de desenvolvimento típico, como nas habilidades motoras e de memória (Lovaas, 2003). O déficit social é extremamente grave, e sua seriedade e o fato de se manifestar precocemente resultam em uma amplificação de problemas abrangentes, afetando tanto a aprendizagem quanto a adaptação de forma significativa.

Os sintomas das perturbações do autismo podem surgir em fases muito precoces, frequentemente se manifestando antes dos 3 anos de idade, e abrangem uma variedade de sintomas comportamentais. Estes englobam medo e confusão, pouca tolerância à mudança, dificuldade em compreender regras sociais, hipersensibilidade, desatenção, impulsividade, agressividade, fuga, comportamentos agressivos e auto agressivos, além disso é preciso ter prejuízos significativos na vida. As crianças e jovens com autismo evidenciam, por vezes, respostas incomuns a estímulos sensoriais, nomeadamente elevada resistência à dor, hipersensibilidade ao toque, reações exageradas a odores, fascínio com certos estímulos (Marques et al., 2011).

Conforme a Lei 12.764, aprovada em 27 de dezembro de 2012, no Brasil, que regulamenta a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), os indivíduos com TEA são caracterizados como pessoas com deficiência e possuem direitos ao acesso ao mercado de trabalho (Brasil, 2012).

De acordo com a ONU, deficiência geraria impedimentos de longo prazo e traria dificuldades para a participação efetiva na sociedade. "Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, as quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas." (ONU, 2006, p. 16).

O capacitismo, conforme Mello (2016), se consubstancia por meio de atitudes preconceituosas que hierarquizam sujeitos em função da adequação de seus corpos a um padrão ideal de beleza e capacidade funcional. Com base no preconceito em relação à capacidade, ocorre a discriminação de indivíduos com deficiência. Portanto, o capacitismo pode ser compreendido como um viés dirigido contra pessoas com deficiência, uma vez que a sociedade tende a valorizar indivíduos e corpos de acordo com padrões convencionais. Em outras palavras, aqueles que não se encaixam nesse padrão tido como normal são privados do direito de participação plena na sociedade devido a barreiras de atitude. Conforme definido na Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), as barreiras atitudinais são comportamentos ou atitudes que impedem ou prejudicam a integração social de pessoas com deficiência em igualdade de oportunidades com os demais indivíduos.

A Análise do Comportamento é uma ciência e uma abordagem psicológica cujo objeto de estudo é o comportamento. A análise do comportamento, fundamentada no behaviorismo radical, traz uma visão intrigante das atitudes. Segundo Mizael et al. (2016), elas são comportamentos, abertos ou encobertos, moldados por experiências passadas. Guerin (1994 citado por Moreira et al., 2022) amplia, vendo atitudes como comportamentos verbais com várias funções, influenciadas por contextos sociais. Isso ilustra a flexibilidade das atitudes, que nem sempre se alinham rigidamente com ações observáveis. Baseada no passado, a análise comportamental destaca que respostas públicas ou privadas dependem da história, determinando quais comportamentos surgirão. Aqui, atitudes não são só ligadas a comportamentos, mas são eles mesmos, emergindo conforme o aprendizado prévio.

Conforme Murrar e Brauer (2019) indicaram, quando indivíduos são alvo de preconceito, suas capacidades produtivas tendem a diminuir, acompanhadas de angústias que exercem um impacto mais significativo em sua saúde mental e física, comparativamente àqueles que são integrados e acolhidos na sociedade. A ausência de inclusão pode resultar na perda de talentos.

Segundo a análise de Moreira et al. (2022), de maneira ampla, o preconceito "pode ser interpretado como uma postura negativa, degradante". A atitude, por sua vez, na perspectiva da psicologia, está conectada às "opiniões das pessoas, à forma como elas avaliam grupos, concepções e indivíduos".

Murrar e Brauer (2019) destacaram que, apesar da imensa importância das questões ligadas à transformação de atitudes, especialmente no contexto do preconceito, há uma lacuna significativa no conhecimento de cientistas sociais e profissionais sobre como efetivamente instigar mudanças duradouras nas atitudes intergrupais das pessoas. Ou seja, como

influenciar as perspectivas em relação a membros de diferentes grupos sociais. Argumentam que a resistência à mudança de atitude limita consideravelmente a eficácia dos métodos comumente utilizados para combater o preconceito.

De acordo com essa linha de pensamento, é viável examinar o desenvolvimento e a transformação das atitudes com base nas interações com o meio, ao invés de considerá-las como oriundas de aspectos internos do indivíduo (Mizael et al., 2016).

De Rose e Bortoloti (2007) conduziram pesquisas com o propósito de explorar a viabilidade de estabelecer uma classe de equivalência em um modelo de significados. Em outras palavras, eles investigaram se era possível tornar estímulos abstratos, desprovidos de significado, equivalentes a estímulos com significado. O objetivo era transferir os significados entre os estímulos pertencentes a essa classe de equivalência e, adicionalmente, verificar essa equivalência de significados por meio do método de diferencial semântico.

Para essa finalidade, eles empregaram a técnica de diferencial semântico desenvolvida por Osgood (1957), conforme citado por Almeida et al. (2014). Essa técnica tem como propósito mensurar os significados atribuídos pelas pessoas a representações diversas, incluindo palavras, fotografias, desenhos e outros tipos de estímulos. O instrumento consiste em escalas bipolares, em que adjetivos opostos são posicionados nas extremidades e separados por sete intervalos intermediários.

Assim, no experimento conduzido por de Rose e Bortoloti (2007), os participantes foram solicitados a avaliar uma representação abstrata, por exemplo, uma figura considerada neutra, por meio da Escala de Diferencial Semântico. Posteriormente, após essa representação ter sido estabelecida como equivalente a uma figura com significado, ela foi avaliada de maneira similar à figura significativa. A partir dessas investigações, surgiu o conceito da Escala de Diferencial Semântico (EDS).

De acordo com Moreira et al. (2022), a Escala de Dominância Social (EDS) foi validada no ano de 2014, constituída por 13 conjuntos de adjetivos contrastantes, a saber: "Triste/Alegre, Relaxado/Tenso, Áspero/Liso, Lento/Rápido, Bonito/Feio, Leve/Pesado, Negativo/Positivo, Ativo/Passivo, Macio/Duro, Mau/Bom, Agradável/Desagradável, Pobre/Rico e Dominante/Submisso." Essa escala utiliza o formato Likert de sete pontos. A distribuição dos conjuntos de adjetivos entre o Fator 1 e o Fator 2 foi determinada com base nos coeficientes alfa de cada par, indicando a precisão. Segundo Almeida et al. (2014), Fator 1 foi considerado altamente confiável, enquanto Fator 2 apresentou confiabilidade moderada, seguindo critérios de Nunnally (1978, citado por Almeida et al., 2014). Desse modo, os adjetivos relacionados ao Fator 1 abordam características físicas e emocionais, incluindo: Triste/Alegre, Relaxado/Tenso, Áspero/Liso, Bonito/Feio, Leve/Pesado, Negativo/Positivo, Macio/Duro, Mau/Bom, Agradável/Desagradável. Em contraste, os adjetivos do Fator 2 refletem atributos de poder, tais como: Ativo/Passivo, Lento/Rápido, Pobre/Rico e Dominante/Submisso.

Moreira et al. (2022, experimento 1) apresentam um estudo focado no impacto da leitura de histórias em quadrinhos nas mudanças de atitudes em relação a personagens fictícios,

especificamente considerando avaliações baseadas em uma escala de diferencial semântico, focalizando em questões raciais. O experimento foi conduzido com a participação de sete indivíduos, os quais inicialmente avaliaram os três personagens das histórias em quadrinhos usando uma escala que consistia em 13 pares de adjetivos. Após essa avaliação inicial, os participantes leram a história em quadrinhos e, em seguida, reavaliaram os mesmos três personagens. Posteriormente, com um intervalo de dois dias, os mesmos participantes repetiram o processo, porém avaliando três personagens diferentes dentro de uma história em quadrinhos similar. Os papéis desempenhados pelos personagens eram os seguintes: neutro, agressor e vítima.

Os resultados indicaram uma mudança de atitude em relação aos personagens fictícios após a leitura das histórias em quadrinhos. Esse estudo sugere que a leitura desse tipo de material tem a capacidade de influenciar as percepções e atitudes dos indivíduos em relação aos personagens fictícios.

Moreira et al. (2023) realizaram uma pesquisa com o objetivo de investigar a influência da leitura de histórias em quadrinhos, enquanto estímulo, sobre mudanças de atitudes em relação a personagens fictícios. Participaram da pesquisa, de forma remota, cinco universitários escolhidos aleatoriamente. Foram utilizadas duas escalas para mensurar a atitude: a Escala de Diferencial Semântico e, especificamente, para mensurar a atitude em relação à inclusão de pessoas autistas no ambiente educacional foi utilizada a Escala Likert de Atitudes Sociais em relação à Inclusão. Adicionalmente, foram elaboradas duas histórias em quadrinhos e as escalas foram aplicadas antes e depois dos participantes assistirem às apresentações das mesmas, via google meet, num intervalo de 48 horas entre elas.

Os resultados provenientes da aplicação da Escala de Diferencial Semântico (EDS) demonstraram que a leitura de histórias em quadrinhos teve um impacto significativo nas avaliações de todos os cinco participantes do estudo, em relação a diversos personagens, com algumas avaliações sendo influenciadas de maneira mais acentuada, tanto de maneira positiva quanto negativa. A versão A da história em quadrinhos, caracterizada por ter um enfoque não inclusivo, com personagens que manifestavam preconceito em relação ao aluno autista, resultou em uma mudança de atitude mais negativa em relação a esses personagens no pós-teste, em sua maioria. Por outro lado, a versão B, que apresentava uma abordagem mais inclusiva em relação ao aluno autista, levou os participantes a avaliarem os personagens de maneira mais positiva no pós-teste. Esses resultados são consistentes com a literatura, corroborando com a pesquisa realizada por Moreira et al. (2022), que buscou investigar o efeito da leitura de histórias em quadrinhos nas mudanças de atitudes em relação a personagens fictícios.

Além do preconceito isolado, há pesquisas que investigaram o nível de agressão e preconceito, como a de Moreira et al. (2022) onde, aborda o tema do preconceito e da intolerância religiosa no Brasil, fenômenos que se expressam por meio de atos de discriminação, desrespeito e até profanação de espaços sagrados, violando o direito das pessoas de professarem suas crenças religiosas. A pesquisa teve como objetivo avaliar possíveis mudanças de atitudes de voluntários, após a observação de personagens fictícios

que demonstram comportamentos preconceituosos e intolerantes em uma História em Quadrinhos (HQs).

Na História em quadrinhos foram apresentados três personagens, denominados para fins de identificação como C1, C2 e C3. C1 apresenta características conciliadoras e é moderado em suas palavras. C2 é um tipo intermediário, pouco radical, mas que demonstra uma moderada atitude de intolerância. C3, por fim, demonstra intolerância e expressa com palavras comportamento violento.

Este estudo se justifica devido à necessidade de uma maior conscientização sobre a importância da inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na sociedade. Já existem pesquisas avaliando preconceito de forma geral no autismo em diferentes situações e pesquisas que avaliaram preconceito, embora com religião verificando-se aceitabilidade em relação às diferentes formas de agressão verbal. É importante realizar pesquisas que estudem o preconceito contra o autismo utilizando níveis de agressividade.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa dessa forma, é pesquisar o efeito da observação do comportamento discriminatório e da informação do transtorno do espectro autista sobre a mudança de atitude em relação a personagens fictícios com diferentes papéis, por meio da leitura de histórias em quadrinhos, com a inserção de dados científicos, em relação ao autismo, a partir de avaliações segundo escala de diferencial semântico.

Método

Delineamento

No presente estudo, o delineamento utilizado foi de sujeito com seu próprio controle do tipo Pré-teste/Pós-teste. O delineamento compreende três condições experimentais: a) Pré-teste, que consistiu na avaliação dos personagens da história por meio da Escala de Diferencial Semântico. b) Pós-teste 1, que envolveu, primeiramente, a leitura da história em quadrinhos (HQ) 1, a primeira e segunda parte da história em quadrinhos contendo a Cena 1 e 2. Após a leitura, o Pós-teste 1, sendo a mesma avaliação do Pré-teste. c) Pós-teste 2, que envolveu, primeiramente, a leitura de HQ 3, parte da história em quadrinhos, Cena 3. Após a leitura, foi realizado o Pós-teste 2, que foi idêntico ao Pré-teste e Pós-teste 1.

Variável independente. A variável independente (VI) é aquela que é manipulada ou controlada pelo pesquisador (Sampaio et al., 2008). Neste estudo a VI consiste na exposição a cenas de comportamento discriminatório envolvendo personagens fictícios.

Nome: Interações de personagens em uma história em quadrinhos.

Descrição: Falas com conteúdo discriminatório contra uma pessoa com transtorno do espectro autista.

Manipulação da variável independente: Exposição dos participantes à história em quadrinhos.

Valores da variável independente: Para cada personagem, foram utilizados diferentes valores de variável independente.

Personagem 1 - Paulo: 1) sem exposição à cena; 2) exposição às cenas em que Paulo realiza atos preconceituosos com Lucas; 3) exposição às cenas em que Paulo reflete e pede desculpas a Lucas.

Personagem 2 - João: 1) sem exposição à cena; 2) exposição às cenas nas quais João realiza atos discriminatórios com Lucas; 3) exposição às cenas nas quais João joga futebol com Lucas.

Personagem 3 - Gustavo: 1) sem exposição à cena; 2) exposição às cenas nas quais Gustavo intervém nos atos discriminatórios contra Lucas; 3) exposição às cenas nas quais Gustavo ajuda a educar Paulo e João sobre o autismo.

Variável dependente. A variável dependente (VD) é aquela que é medida pelo pesquisador (Sampaio et al., 2008). Neste estudo a VD é a mudança de atitude em relação aos personagens fictícios da HQ, que foi medida pela Escala de Diferencial Semântico.

Nome: Atitude

Descrição: Mudança de atitude em relação a personagens fictícios.

Topografia: Clicar sobre uma das opções em uma escala tipo Likert em um formulário.

Mensuração: A atitude foi medida através da Escala de Diferencial Semântico.

Valores: Poderia assumir valores variando entre 1 e 7.

Participantes

Os três participantes da pesquisa foram selecionados por conveniência no campus de um centro universitário particular.

Procedimentos éticos

Os participantes convidados para a realização do experimento tiveram que assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Ver Anexo A). Trata-se de um documento que segundo a Resolução CNS no 466 de 2012 o define como: "é o documento em que é expresso o consentimento voluntário e esclarecido do participante e/ou de seu representante legal, por escrito, contendo todas as informações essenciais de maneira clara, objetiva e de fácil compreensão, a fim de proporcionar um entendimento completo sobre a pesquisa na qual se propõe a participar."

O TCLE, que foi elaborado como um formulário do Google, foi enviado a cada um dos participantes momentos antes da realização do experimento.

Local

Todas as fases do experimento foram feitas de forma remota, sendo que o aplicador do experimento se encontrava em sua residência, enquanto que aos participantes, foi solicitado que estivessem em um lugar tranquilo e confortável, de preferência em um computador ou notebook e que estivessem sozinhos para que não fossem interrompidos.

Materiais

Para realizar o experimento, tanto os participantes quanto o pesquisador precisavam usar um computador, celular ou tablet. Utilizou-se o Google Forms três vezes para avaliar os personagens de histórias em quadrinhos, com uma Escala de Diferencial Semântico contendo 13 pares de adjetivos opostos. Também foram utilizados 54 slides da plataforma Google Apresentações, que é uma plataforma online de design e comunicação visual, contendo as histórias em quadrinhos criadas na plataforma Pixton (<https://www.pixton.com>), trata-se de outra plataforma online de criação de histórias em quadrinhos de forma gratuita e sem a necessidade de instalação do aplicativo no dispositivo. Além do Whatsapp para entrar em contato com os participantes, e do Google Meet para a apresentação do formulário e da História em Quadrinhos.

Personagens

Os personagens das Histórias em Quadrinhos são as figuras fictícias que desempenham papéis e interagem dentro do enredo da história. Eles são os protagonistas (personagem principal em uma narrativa), antagonistas (personagem que se opõe ao protagonista), coadjuvantes (personagem secundário que desempenha um papel de apoio ao protagonista) e outros indivíduos que dão vida à narrativa. São os elementos centrais da trama e são representados por meio de desenhos e diálogos em balões de fala. Através de suas ações, diálogos e desenvolvimento ao longo da história, os personagens contribuem para o desenvolvimento do enredo e a transmissão de mensagens, temas e valores.

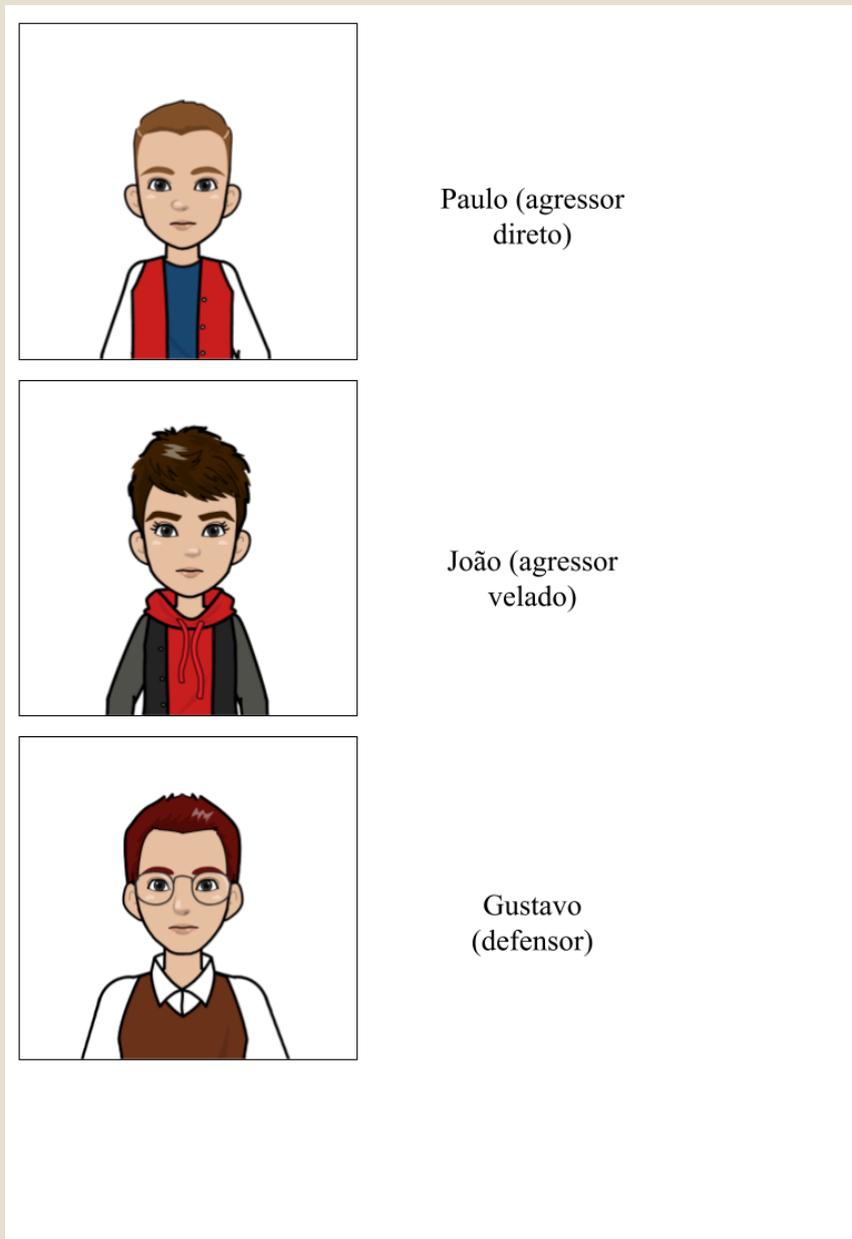
Foram utilizados 3 personagens na História em Quadrinhos, conforme ilustrado na Figura 1, são eles:

Paulo como o protagonista, no papel como o agressor direto de Lucas.

João como o agressor velado.

Gustavo, atuando como antagonista, sendo aquela que se opõe às atitudes de Paulo, o agressor.

Figura 1. Personagens da HQ.



Enredo

Em um parque ensolarado, conhecemos Lucas, uma criança autista que, acompanhado por sua mãe amorosa Clara, explora o mundo com curiosidade única. Lucas se agarra a seu brinquedo Hand Spinner e observa a natureza ao seu redor. A relação entre mãe e filho é cheia de amor e compreensão, mas os desafios de Lucas são evidentes.

Enquanto Lucas se diverte em uma área de recreação, Paulo, um adolescente preconceituoso, e seu amigo observam de longe. Eles não entendem as peculiaridades de

Lucas e, em vez de mostrar empatia, decidem zombar dele. Paulo imita os movimentos de Lucas de maneira desrespeitosa, incitando risadas do amigo.

Gustavo, testemunha a situação. Ele decide intervir, abordando Paulo e seus amigos de maneira educada. Gustavo destaca como suas palavras afetam Lucas, explicando que ele é autista e processa o mundo de forma diferente.

Gustavo desafia Paulo a se colocar no lugar de Lucas e refletir sobre suas próprias ações. Paulo, inicialmente cético, começa a questionar sua atitude. Ele se desculpa com Lucas, mostrando um vislumbre de mudança em sua perspectiva.

Com a intervenção de Gustavo, a dinâmica muda. Mãe e filho continuam a passear, agora com uma sensação de alívio, enquanto Gustavo segue seu caminho, satisfeito por ter feito a diferença. Paulo, tocado pela conversa com Gustavo, observa Lucas com respeito e pondera sobre suas atitudes.

Embora a HQ tenha sido apresentada nos slides do aplicativo Canva via Google Meet, reproduziremos aqui a HQ completa em um formato de gibi. Preferimos este tipo de apresentação para facilitar a leitura.

Oi, eu sou a Sofia!
sou sua assistente de
pesquisa e vou
auxiliar você ao longo
dessa pesquisa.



Muito obrigado por
ter aceitado nosso
convite, sua
participação é muito
importante para nós.



Nossa
primeira tarefa
nesta pesquisa é
responder a um
questionário.



Nesta etapa da pesquisa, você
encontrará figuras no lado
esquerdo de cada uma das
páginas seguintes. Ao lado de
cada figura, haverá pares de
adjetivos, sendo um adjetivo de
sentido oposto ao outro.



Sua tarefa será avaliar
cada figura com base
nos pares de adjetivos.
Para isso, observe
primeiramente a figura.



Esta figura, por
exemplo, pode, de
maneira geral, ser
entendida como
bonita ou feia.



Se você achar que a figura é extremamente bonita, coloque a bolinha próxima ao adjetivo bonito. Assim:



An_bon-fei *



Se achar que é extremamente feia, coloque a bolinha próxima ao adjetivo feio. Assim:



An_bon-fei *



Se achar a figura regularmente bonita, coloque a bolinha um pouco menos próxima do adjetivo bonito. Assim:

An_bon-fei *



Se achar a figura regularmente feia, coloque a bolinha um pouco menos próxima do adjetivo feio. Assim:

An_bon-fei *



Se você considerar a figura levemente bonita, desloque a bolinha um pouco além do centro da escala em direção ao adjetivo bonito. Assim:



An_bon-fei *



Se você julgar a figura levemente feia, desloque a bolinha um pouco além do centro da escala em direção ao adjetivo feio. Assim:



An_bon-fei *



Caso você ache que a figura não tem nada a ver com um determinado par de adjetivos ou tem relação tanto com um quanto com outro, deixe a bolinha no centro. Assim:



Ant_bom-fel*

	1	2	3	4	5	6	7	
bonito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	feio

Ao finalizar a avaliação da figura com todos os pares de adjetivos, clique no botão para prosseguir para a próxima figura a ser avaliada.



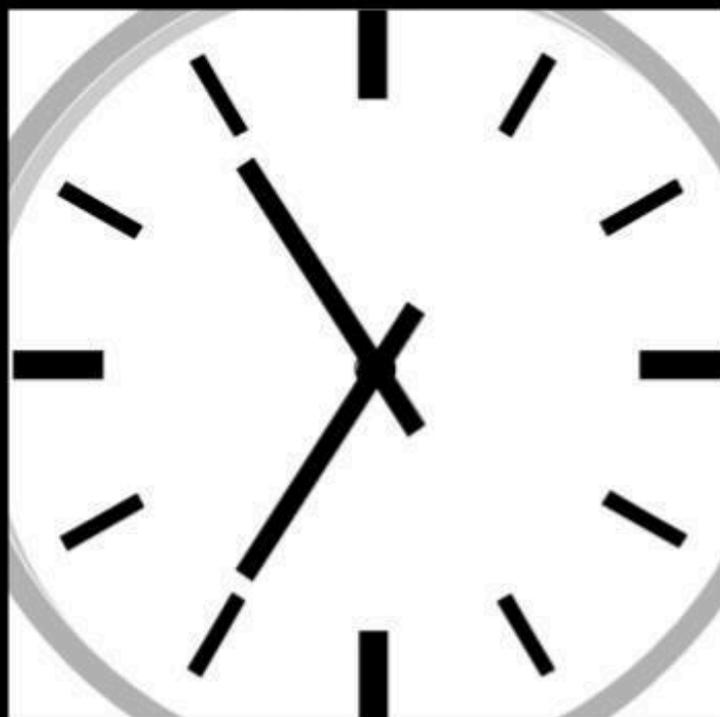
Não se preocupe em acertar ou errar, porque não há uma resposta certa ou errada. Procure ser sincero.



O formulário será enviado pelo chat. Vamos começar?



Agora você irá ler uma história em quadrinhos, alguma dúvida?



Cada quadrinho passará automaticamente, e terá duração de 15 segundos.



Vamos começar!



Vamos aproveitar um pouco, Lucas.

Tudo bem, mãe.



Quer brincar no balanço?

Não, obrigado.



Olha lá, aquele garoto estranho.



Ele nem brinca no balanço. Deve ser maluco. Não sabe fazer nada sozinho.

É, deve ser mesmo.









Essa é a atitude certa.



Aliás, você gostaria de conhecer mais sobre o autismo?



Sim, adoraria.

Então venha participar de uma palestra sobre o tema na escola.



Às vezes, é preciso um pequeno empurrão.

Ei! Obrigada por ajudar a mudar a perspectiva do Paulo.



Que bom que você estava aqui! (ajuda)



Viu como o mundo é cheio de surpresas, meu amor?

Sim, mamãe!

Até mais!



Tchau, Lucas! Nós vamos na escola.



Às vezes, tudo que precisamos é de compreensão e de um pouco de amizade.



Na escola...

Ei, Lucas! Venha brincar com a gente.



Por último, você responderá o questionário novamente, que será enviado pelo chat.



Muito obrigada pela sua atenção, até mais.



Roteiro

Cena 1 - Introdução:

Quadrinho 1:

Mãe (Clara) e Lucas (Criança Autista) passeiam no parque.

Mãe (Clara): "Vamos aproveitar um pouco, Lucas."

Lucas (Criança Autista): Observa as árvores e os pássaros com curiosidade "Tudo bem, mãe."

Quadrinho 2:

Mãe (Clara): Sorrindo "Quer brincar no balanço?"

Lucas (Criança Autista): "Não, obrigado."

Cena 2 - Atos de Preconceito:

Quadrinho 3:

Personagem Preconceituoso (Paulo) e seus amigos observam Lucas à distância.

Amigo de Paulo: "Olha lá, aquele garoto estranho."

Quadrinho 4:

Paulo: "Ele nem brinca no balanço. Deve ser maluco. Não sabe fazer nada sozinho."

Amigo de Paulo: "É, deve ser mesmo."

Quadrinho 5:

Paulo e seu amigo riem enquanto Lucas explora o parque.

Quadrinho 6:

Paulo: "Olhem para ele, andando feito um robô."

João: "Hahaha, é verdade!"

Quadrinho 7:

Paulo: Zombando "Ei, olhem para mim, eu sou o Lucas!"

João: Imita os movimentos de Lucas "Olha só para mim!"

Quadrinho 8:

Lucas (Criança Autista) continua a explorar, aparentemente alheio aos comentários.

Quadrinho 9:

João: "Cara, ele é realmente estranho."

Paulo: Rindo "Não sei como alguém pode ser assim."

Quadrinho 10:

Mãe (Clara) observa a interação de longe, preocupada.

Mãe (Clara): Preocupada "Lucas não merece isso."

Quadrinho 11:

Defensor (Gustavo) vê a situação e decide intervir.

(aplicação do formulário)

Cena 3 - Reflexão e Mudança:

Quadrinho 12:

Defensor (Gustavo) se aproxima de Paulo e seus amigos.

Defensor (Gustavo): "Ei, posso falar com você um instante?"

Paulo: Desconfiado "Sobre o quê?"

Quadrinho 13:

Defensor (Gustavo): Apontando para Lucas "Você percebe como suas palavras afetaram aquele garoto?"

Paulo: Apaixonado "Ah, não é nada demais."

Quadrinho 14:

Defensor (Gustavo): "Ele é autista, o que significa que processa as coisas de maneira diferente."

Paulo: Pensativo "Autista? O que é isso?"

Defensor (Gustavo): "É uma condição que afeta a forma como as pessoas interagem e percebem o mundo."

Quadrinho 15:

Defensor (Gustavo): "Se colocasse no lugar dele, como se sentiria?"

Paulo: Refletindo "Nunca tinha pensado nisso..."

Quadrinho 16:

Defensor (Gustavo): "Você pode fazer diferente. Por que não tenta se desculpar?"

Quadrinho 17:

Paulo se aproxima de Lucas, envergonhado.

Paulo: "Ei, me desculpe por ter sido desrespeitoso."

Quadrinho 18:

Lucas olha para Paulo, surpreso.

Lucas (Criança Autista): "Tudo bem..."

Quadrinho 19:

Paulo: Genuíno "Hmm, talvez eu tenha sido insensível... Vou ser mais cuidadoso."

Quadrinho 20:

Defensor (Gustavo): Sorri "Essa é a atitude certa."

Quadrinho 21:

Defensor (Gustavo): "Aliás, você gostaria de conhecer mais sobre o autismo?"

Quadrinho 22:

Paulo: Curioso "Sim, adoraria."

Defensor (Gustavo): "Então venha participar de uma palestra sobre o tema na escola."

Quadrinho 23:

Paulo: Agrada "Claro, estarei lá."

Quadrinho 24:

Mãe (Clara): Aproximando-se "Obrigada por ajudar a mudar a perspectiva do Paulo."

Defensor (Gustavo): "Às vezes, é preciso um pequeno empurrão."

Quadrinho 25:

Mãe (Clara) e Defensor (Gustavo) conversam, enquanto Lucas observa.

Quadrinho 26:

Mãe (Clara) e Lucas continuam a passear pelo parque.

Mãe (Clara): Olha para Lucas com carinho "Viu como o mundo é cheio de surpresas, meu amor?"

Lucas (Criança Autista): Sorri e acena com a cabeça "Sim, mãe."

Quadrinho 27:

Defensor (Gustavo) se despede e continua sua jornada.

Quadrinho 28:

Paulo se aproxima e observa Lucas de longe, com respeito.

Quadrinho 29:

Paulo sorri para Lucas e acena timidamente.

Paulo: "Tchau, Lucas! Nos vemos na escola."

Lucas (Criança Autista): Sorri de volta, reconhecendo o gesto amigável.

Quadrinho 30:

Mãe (Clara): "Às vezes, tudo que precisamos é de compreensão e de um pouco de amizade."

Quadrinho 33:

Mãe (Clara) e Lucas continuam a caminhar, olhando para o futuro.

Quadrinho 34:

Lucas caminha pelo gramado da escola e Paulo e João estão jogando futebol.

Paulo: Ei, Lucas! Venha brincar com a gente.

Procedimento

A coleta de dados ocorreu em uma única sessão, com duração de aproximadamente 35 minutos. A sessão começou com uma chamada pelo Google Meet, seguida de cumprimentos. Em seguida, foi enviado um link através do chat do Meet contendo o formulário com a EDS.

Pré-teste - Durante a apresentação dos slides no Google Meet, a tela do google apresentações foi compartilhada. Nesse momento, um assistente pessoal foi introduzido para guiar os participantes nas instruções necessárias para preencher o formulário até o aparecimento do slide com o relógio. Durante esse período, a comunicação entre o pesquisador e o participante era interrompida até que o participante indicasse que havia concluído o preenchimento do formulário.

No formulário, os participantes foram direcionados a uma seção com instruções, conforme mostrado na figura da HQ. Após clicarem no botão "Próximo", foram redirecionados para a próxima seção, onde encontraram as avaliações do primeiro personagem, conforme ilustrado na figura seguinte. Nas áreas de avaliação, os participantes visualizaram fotos dos personagens da HQ, acompanhadas por uma escala Likert que varia de 1 a 7, contendo os 13 pares de adjetivos. Para avaliar todos os personagens, é necessário selecionar cada um dos treze pares de adjetivos em cada área de avaliação. Somente após isso foi possível passar para a avaliação do próximo personagem.

Apresentação da HQ

Após isso, foram fornecidas novas instruções por meio do Google Meet, utilizando os slides do Google Apresentações. Dessa vez, as instruções eram sobre como visualizar a HQ. Após as instruções, a História em Quadrinhos começava. Os slides do Google Apresentações, compartilhados no Google Meet, eram exibidos em tela cheia, iniciando pela capa da HQ e avançando automaticamente de quadro em quadro a cada 15 segundos. Esse tempo de exibição foi estabelecido para permitir uma melhor visualização e compreensão da mensagem transmitida.

Pós-teste

A aplicação do pós-teste seguiu o mesmo procedimento do pré-teste, com a única diferença de que o assistente pessoal informou quando seria feito o preenchimento de um novo formulário.

Resultados

A coleta ocorreu nos dias 13/09/2023 e 14/09/2023, sem ocorrer nenhuma dificuldade em realizar o agendamento dos encontros. As sessões tiveram duração de 30 minutos em média.

Durante a análise dos dados obtidos pelas respostas dos participantes na Escala de Diferencial Semântico, ocorreu a necessidade de realizar certos ajustes. A conversão da EDS, que originalmente varia de 1 a 7, para uma escala que vai de -3 a 3, passando pelo 0, é realizada para facilitar a análise estatística e interpretar os resultados de forma mais conveniente. Existindo algumas razões para essa conversão:

1. Simetria e centralização: Ao converter a escala para ir de -3 a 3, a escala se torna simétrica em torno do zero, o que facilita a interpretação dos resultados. O zero representa um ponto neutro, onde não há inclinação positiva ou negativa. Além disso, a escala centrada em zero permite uma melhor compreensão da intensidade do sentimento ou avaliação.

2. Comparação com outras pesquisas: A escala -3 a 3 é amplamente utilizada em muitos estudos e pesquisas, permitindo uma comparação mais fácil com outras variáveis que também são representadas em escalas semelhantes (Almeida et al., 2014).

Em relação à inversão dos resultados, multiplicando cada um por -1, isso é feito para corrigir a direção da avaliação. Por exemplo, se um participante originalmente atribuiu uma pontuação alta em uma escala positiva, após a inversão, a pontuação será negativa. Isso é necessário para garantir uma coerência na interpretação dos dados e na análise estatística.

Em suma, a conversão da escala de diferencial semântico para uma escala que vai de -3 a 3, passando pelo 0, juntamente com a inversão dos resultados, é uma prática comum na análise de dados para facilitar a interpretação e comparação de resultados.

No gráfico da Escala de Diferencial Semântico, o eixo X geralmente representa as avaliações ou as respostas dos participantes em relação a uma determinada variável. Essas avaliações podem ser positivas ou negativas, refletindo a polaridade da resposta. O eixo X geralmente varia de um extremo negativo a um extremo positivo, representando uma escala de valores ao longo dessa dimensão.

Por outro lado, o eixo Y representa os adjetivos ou os termos que descrevem as características sendo avaliadas. Os adjetivos são selecionados para capturar diferentes aspectos ou dimensões relacionadas à variável em estudo. Eles podem representar emoções, atitudes, traços de personalidade, entre outros atributos relevantes.

Ao plotar os pontos no gráfico da Escala de Diferencial Semântico, o eixo X indica em que ponto da escala cada participante ou resposta se encontra, enquanto o eixo Y indica qual adjetivo específico está sendo avaliado. Dessa forma, é possível visualizar a distribuição das avaliações ao longo do eixo X para cada adjetivo no eixo Y, permitindo uma análise das tendências e padrões nas respostas dos participantes.

Desta maneira, os primeiros adjetivos representam os adjetivos polarizados chamados de Avaliação, que são nove: alegre-triste, relaxado-tenso, liso-áspero, bonito-feio, leve-pesado, positivo-negativo, macio-duro, bom-mau e agradável-desagradável. Os quatro últimos representam os adjetivos polarizados chamados de Potência, que são: rápido-lento, ativo-passivo, rico-pobre e dominante-submisso.

Além disso, pode-se observar nos gráficos a presença de linhas azuis, representando os resultados obtidos em relação à atitude de cada participante sobre cada personagem antes de sua apresentação na HQ - Pré teste. Não obstante, as linhas vermelhas indicam essa mesma atitude após a exposição parcial à HQ - Pós teste 1. Já as linhas amarelas representam a mesma atitude após a exposição completa da HQ - Pós teste 2.

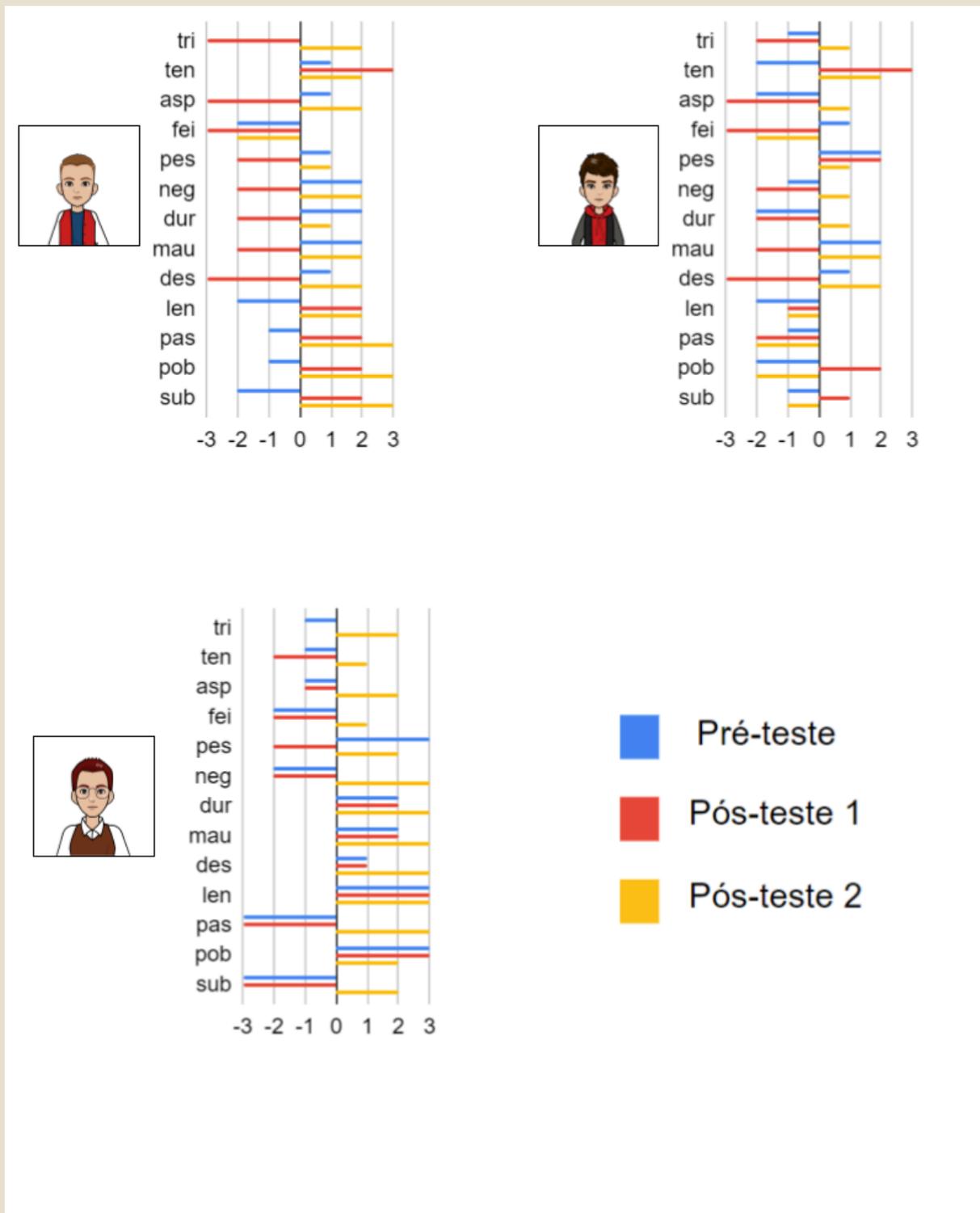
A Figura 2 apresenta os resultados das avaliações do personagem Paulo feitas pelo participante 1 (P1). Antes da leitura da HQ, a soma dos adjetivos de avaliação foi de 8, ou seja, positiva. Enquanto a soma dos adjetivos de potência foi -6, ou seja, uma avaliação negativa, e após a leitura da primeira parte, o resultado dos adjetivos de avaliação foi de -17, enquanto os adjetivos de potência tiveram o resultado positivo de 8. Já após a leitura completa, a avaliação foi predominantemente positiva, onde os adjetivos de avaliação tiveram o resultado 12 e os de potência 11, ou seja, ambos positivos. No pré e pós-teste 1 podemos perceber que os adjetivos de avaliação e os de potência funcionaram de maneira em que são inversamente proporcionais. Foi realizado também, o cálculo de porcentagem da mudança de atitude utilizando o somatório do valor absoluto das diferenças da avaliação entre o pré-teste, pós-teste 1 e pós-teste 2 e, no final, transformou-se em percentual, sendo o valor máximo 54. Em seguida usou-se o somatório do valor absoluto das diferenças das potências entre pré-teste, pós-teste 1 e pós-teste 2 e transformou-se em percentual, sendo o valor máximo 24. Assim em relação a mudança de atitude do pré-teste para o pós-teste 1 onde, para os adjetivos de avaliação ocorreu uma variação de 53,7% e para os de potência 58,3%. Já do pós-teste 1 para o pós-teste 2 a variação para os adjetivos de avaliação foi de 57,4%, enquanto os de potência houve uma variação de 12,5%.

Por outro lado a avaliação do P1 em relação ao personagem João foi majoritariamente negativa antes da leitura da HQ, tendo ambas as somas negativas, com os adjetivos de avaliação um resultado de -2 e os de potência de -6. Essa avaliação se manteve negativa após a leitura da primeira parte com novamente ambas as somatórias negativas, sendo a primeira de -12 e a segunda de 0. Porém a avaliação se tornou positiva após o término da leitura, já que as somatórias tiveram resultados de 9 e -6 respectivamente. Houve, do pré-teste para o pós-teste 1 uma variação de 37% para os adjetivos de avaliação e de 33,3% para os de potência. Enquanto que do pós-teste 1 para o pós-teste 2 ocorreu nos adjetivos de avaliação 46,3% de variação e para os de potência 25%.

Da mesma forma, o personagem Gustavo foi primeiramente avaliado de forma neutra no pré-teste, a soma dos adjetivos de avaliação foi de 1 e os de potência 0. No pós-teste 1 essa avaliação foi de -4 e 0 respectivamente. Por outro lado, na avaliação final o personagem teve apenas avaliações positivas e um aumento significativo na soma dos adjetivos de avaliação com o resultado de 20 e os de potência 10. Em relação a mudança de atitude ocorrida do pré-teste para o pós-teste 1, pode-se observar uma variação de 13% para os adjetivos de avaliação e para os de potência não ocorreu variação. Já na mudança de atitude do pós-teste 1 para o pós-teste 2, ocorreu 44,4% de mudança para os adjetivos de avaliação, enquanto para os de potência houve 50% de variação.

Em relação às funções de cada personagem, é possível fazer uma comparação entre os mesmos. Para os três personagens de P1 as avaliações foram menores no pós-teste 1 em relação ao pré-teste e foram maiores no lado positivo após a segunda parte da história. Além de que Paulo foi o personagem com maior mudança de atitude e João o menor do pós-teste 1 para o pós-teste 2.

Figura 2. Resultados do Participante 1 (P1).



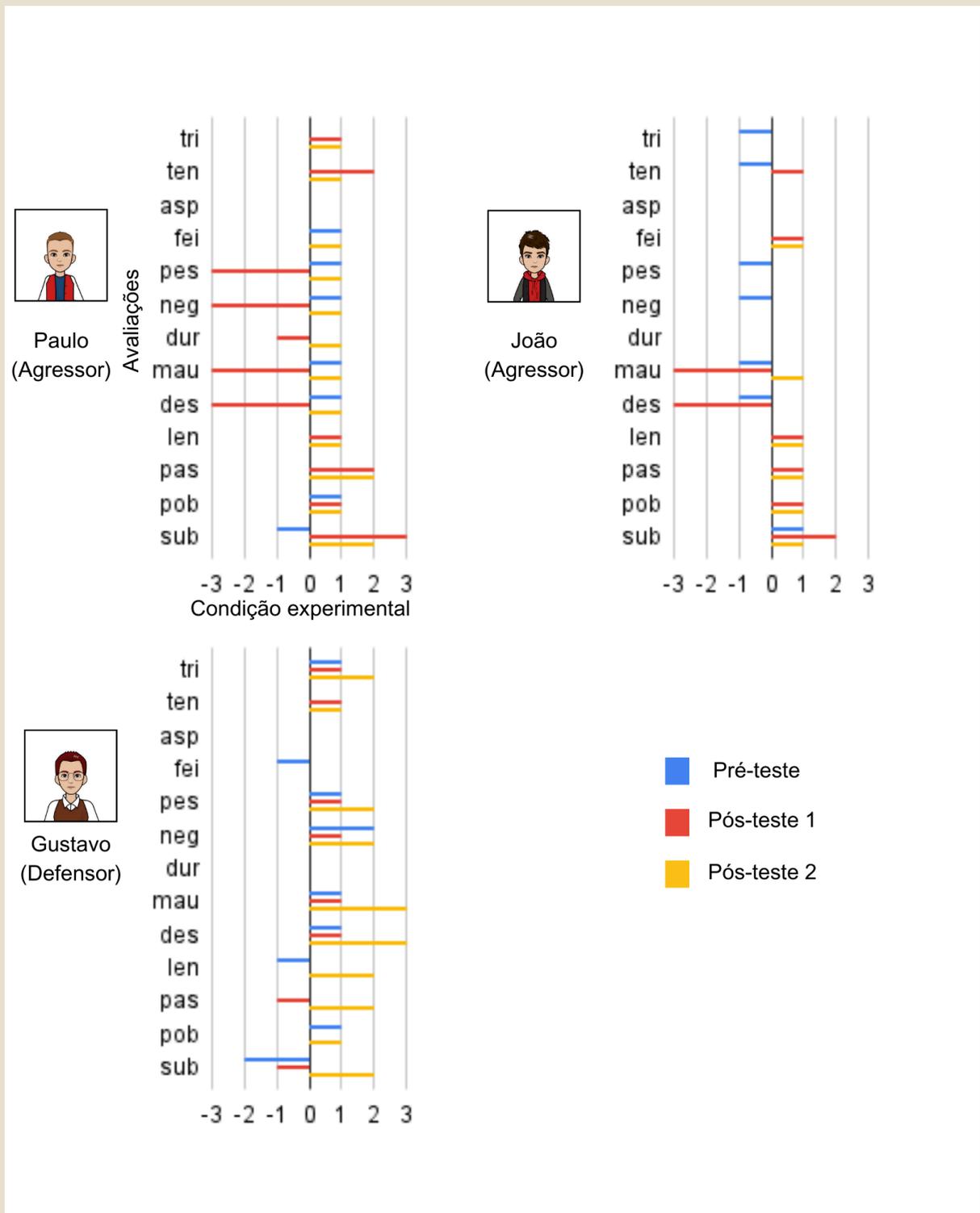
Na Figura 3, são apresentadas as avaliações feitas pelo participante 2 (P2). Em relação ao personagem Paulo a soma dos adjetivos de avaliação foi de 5, ou seja, positiva. Enquanto a soma dos adjetivos de potência foi 0, ou seja, uma avaliação neutra, e após a leitura da primeira parte o resultado dos adjetivos de avaliação foi de -10, enquanto os adjetivos de potência tiveram o resultado positivo de 7. Já após a leitura completa, a avaliação foi predominantemente positiva, onde os adjetivos de avaliação tiveram o resultado 8 e os de potência 6, ou seja, ambos positivos. Em relação a porcentagem da mudança de atitude, houve, do pré-teste para o pós-teste 1 uma variação de 38,9% para os adjetivos de avaliação e de 29,8% para os de potência. Enquanto que do pós-teste 1 para o pós-teste 2 ocorreu nos adjetivos de avaliação 37% de variação e para os de potência 4,2%.

Por outro lado a avaliação feita pelo P2 em relação ao personagem João no pré-teste os adjetivos de avaliação tiveram o resultado de -6 e os de potência de 1. Já no pós-teste 1 os resultados foram de -4 e 5 respectivamente. Enquanto após a leitura completa da HQ os resultados foram majoritariamente positivos de 2 nos adjetivos de avaliação e 4 nos de potência. No pré e pós-teste 1 podemos perceber que os adjetivos de avaliação e os de potência funcionaram de maneira em que são inversamente proporcionais. Em relação a mudança de atitude ocorrida do pré-teste para o pós-teste 1, pode-se observar uma variação de 18,5% para os adjetivos de avaliação e para os de potência 16,7%. Já na mudança de atitude do pós-teste 1 para o pós-teste 2, ocorreu 14,8% de mudança para os adjetivos de avaliação, enquanto para os de potência houve 4,2% de variação.

Em relação ao personagem Gustavo, a avaliação feita pelo P2 aos adjetivos de avaliação no pré-teste foi de 5 enquanto, os de potência foi de -2. No pós-teste 1, onde o personagem ainda não tinha aparecido, as avaliações foram de 6 e -2 respectivamente. Já no pós-teste 2 o resultado foi positivo, pois houve um aumento nas somas dos adjetivos que ficaram 13 e 7 respectivamente. No que diz respeito a mudança de atitude houve, do pré-teste para o pós-teste 1 uma variação de 5,6% para os adjetivos de avaliação e de 16,7% para os de potência. Enquanto que do pós-teste 1 para o pós-teste 2 ocorreu nos adjetivos de avaliação 13% de variação e para os de potência 37,5%.

Em relação às funções de cada personagem, é possível fazer uma comparação entre os mesmos. Para o personagem Paulo de P2, a avaliação foi menor no pós-teste 1 em relação ao pré-teste, enquanto para os personagens João e Gustavo as avaliações foram maiores no pós-teste 1 em relação ao pré-teste e todas as avaliações foram maiores no lado positivo após a segunda parte da história.

Figura 3. Resultados do Participante 2 (P2).



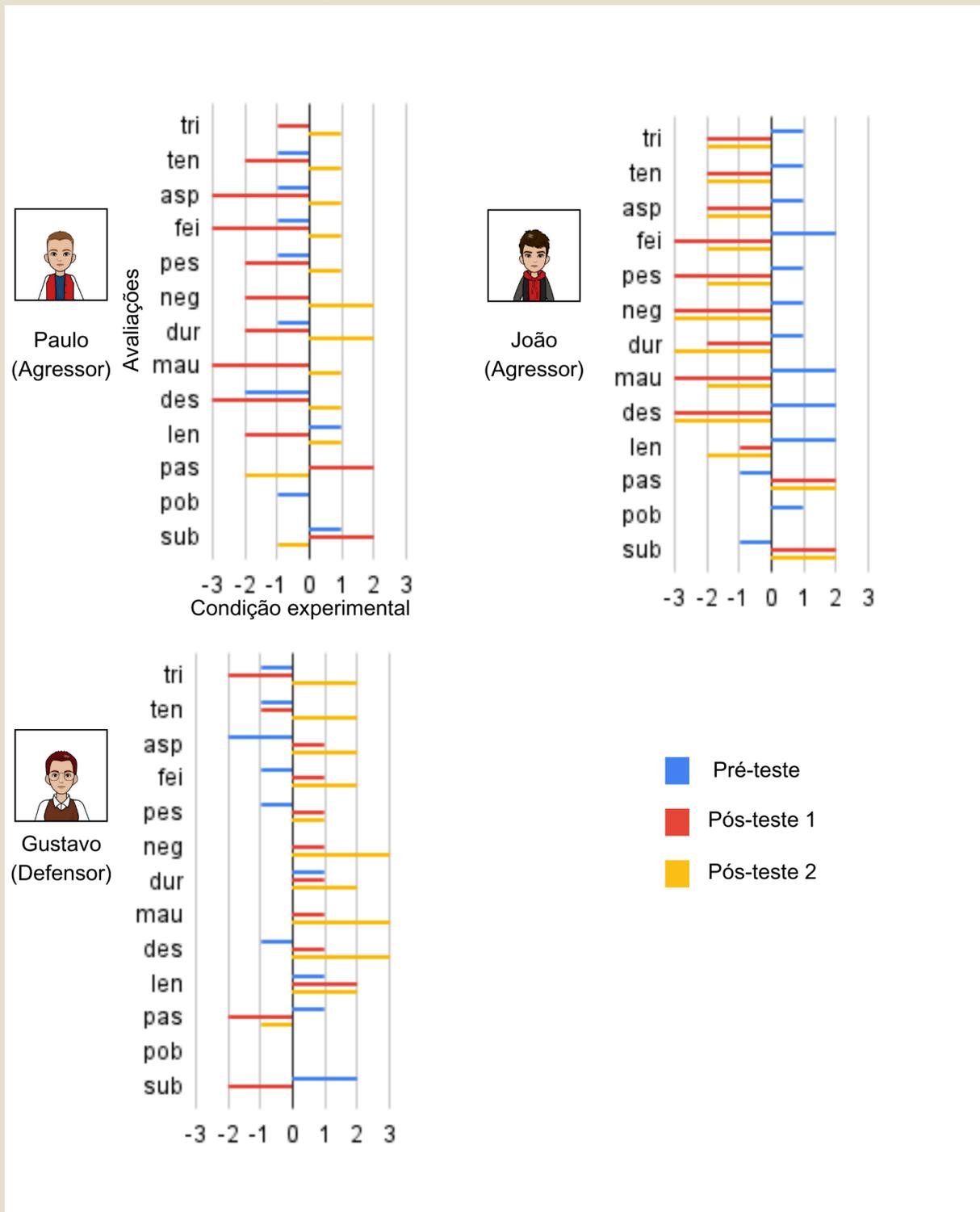
A Figura 4 apresenta os resultados das avaliações dos personagens feitas pelo participante 3 (P3). A avaliação do P3 ao personagem Paulo no pré-teste teve como resultado da somatória dos adjetivos de avaliação -7, e para os adjetivos de potência 1. Para o pós-teste 1, o resultado foi de -21 para os adjetivos de avaliação e de 2 para os de potência. E após a leitura completa da HQ o resultado foi de 11 e -2 respectivamente. Além disso, foi realizada também, o cálculo da porcentagem da mudança de atitude ocorrida do pré-teste para o pós-teste 1 onde, para os adjetivos de avaliação ocorreu uma variação de 25,9% e para os de potência 29,2%. Já do pós-teste 1 para o pós-teste 2 a variação para os adjetivos de avaliação foi de 59,3%, enquanto os de potência houve uma variação de 41,7%.

Enquanto a avaliação feita pelo P3 em relação ao personagem João no pré-teste os adjetivos de avaliação tiveram o resultado de 12 e os de potência de 1. Após a leitura da primeira parte o resultado dos adjetivos de avaliação foi de -23, enquanto os adjetivos de potência tiveram o resultado positivo de 3. Já no pós-teste 2, a somatória foi de -21 e 2 respectivamente para os adjetivos de avaliação e de potência. No que diz respeito a mudança de atitude houve, do pré-teste para o pós-teste 1 uma variação de 64,8% para os adjetivos de avaliação e de 41,7% para os de potência. Enquanto que do pós-teste 1 para o pós-teste 2 ocorreu nos adjetivos de avaliação 7,4% de variação e para os de potência 4,3%.

Em relação ao personagem Gustavo, a avaliação feita pelo P3 aos adjetivos de avaliação no pré-teste foi de -6 enquanto, os de potência foi de 4. Para o pós-teste 1, os adjetivos de avaliação tiveram o resultado de 4 e os de potência -2. E após a leitura completa da HQ, o resultado foi 20 para os adjetivos de avaliação e 1 para os de potência. Em relação a mudança de atitude ocorrida do pré-teste para o pós-teste 1, pode-se observar uma variação de 22,2% para os adjetivos de avaliação e para os de potência 33,3%. Já na mudança de atitude do pós-teste 1 para o pós-teste 2, ocorreu 29,6% de mudança para os adjetivos de avaliação, enquanto para os de potência houve 12,5% de variação.

Para os personagens Paulo e João de P3, as avaliações foram menores no pós-teste 1 em relação ao pré-teste, enquanto para o personagem Gustavo a avaliação foi maior no pós-teste 1 em relação ao pré-teste e todas as avaliações foram maiores no lado positivo após a segunda parte da história.

Figura 4. Resultados do Participante 3 (P3).

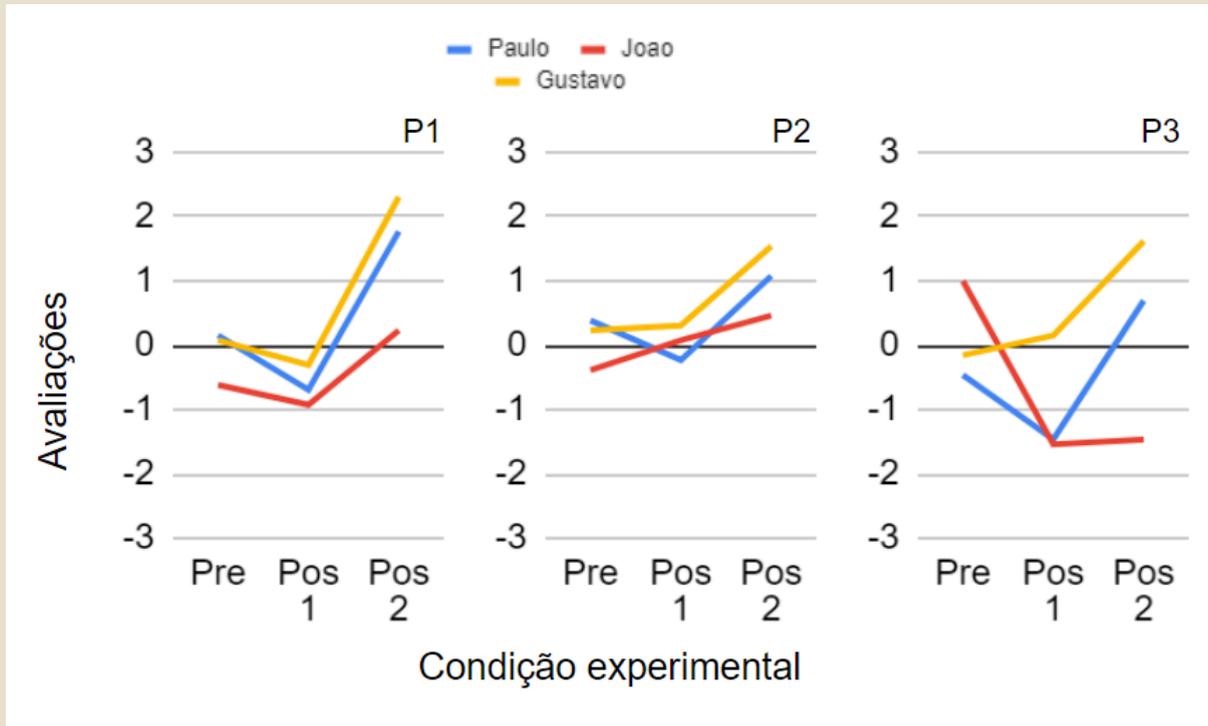


A Figura 5 apresenta a média das avaliações de todos os adjetivos para cada participante para cada condição experimental para cada personagem. O personagem Paulo apresentou um padrão na avaliação de todos os participantes, onde no pós-teste 1 teve uma avaliação negativa em relação ao pré-teste, enquanto houve um aumento no pós-teste 2.

O personagem João foi o que mais apresentou variação entre os participantes, no P1 a avaliação seguiu igual aos dos demais personagens. No P2 inicia e termina igual aos demais personagens mas no pós-teste 1 sua avaliação aumenta em relação ao início. No P3 houve maior mudança em relação aos outros participantes, onde no pré-teste obteve uma avaliação positiva.

O personagem Gustavo apresentou um padrão na avaliação dos P2 e P3, onde no pós-teste 1 teve uma avaliação positiva em relação ao pré-teste e houve um aumento no pós-teste 2. Enquanto no P1 a avaliação seguiu igual aos dos demais personagens.

Figura 5. Média das Avaliações de Todos os Adjetivos para Cada Participante para Cada Condição Experimental para Cada Personagem.



Discussão

O autismo é um transtorno neuropsiquiátrico que afeta a comunicação, o comportamento social e a interação das pessoas. Embora o autismo seja uma parte natural da diversidade humana, as pessoas autistas muitas vezes enfrentam desafios significativos em um mundo que não está adequadamente adaptado para atender às suas necessidades (Lovaas, 2003).

O capacitismo é um conceito que se relaciona com a discriminação e o preconceito voltados para pessoas com deficiências, incluindo aquelas com autismo. Ele se baseia na ideia de que a sociedade valoriza as capacidades consideradas "normais" ou "padrão", enquanto desvaloriza ou marginaliza aqueles que não se encaixam nesse padrão. Isso pode resultar em estigmatização, exclusão social e falta de oportunidades para pessoas com autismo (Mello, 2016), dessa forma é importante estudar atitudes, portanto, o objetivo da pesquisa foi pesquisar o efeito da observação do comportamento discriminatório e da informação do transtorno do espectro autista sobre a mudança de atitude em relação a personagens fictícios com diferentes papéis, por meio da leitura de histórias em quadrinhos, com a inserção de dados científicos, em relação ao autismo, a partir de avaliações segundo escala de diferencial semântico.

O procedimento ocorreu com três participantes em cinco etapas (abrange as quatro condições experimentais explicadas no Delineamento): 1) Pré-teste, 2) leitura da história em quadrinhos cena 1 e 2, 3) Pós-teste 1, 4) leitura da história em quadrinhos cena 3 e 5) Pós-teste 2.

Os resultados encontrados sugerem que, a partir da leitura das histórias em quadrinhos, houve alteração nas avaliações dos personagens realizadas pelos participantes da pesquisa, ou seja, existem diferenças das avaliações realizadas na escala Likert. Entende-se, assim, que existiram mudanças de atitudes dos participantes em relação aos personagens Paulo, João e Gustavo presentes na história em quadrinhos, ressaltando a importância de acesso à informação do transtorno do espectro autista e capacitismo. Esses dados corroboram os resultados de pesquisas anteriores que avaliaram mudança de atitude a partir da leitura de história em quadrinhos (Moreira et al. 2022a; Moreira et al. 2022b; Moreira et al. 2023).

De acordo com o experimento 5 de Moreira et al. (2022), sobre a inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no mercado de trabalho, os resultados obtidos na mesma são compatíveis com os resultados da presente pesquisa onde verifica-se uma queda na avaliação daquele que pratica uma atitude discriminatória tanto quanto do personagem que apresenta o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Enquanto que na presente pesquisa, em sua maioria, obteve-se avaliação negativa no pós-teste 1 e uma positiva no pós-teste 2.

Em relação às pesquisas que utilizaram níveis de agressão como o experimento 6 de Moreira et al. (2023), sobre os efeitos da observação de cenas de preconceito e intolerância religiosa sobre a mudança de atitude foram compatíveis com a presente pesquisa em que os personagens mais agressivos tiveram uma avaliação mais negativa e o defensor uma avaliação positiva.

Os resultados da presente pesquisa sugerem que houve mudança de atitude dos participantes com relação ao personagem Paulo que apresentou um padrão na avaliação de todos os participantes.

Com relação ao personagem João os resultados sugerem maior variação entre os participantes, já que o personagem apresentava uma atitude mais passiva porém com agressão. O mesmo não apresentou falas de arrependimento, contudo, os 3 participantes o avaliaram positivamente em relação ao pós-teste 1. Acredita-se que essa mudança ocorreu pois o outro agressor apresentou arrependimento, sendo assim, os dois personagens foram associados um ao outro. Com relação ao personagem Gustavo os resultados apresentam um padrão na avaliação dos participantes.

Em suma, a comparação dos resultados obtidos através do estudo indicam e sugerem que a leitura produziu efeito na avaliação atitudinal dos personagens, em cada um dos participantes. Assim, o estudo converge congruentemente com os estudos acerca da leitura de histórias e quadrinhos, quando confirma a produção de mudanças de atitude diante de comportamento capacitista em relação às pessoas autistas (Moreira et al. 2023).

Esta pesquisa possui a limitação por ter sido realizada de forma remota, onde a leitura da HQ foi realizada de forma online, apesar de ter o avaliador durante todo o procedimento da pesquisa com o participante, pode ocorrer distrações que podem influenciar na leitura da HQ.

Com o propósito de estimular a continuidade dessa discussão, o presente estudo encoraja pesquisas futuras com interesses semelhantes a explorar as razões subjacentes à avaliação dos personagens. Isso permitiria uma análise mais profunda das questões sociais inerentes ao conteúdo em análise, bem como uma compreensão mais completa do processo de estabelecimento de critérios na avaliação feita pelos participantes.

A leitura de histórias em quadrinhos teve um impacto na forma como os participantes viam e avaliavam os personagens. Após a leitura, os participantes apresentaram alterações nas avaliações, em relação a esses personagens, indicando que as histórias influenciaram suas percepções e avaliações.

Além disso, a leitura das histórias em quadrinhos ajudou os participantes a distinguir claramente entre personagens agressores e vítimas. Eles conseguiram reconhecer as atitudes prejudiciais dos agressores e o sofrimento das vítimas, conforme evidenciado pelas suas avaliações.

Uma descoberta importante foi que os participantes se tornaram mais sensíveis ao contexto em que os personagens estavam inseridos e como isso afetava suas atitudes e comportamentos. Isso resultou em uma avaliação mais contextualizada dos personagens, levando em consideração as pressões sociais, as dinâmicas de poder e as circunstâncias específicas em que agiam.

No que se refere aos personagens agressores, os resultados mostraram que, em geral, eles foram alvo de avaliações negativas (Moreira et al. 2023). No entanto, houve variações nas avaliações entre os participantes e nos diferentes contextos apresentados nos experimentos. Os participantes avaliaram o personagem que representava o agressor direto de maneira mais negativa do que o personagem que representava o agressor velado. Isso sugere que os participantes rejeitaram mais fortemente a forma mais intensa de discriminação. Além disso, em alguns casos, os participantes apresentaram mudanças significativas em suas avaliações dos personagens agressores ao longo dos experimentos. Essas mudanças podem indicar uma sensibilidade dos participantes em relação às informações contextuais e a uma possível reflexão sobre suas próprias atitudes.

Em relação ao agressor direto, os participantes avaliaram de maneira consistentemente negativa. Isso sugere que o papel de agressor direto foi percebido de forma mais negativa pelos participantes, independentemente do contexto em que ele estava inserido.

Em relação aos defensores, as avaliações são consistentemente positivas ou neutras ao longo da história. Isso indica que o defensor foi bem recebido pelos participantes, independentemente do contexto em que ele estava inserido. Sua atuação contribuiu para manter uma postura positiva e promover valores de combate à discriminação e à promoção da igualdade. Portanto, o defensor não apenas desempenhou um papel de defensor eficaz na cena de discriminação, como também foi capaz de manter uma influência positiva e constante em sua avaliação por parte dos participantes. Sua atuação na história demonstra a importância de personagens que promovem ativamente atitudes inclusivas e de combate à discriminação.

Em conclusão, os resultados desta pesquisa indicaram a influência da leitura de histórias em quadrinhos na mudança de atitude dos participantes em relação aos personagens. Isso ressalta a importância da utilização de recursos como histórias em quadrinhos como ferramentas educacionais para promover a reflexão e a mudança de atitude em relação a questões sociais complexas.

Referências

Almeida, J. H. de, Bortoloti, R., Ferreira, P. R. dos S., Schelini, P. W., & Rose, J. C. C. de. (2014). Análise da validade e precisão de instrumento de diferencial semântico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27, 272–281. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427207>

American Psychiatric Association. (2023). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-5-TR*.

Brasil. Lei Federal nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 28 dez. 2012.

De Rose, J. C., & Bortoloti, R. (2007). A equivalência de estímulos como modelo de significado. *Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 15(3), 83-102.

Lovaas, O. I., & Smith, T. (2003). Early and intensive behavioral intervention in autism. In A. E. Kazdin & J. R. Weisz (Eds.), *Evidence-based psychotherapies for children and adolescents* (pp. 325–340). The Guilford Press.

Marques, M. H., & Dixe, M. d. A. R. (2011). Crianças e jovens autistas: impacto na dinâmica familiar e pessoal de seus pais. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 38(2), 66–70. <https://doi.org/10.1590/s0101-60832011000200005>

Mello, A. G. de. (2016). Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(10), 3265–3276. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>

Mizael, T. M., dos Santos, S. L., & de Rose, J. C. C. (2016). Contribuições do paradigma de equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. *Interação em Psicologia*, 20(2), 124-134. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v20i2.46278>

Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2018). *Princípios básicos de análise do comportamento*. Artmed.

Moreira, M. B., Ávila, A., Corrêa, B. F., Reis, F., Rodrigues, I., Lígia Vaz Pol, Carlos, & Heloiza, S. (2023). *Histórias em quadrinhos e o estudo das atitudes - Parte II*. Instituto Walden4.

Moreira, M. B., Sousa, C. P., Tomasini, C., do Amaral Craveiro, H., Rodrigues, I. L., Dutra, I., Barros, J. F., Freire, L. R. V., Vilela, M. E. D., Cautela, M. E. T. C., Oliveira, P. M. D. N., Soares, S. K. S., & Andrade, V. M. (2022). *Estudos sobre histórias em quadrinhos e atitudes - Parte I*. Instituto Walden4.

Murrar, S., & Brauer, M. (2019). Overcoming resistance to change: Using narratives to create more positive intergroup attitudes. *Current Directions in Psychological Science*, 28(2), 164–169. <https://www.sohadmurrar.com/s/MurrarBrauer2019.pdf>

ONU. (2006). *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Resolução A/61/611, 13/12/06. Nova York

O impacto da observação de comportamentos discriminatórios em relação à inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista

Pesquisador responsável: Luana Raposo de Carvalho

Apresentação da pesquisa: <https://youtu.be/eY6e7UEvRX0>

Resumo

O propósito deste trabalho foi examinar o impacto da observação de comportamentos discriminatórios em relação à inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) sobre a mudança de atitude relacionada a personagens fictícios por meio da leitura de histórias em quadrinhos. Com isso, foi desenvolvida uma narrativa gráfica com personagens fictícios retratando uma situação onde uma família para o carro em uma vaga reservada para pessoas autistas e acaba sofrendo preconceito por meio de outro personagem que acha que autismo seria apenas uma desculpa para conseguir preferência, com isso foi usado a escala de diferencial semântico para observar o efeito do comportamento discriminatório na pesquisa. A análise dos resultados sugere indícios de validação da proposta do estudo, pois foi possível observar alterações nas atitudes dos participantes em relação aos personagens após a leitura da história em quadrinhos.

Palavras-chave: histórias em quadrinhos; transtorno do espectro autista (TEA);

preconceito; mudança de atitude; escala de diferencial semântico.

Abstract

The purpose of this study was to examine the impact of observing discriminatory behaviors towards the inclusion of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) on attitude change related to fictional characters through reading comic book stories. To achieve this, a graphic narrative featuring fictional characters portraying a situation where a family parks their car in a spot reserved for autistic individuals and ends up facing prejudice from another character who believes autism is merely an excuse to gain preferential treatment was developed. The semantic differential scale was used to observe the effect of discriminatory behavior in the research. The analysis of the results suggests evidence supporting the study's proposal, as changes in participants' attitudes towards the characters were observed after reading the comic book story.

Keywords: Comic books; Autism Spectrum Disorder (ASD); prejudice; attitude change; semantic differential scale.

Introdução

De acordo com o DSM-V, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno que acontece do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos.

O autismo é uma condição que se apresenta de maneira universal, sem importar a região geográfica, raça, etnia, classe social ou cultura, Durante as décadas de 1960 a 1990, era considerado bastante infrequente, afetando aproximadamente 4 a 5 crianças em cada 10,000. No entanto, pesquisas mais recentes têm indicado taxas mais elevadas, chegando a cerca de 1 criança em cada 1.000, assim representando 1% da população e aproximadamente em cada 160 com um diagnóstico dentro do TEA. (Schmidt, 2014)

Segundo Ebert et al. (2015), no Brasil há cerca de 10% a 20% de crianças e adolescentes que apresentam transtornos mentais e o autismo é um dos mais diagnosticados entre eles. Muitas crianças são diagnosticadas tardiamente e isso pode ocorrer por causa do desconhecimento e falta de recurso desse transtorno pelos familiares e profissionais, dificultando assim, o melhor desenvolvimento da criança com Espectro Autista.

De acordo com Maciel e Garcia Filho (2009), o Transtorno Espectro Autista apresenta alguns níveis diferentes, classificados como leve, moderado ou severo. Embora apresentem níveis distintos, todos eles precisam de apoio e atenção especial. Indivíduos que apresentam o nível leve do Espectro Autista é perceptível pequenos traços, conseguindo assim ter relações sociais e realizar tarefas do seu cotidiano. Grande parte dessas pessoas passam sua vida inteira sem o laudo, justamente pelos traços serem minimamente apresentados e sendo muito comum, também, os sintomas ficarem camuflados durante todos esses anos. O nível moderado apresenta traços mais fortes do que o nível apresentado acima, necessitando de mais acompanhamento médico. Os indivíduos que apresentam esse nível não são autônomos, fazendo com que exista uma dificuldade maior. O nível severo apresenta características mais fortes do TEA, em alguns casos o indivíduo não faz o uso da fala, sendo assim o auxílio de outra pessoa é muito essencial na vida da pessoa que apresenta esse transtorno.

O capacitismo, como descrito por Mello (2014), envolve preconceitos que classificam indivíduos com base na conformidade de seus corpos com um padrão ideal de beleza e capacidade funcional. Esse preconceito leva à discriminação das pessoas com deficiência, uma vez que a sociedade valoriza aqueles que se encaixam em padrões pré-determinados. O capacitismo pode ser compreendido como um viés contra pessoas com deficiência, pois a sociedade tende a marginalizar aqueles que não se encaixam no padrão considerado normal. Isso resulta em negação de direitos de participação na sociedade devido a barreiras atitudinais.

O capacitismo no autismo pode se manifestar de várias maneiras, como a falta de acomodações adequadas, estigmatização e bullying, falta de sensibilidade na comunicação, falta de oportunidades de aprendizado, estereótipos e rótulos negativos. Muitas crianças

podem ser alvo de bullying e discriminação por causa de suas diferenças, o que prejudica sua autoestima e bem-estar emocional. (Mello, 2014)

Guerin (1994 citado por Moreira et al., 2022), na análise do comportamento, a atitude desempenha um papel fundamental. Ela se refere à disposição ou postura que uma pessoa adota em relação a uma situação, estímulo ou contexto específico. As atitudes são fundamentais, pois influenciam diretamente as respostas emitidas pelos indivíduos em diferentes situações. Através da observação e análise das atitudes, os behavioristas buscam compreender como as ações e reações de um indivíduo são moldadas por suas experiências passadas e pelas contingências presentes. Portanto, a atitude é um elemento chave para investigar e modificar comportamentos, permitindo que os profissionais da área identifiquem os fatores que influenciam as respostas de uma pessoa e desenvolvam estratégias eficazes de intervenção.

O preconceito é um fenômeno complexo que envolve atitudes negativas e estereotipadas em relação a grupos de pessoas com base em características como raça, gênero, religião, orientação sexual, entre outras. Embora o preconceito seja frequentemente estudado em campos como psicologia social, a análise do comportamento também pode contribuir para a compreensão desse fenômeno. De acordo com Carbone et al. (2010), a importância de uma análise funcional do comportamento que examina as causas subjacentes do preconceito. Isso pode incluir a identificação das contingências de reforçamento que levam a comportamentos preconceituosos em ambientes escolares e sociais. Entender o preconceito em crianças autistas sob essa perspectiva ajuda a criar estratégias eficazes para promover a inclusão e a compreensão, tanto para crianças autistas quanto para seus pares neurotípicos.

Estudos de Moreira et al. (2023, Experimento 5), se concentram na análise e transformação de atitudes por meio de várias abordagens e ferramentas. Na busca por métodos para diminuir o preconceito, o uso de narrativas, como as histórias em quadrinhos, emergiu como um movimento significativo as histórias em quadrinhos oferecem uma maneira de expressar narrativas e podem desempenhar um papel facilitador na interação social, uma vez que possibilitam que o receptor assimile um determinado evento sem precisar experienciá-lo fisicamente. Sendo assim, torna-se evidente como as histórias desempenham um papel fundamental na compreensão e no comportamento do indivíduo.

Um estudo foi feito com um propósito de examinar como a observação de comportamentos discriminatórios em relação à inclusão de indivíduos com transtorno do Espectro Autista (TEA) no mercado de trabalho afeta a mudança de atitude em relação a personagens fictícios. Isso foi feito através da leitura de histórias em quadrinhos e avaliações utilizando uma escala de diferencial semântico (Moreira et al., 2023).

Para esse estudo, o método utilizado foram 3 estudantes universitários, com idades entre 19 a 21 anos, que foram selecionados por conveniência e que não tinham experiência prévia com o experimento.

O procedimento experimental desta pesquisa foi iniciado pela assinatura TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) dos participantes que descrevia os objetivos, riscos e benefícios dos dados da pesquisa.

O delineamento experimental utilizado consistiu em utilizar o mesmo participante como seu próprio ponto de referência, o que significa que cada indivíduo passou por todas as fases do experimento. A análise dos dados foi realizada através da comparação dos resultados obtidos pelo próprio sujeito em duas condições experimentais distintas. A primeira condição envolveu a avaliação da atitude por meio de um pré-teste utilizando uma escala de diferencial semântico. A segunda condição consistiu na realização de um pós-teste, no qual o mesmo instrumento utilizado no pré-teste foi aplicado novamente para verificar se houve alguma mudança no comportamento do participante.

Com isso, o objetivo deste trabalho é pesquisar o efeito da observação do comportamento discriminatório em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista sobre a mudança de atitude em relação a personagens fictícios com diferentes papéis, por meio da leitura de histórias em quadrinhos.

Método

Delineamento

Foi empregado um método de pesquisa conhecido como delineamento experimental de caso único pré-teste e pós-teste. Esse tipo de abordagem é utilizado para examinar como uma intervenção ou tratamento afeta um único indivíduo ou caso. É comumente aplicado em áreas como psicologia, terapia comportamental e medicina, onde é necessário analisar os efeitos de uma intervenção em um contexto individual.

Nesse tipo de delineamento o pesquisador realiza medições das características, habilidades ou variáveis relevantes antes de aplicar a intervenção (pré-teste) e depois de aplicá-la (pós-teste). O objetivo é comparar as medidas pré e pós-teste para avaliar se a intervenção teve algum impacto.

Uma das principais vantagens desse método é sua capacidade de analisar os efeitos da intervenção em um nível individual, permitindo uma compreensão mais precisa de como ela afeta um caso específico

Sendo assim, o delineamento experimental de caso único pré-teste e pós-teste envolve a coleta de dados antes e depois da aplicação de uma intervenção em um único indivíduo, com o propósito de avaliar os efeitos dessa intervenção nesse caso particular.

Personagem 1- Pedro: 1) Exposição a cena; 2) Exposição a cena na qual Pedro é alvo de falas preconceituosas.

Personagem 2- Rafael: 1) Sem exposição a cena; 2) Exposição a cena na qual Rafael profere falas preconceituosas contra Pedro.

Personagem 3- Sarah: 1) Sem exposição a cena; 2) Exposição a cena na qual Rafael profere falas preconceituosas contra Pedro.

Variável independente.

Na pesquisa em psicologia, a variável independente é aquela que o pesquisador tem o poder de alterar ou gerenciar para examinar como isso afeta outras variáveis, conhecidas como variáveis dependentes. A variável independente é considerada um elemento que o pesquisador acredita estar associado de forma causal com o comportamento ou fenômeno em estudo.

O termo "variável independente" é usado porque o seu valor ou estado não depende das outras variáveis presentes no estudo. O pesquisador tem capacidade de modificar as características ou condições da variável independente para observar como essas mudanças influenciam as variáveis dependentes.

A manipulação da variável independente é uma ferramenta que os pesquisadores utilizam para testar suas hipóteses e determinar as relações de causa e efeito entre as variáveis. É essencial ressaltar que o controle e a manipulação adequada da variável independente desempenham um papel crucial na garantia da validade interna e na confiabilidade dos resultados da pesquisa.

Variável dependente.

A variável dependente (VD) - A maneira como os indivíduos reagem aos personagens fictícios em histórias em quadrinhos que foi avaliada usando a Escala de Diferencial Semântico (EDS), a qual consiste em uma escala de tipo Likert de 7 pontos, onde os valores podem variar de -3 a +3.

Nome: Atitude.

Descrição: Atitude em relação a personagens em fictícios de uma história em quadrinhos

Topografia: Clicar em uma das opções em uma Escala Likert em uma ferramenta de formulário online do Google.

Mensuração: Medida através de um instrumento, nesse caso o formulário, na forma de uma Escala de Diferencial Semântico.

Valores: Poderia assumir valores variando de 1-7.

Participantes

Os três participantes foram selecionados por conveniência no instituto de ensino superior. Os participantes foram estudantes universitários entre 18 a 25 anos.

Procedimentos éticos

Os participantes escolhidos para a realização do experimento tiveram que assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo A). O TCLE foi elaborado como um formulário do Google e enviado para cada participante antes da realização do procedimento.

Local

Foi realizado em uma sala de Instituto Educacional em Brasília, DF. Com três participantes, sendo estudante de direito, engenharia e de administração.

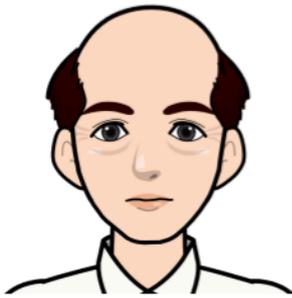
Materiais

Para realizar o experimento, foi utilizado o Google forms para a apresentação do TCLE e outro para avaliar os personagens de histórias em quadrinhos, com uma Escala de Diferencial Semântico contendo 13 pares de adjetivos opostos. Também foram utilizados 35 slides do aplicativo google apresentações, uma plataforma de design online, tendo como base as histórias em quadrinhos feitas pela plataforma Pixton.

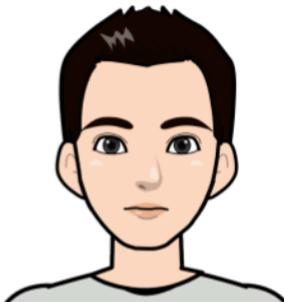
Personagens

Foram apresentados cinco personagens: Lucas, Maria, Pedro, Rafael e Sarah. Apenas três deles são relevantes para a pesquisa da História em Quadrinhos, de acordo com a Figura 1. Pedro sendo pai da criança que está sofrendo o preconceito (vítima), Rafael sendo o agressor e Sarah a mediadora.

Figura 1. Personagens utilizados na história em quadrinhos.



Pedro
Vítima



Rafael
Agressor



Sarah
Apoiadora

Enredo: O enredo se passa com uma família procurando uma vaga para pessoas autistas e quando estacionam Rafael se sente incomodado e começa a agredir verbalmente a família por achar que a criança não precisa de prioridade por ser apenas autista. Ao final da história Sarah ajuda a família e Rafael a se resolverem.

História em quadrinhos: Foram feitos 39 quadrinhos, sendo 9 deles utilizados para a assistente de pesquisa, eles foram divididos em 3 cenas. A cena 1 é formada por 7 quadrinhos contendo, a cena 2 contendo 12 quadrinhos e a cena 3 com 11 quadrinhos.

Figura 2. Quadrinho 1 e 2 da assistente de pesquisa.



Figura 3. Quadrinhos 3 e 4 da assistente de pesquisa.

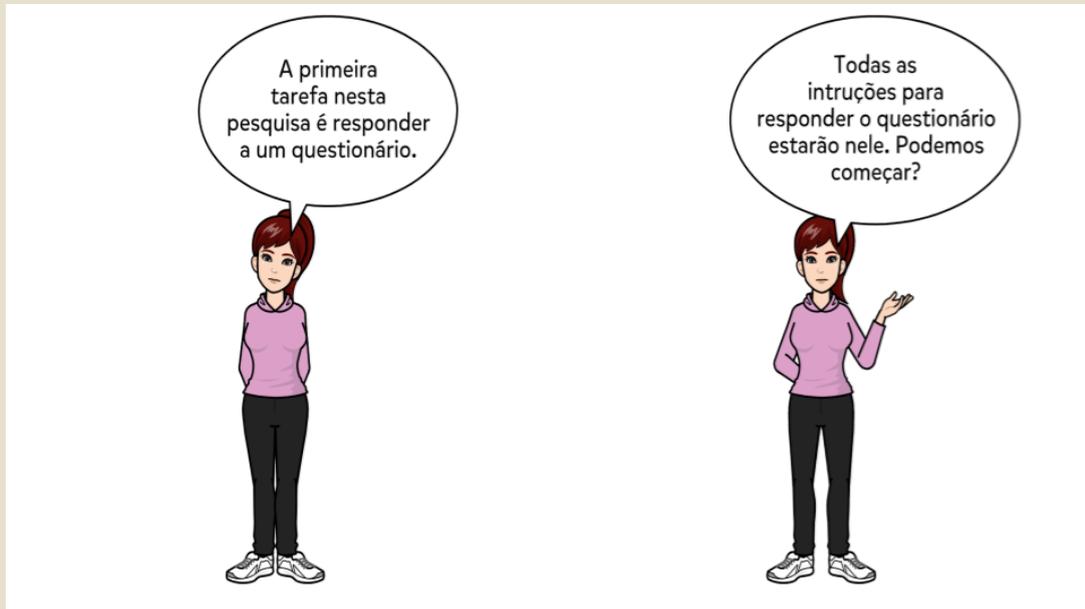


Figura 4. Quadrinhos 5 e 6 da assistente de pesquisa.



Figura 5. Quadrinhos 7 e 8 da história.



Figura 6. Quadrinhos 9 e 10 da história.



Figura 7. Quadrinhos 11 e 12 da história.



Figura 8. Quadrinhos 13 e 14 da história.



Figura 9. Quadrinhos 15 e 16 da história.



Figura 10. Quadrinhos 17 e 18 da história.



Figura 11. Quadrinhos 19 e 20 da história.



Figura 12. Quadrinhos 21 e 22 da história.



Figura 13. Quadrinho 23 da assistente de pesquisa.



Figura 14. Quadrinhos 24 e 25 da história.



Figura 15. Quadrinhos 26 e 27 da história

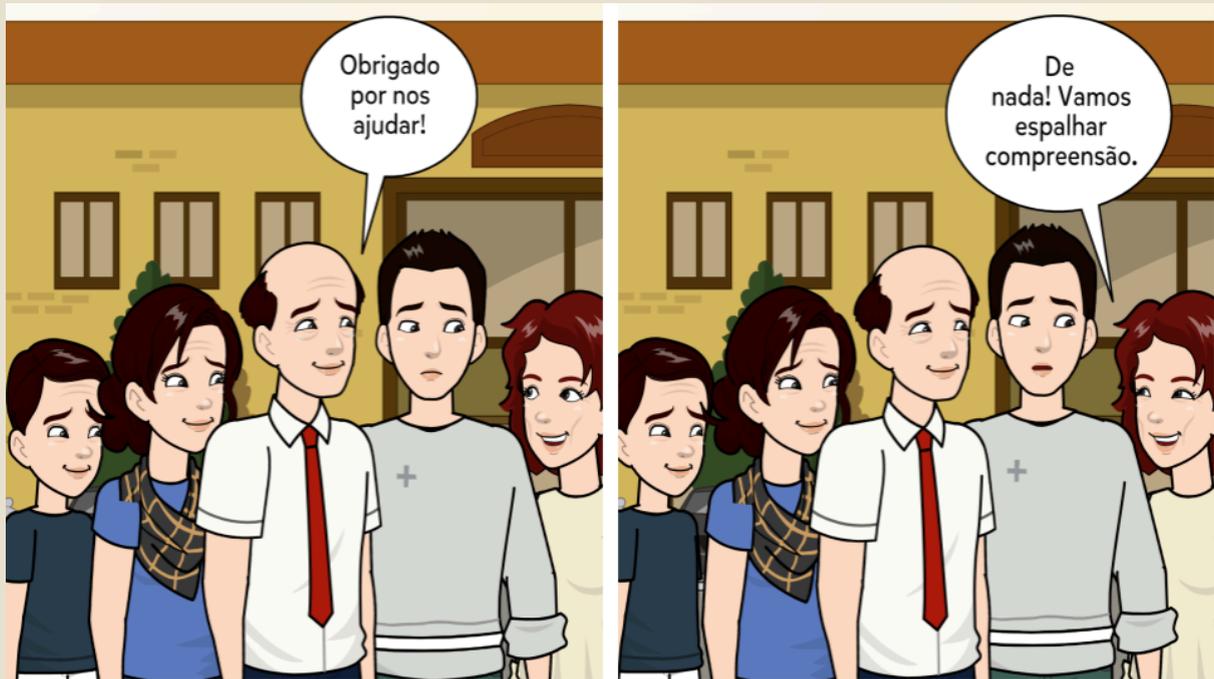


Figura 16. Quadrinhos 28 e 29 da história



Figura 17. Quadrinhos 30 e 31 da história.

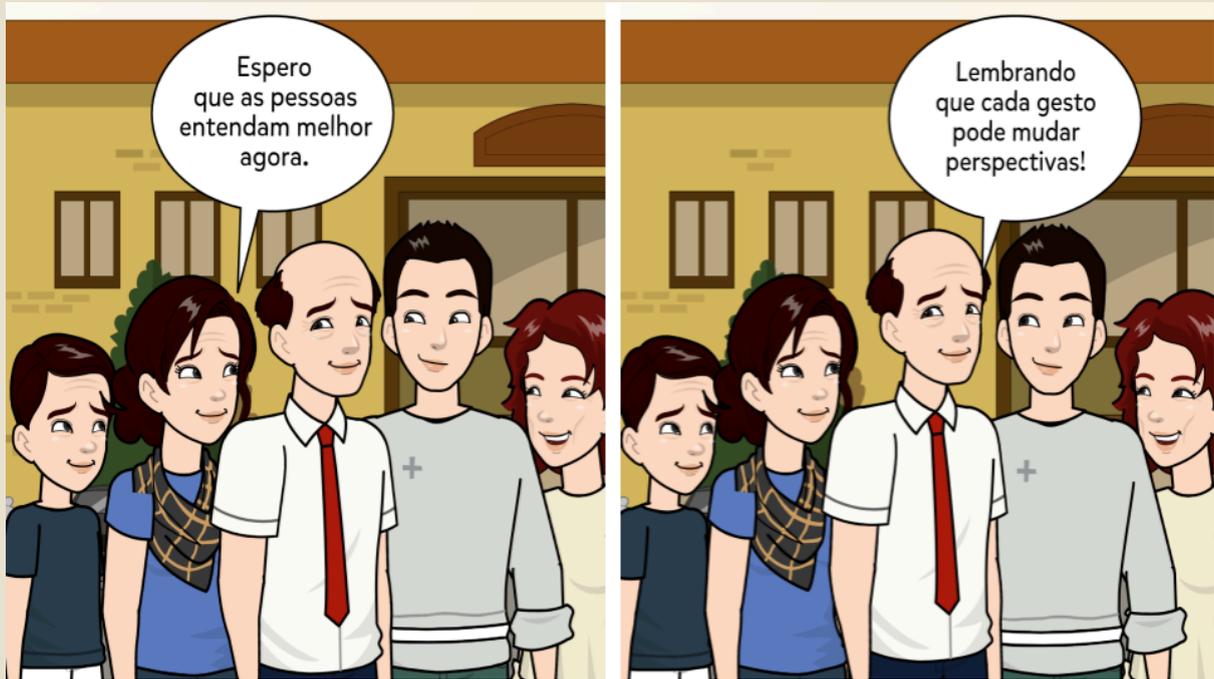


Figura 18. Quadrinhos 32 e 33 da história.



Figura 19. Quadrinhos 34 e 35 da história.

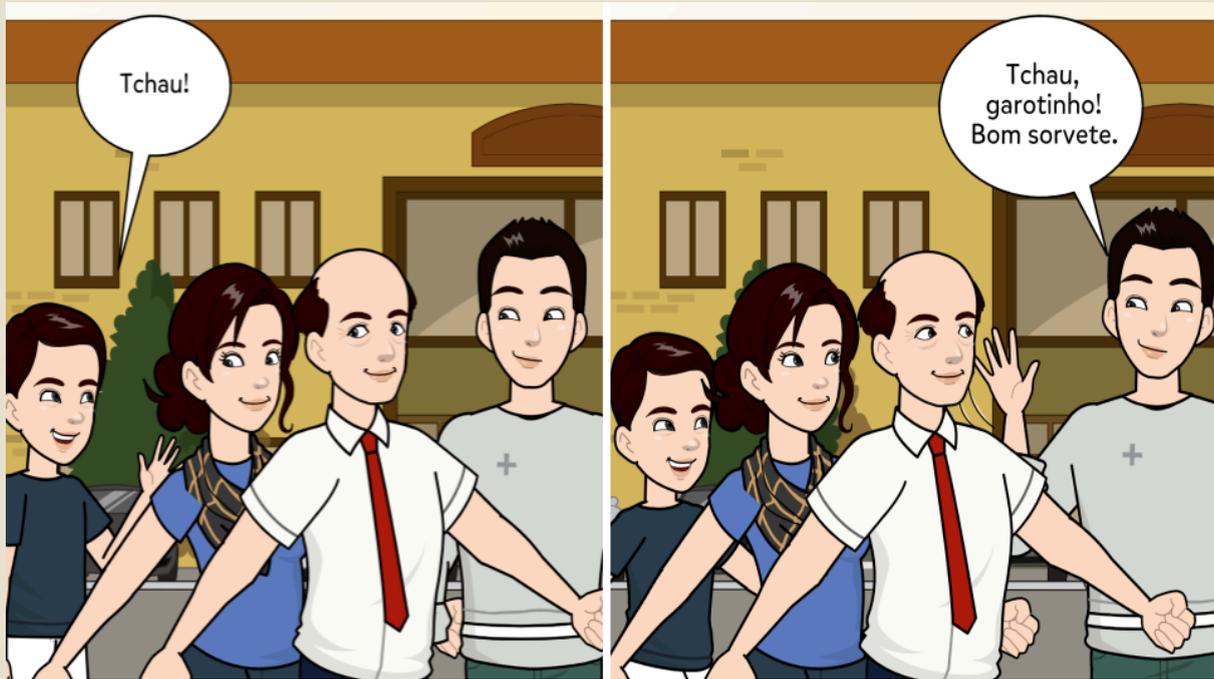


Figura 20. Quadrinhos 36 e 37 da assistente de pesquisa.



Lucas (criança que sofre preconceito)

Maria (mãe)

Pedro (pai)

Rafael (agressor)

Sarah (mediador)

S1

Q1: [imagem da família no carro indo ao shopping]

Maria: Hoje nós vamos tomar um sorvete bem gostoso no shopping! Você vai querer, filho?

Q2:

Lucas: Quero sim, mamãe!

Q3: [imagem chegando no shopping]

Pedro: Nossa, como o shopping está cheio. Será que aqui tem vaga preferencial?

Q4:

Maria: Acredito que sim!

Q5:

Pedro: Que bom que encontramos uma vaga! Vamos tomar sorvete.

Q6:

Maria: Sim! Ainda bem que existe essa vaga preferencial para pessoas autistas.

Q7: [imagem da família descendo do carro]

Pedro: Vamos filho!

S2

Q8: [Rafael surge com uma expressão zangada]

Rafael: O que estão fazendo? Essa vaga não é para vocês!

Q9: [Lucas começa a ficar assustado]

Lucas: Mãe, porque ele está gritando com a gente?

Q10:

Maria: Calma filho! Seu pai vai falar com ele.

Q11:

Pedro: Desculpe, mas nosso filho tem autismo e essa vaga é para pessoas como ele.

Q12: [Rafael zomba]

Rafael: Autismo? Isso é só uma desculpa para ter prioridades!

Q13:

Pedro: Nós não vamos sair. Nossa filho precisa dessa vaga.

Q14:

Rafael: Desde quando ele precisa? Para mim ele não tem nenhum tipo de deficiência.

Q15: [Sarah se aproxima]

Sarah: Ei, deixe-os em paz. Essa vaga é importante para quem precisa

Q16: [Rafael fica surpreso com a intervenção]

Rafael: Isso não é da sua conta! Eles não deviam estacionar aqui.

Q17:

Sarah: É sim. Devemos apoiar e entender as necessidades dos outros

Q18:

Rafael: Para mim essa família não precisa de prioridade nenhuma.

Q19:

Sarah: Bem, você não precisa entender o que eles precisam ou não. Devemos apenas respeitar o próximo.

S3

Q20:

Rafael: Bem, eu nunca tinha pensado nisso...

Q21: [Agradece Sarah]

Pedro: Obrigado por nos ajudar!

Q22:

Sarah: De nada! Vamos espalhar compreensão

Q23: [Rafael se aproxima com olhar mais amigável]

Rafael: Eu sinto muito pela minha atitude anterior. Eu estava errado.

Q24: [Pedro estende a mão]

Pedro: Está tudo bem! É importante aprender e crescer.

Q25:

Maria: Espero que as pessoas entendam melhor agora.

Q26:

Pedro: Lembrando que cada gesto pode mudar perspectivas

Q27: Maria: Às vezes, é preciso um lembrete para enxergar além dos preconceitos.

Q28:

Maria: Vamos tomar sorvete agora filho!

Q29: [Lucas acena para Rafael e Sarah]

Lucas: Tchau!

Q30:

Rafael: Tchau, garotinho! Bom sorvete.

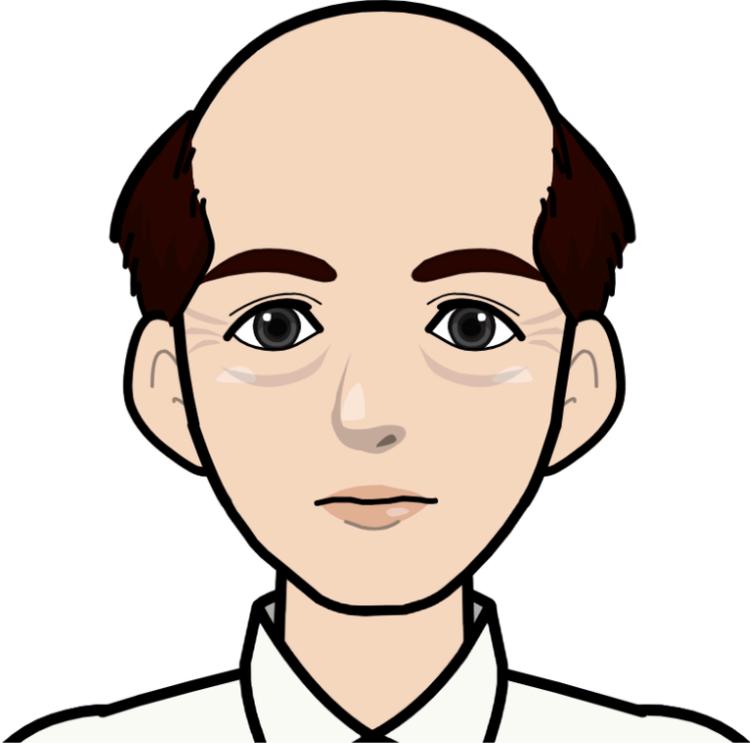
Formulário EDS

Cada personagem foi acompanhado por uma Escala de Diferencial Semântico composta por treze pares de adjetivos opostos.

O formulário foi utilizado 3 vezes, no Pré-teste, Pós-teste 1 e Pós-teste 2. Na seção 1 do formulário contém o título do Formulário: "História em Quadrinhos", logo em seguida vem a instrução: "Olá! Neste formulário, você irá avaliar alguns personagens de história em quadrinhos. Serão apresentados 3 personagens. Você terá que avaliar cada personagem com base em 13 pares de adjetivos. Para cada par, marque o espaço mais perto do adjetivo que melhor representa a figura em questão. Para iniciar, digite, abaixo, o seu e-mail e, em seguida, clique no botão "Próximo". As seções 2 a 4, são da escala contendo a imagem de cada personagem que estava sendo avaliado.

Figura 21.

Pedro



Pe_tri-ale *

	1	2	3	4	5	6	7	
triste	<input type="radio"/>	alegre						

Resultados

A coleta ocorreu entre os dias 20/09/2023 e 26/09/2023. As sessões duraram em torno de 20 minutos cada.

Para a análise dos resultados foi usada a Escala de Diferencial Semântico, foram efetuados os seguintes ajustes. Primeiro, os adjetivos com conotações negativas, como "tenso", "feio", "pesado", "duro", "desagradável", "passivo", e "submisso".

Em segundo lugar, a escala que originalmente variava de 1 a 7 foi transformada em uma escala de -3 a +3, com objetivo de simplificar a comparação com estudos anteriores que utilizaram os mesmos valores. Essa adaptação foi feita aplicando a seguinte fórmula aos adjetivos: (Valor da Avaliação) - 4.

Além disso, a ordem do gráfico foi modificada para separar os adjetivos em dois fatores, fator 1 (adjetivos de avaliação como por exemplo, triste-alegre, tenso-relaxado, áspero-liso, feio-bonito, pesado-leve, negativo-positivo, duro-macio, mau-bom e desagradável-gradável); Fator 2 (adjetivos de potências como, passivo-ativo, lento-rápido, pobre-rico e submisso-dominante).

As figuras 21, 22 e 23 exibem as avaliações atribuídas pelos três participantes aos personagens da história em quadrinhos. Essas avaliações são apresentadas em 3 gráficos distintos. Cada gráfico abrange as três condições de avaliação: Pré-teste, Pós-teste 1 e Pós-teste 2 para cada personagem, acompanhadas de suas respectivas fotos. No eixo vertical (eixo "y") dos gráficos, estão representados as avaliações, as quais foram ajustadas para variar de -3 a +3. Enquanto isso, no eixo horizontal (eixo "x"), encontram-se os treze pares de adjetivos utilizados na Escala de Diferencial Semântico (EDS). As linhas coloridas nos gráficos correspondem às avaliações realizadas nas três condições experimentais, com a avaliação do Pré-teste sendo representado por uma linha amarela, a do Pós-teste 1 por uma linha azul e a do Pós-teste 2 por uma linha vermelha.

Por fim, foi realizado um índice de mudança de atitude tanto no fator 1 e quanto no fator 2, esse valor foi feita ((absoluto(valor de avaliação 1 - avaliação 2) + absoluto(valor de avaliação 3 - avaliação 4)*100/54). E logo depois foi realizada a soma de cada fator.

Os personagens estão identificados pelos seus respectivos nomes, Pedro que interpreta a vítima, Rafael interpreta o intolerante e Sarah que é a mediadora.

O participante 1 (P1), conforme a Figura 22, avaliou Pedro, positivamente em sete adjetivos no Pré-teste, ou seja, sete adjetivos acima do zero e negativamente em apenas 1

adjetivo referente ao Fator 1. Em relação ao fator 2 avaliou todos negativamente. O personagem Rafael (agressor) manteve a maioria dos adjetivos do Fator 1 avaliados positivamente, assim como no Fator 2. Já no Pós-teste 1 e Pós-teste 2 é possível perceber que a maioria dos adjetivos do Fator 1 passaram para o negativo. A personagem Sarah (mediadora) foi avaliada negativamente na maioria dos adjetivos de Fator 1 no Pré-teste e permanecendo assim no Pós-teste 1. Já no Pós teste 2 a maioria dos adjetivos passaram para positivo.

No P1 foi IMA-A (Pré-Pos1) IMA-P (Pós1-Pós2) visto que os valores de porcentagens de avaliação no pré-teste para o pós teste 1 de Pedro foram de 16,7% nos adjetivos de avaliação e 3,7% nos adjetivos de potência, sendo a soma das avaliações pré-teste igual a 3 e pós-teste 1 igual 16. Já na etapa de pós-teste 1 para o pós-teste 2 foi de 9,9% nos adjetivos de avaliação e nos adjetivos de potência foi de 5,6% e a soma foi igual a 9 nos adjetivos de avaliação e 4 nos adjetivos de potência com uma média de 1,08.

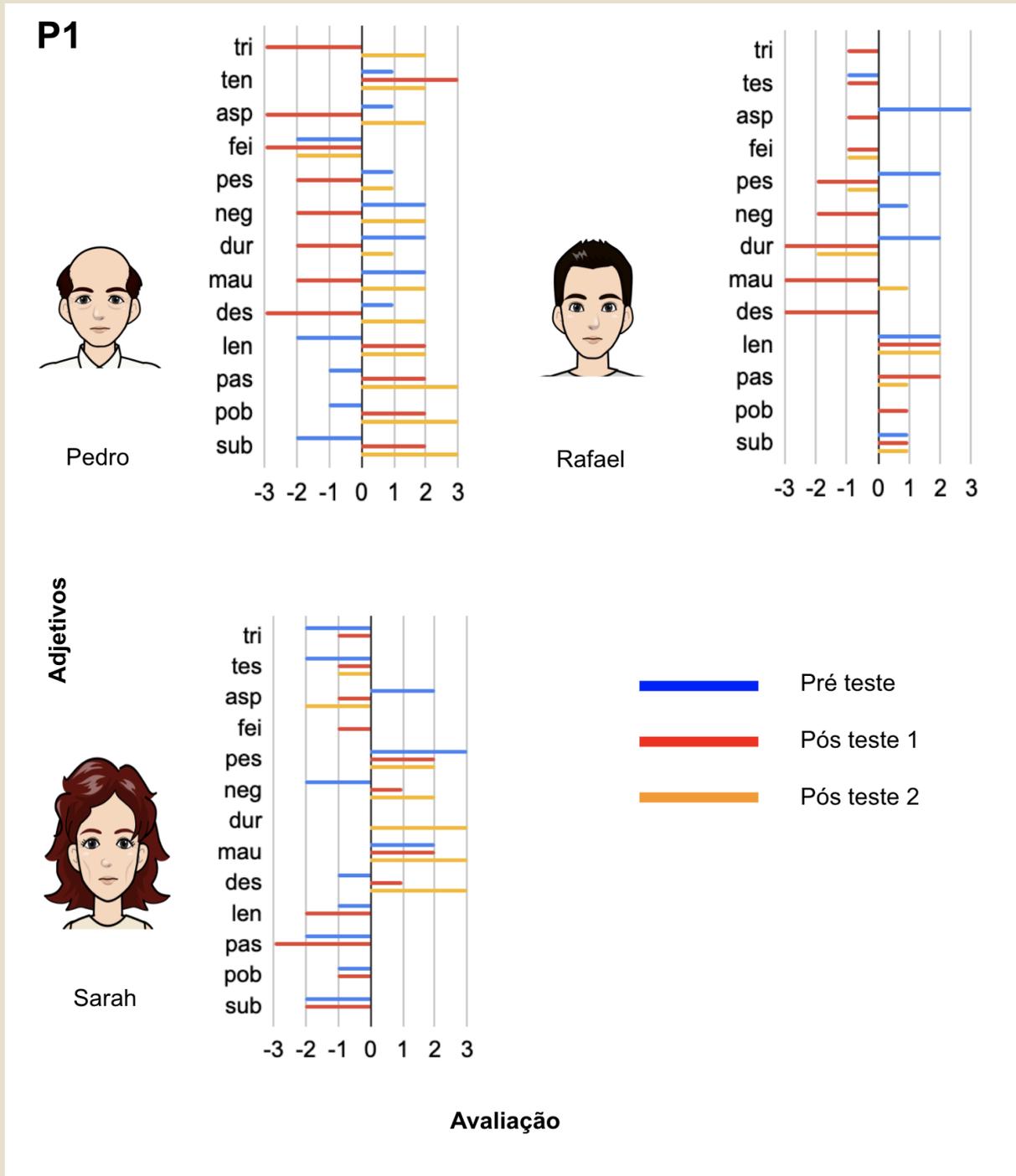
Para o personagem Rafael o IMA-A foi de 26,6 nos adjetivos de avaliação e 5,6 nos adjetivos de potência, sendo a soma das avaliações 3 e nos de potência 4 no pré-teste, com uma média de 0,77. Nos pós teste a soma das avaliações foi de -17 e de potência foi 6, com uma média de -0,85.

O IMA-P teve valores de porcentagem de avaliações sendo 16,6% no pós 1-pós 2 e de potência com valor de porcentagem de 3,7%. A soma de dos Pós teste 2 foi de 3 em avaliação e 4 nos adjetivos de potência com uma média de 0,08.

A personagem Sarah obteve no IMA-A 13,7% nos adjetivos de avaliação e 3,7 nos adjetivos de potência, com a soma do pré-teste sendo 0 nos adjetivos de avaliação e -6 nos adjetivos potência.

O IMA-P teve valores de porcentagem de 11,7% no de avaliação e 14,8% no de potência, com valor de soma de 10 e 0 nos dois adjetivos no pós-teste 2 com uma média de 0,77.

Figura 22. Resultados do participante P1.



A Figura 23 apresenta as avaliações do participante 2 (P2). Observa-se que, no pré-teste, Pedro recebeu avaliações positivas em três adjetivos, enquanto cinco adjetivos foram

avaliados negativamente no fator 1. Por outro lado, a maioria dos adjetivos do fator 2 recebeu avaliações negativas. No pós-teste 1 e 2, Pedro recebeu mais adjetivos positivos. No que diz respeito ao personagem Rafael, ele recebeu mais avaliações positivas tanto no fator 1 quanto na fase de pré-teste, no entanto, nos pós-testes 1 e 2, houve um aumento das avaliações negativas. Já Sarah recebeu mais avaliações negativas na fase de pré-teste do que nas fases de pós-teste 1 e pós-teste 2.

No P1 foi IMA-A (Pré-Pos1) IMA-P (Pós1-Pós2) visto que os valores de porcentagens de avaliação no pré-teste para o pós teste 1 de Pedro foram de 10% nos adjetivos de avaliação e 20,4% nos adjetivos de potência, sendo a soma das avaliações pré-teste igual a -1 e pós-teste -11 . Já na etapa de pós-teste 1 para o pós-teste 2 foi de 8,9% nos adjetivos de avaliação e nos adjetivos de potência foi de 5,6% e a soma foi igual a 7 nos adjetivos de avaliação e 4 nos adjetivos de potência com uma média de 0,85.

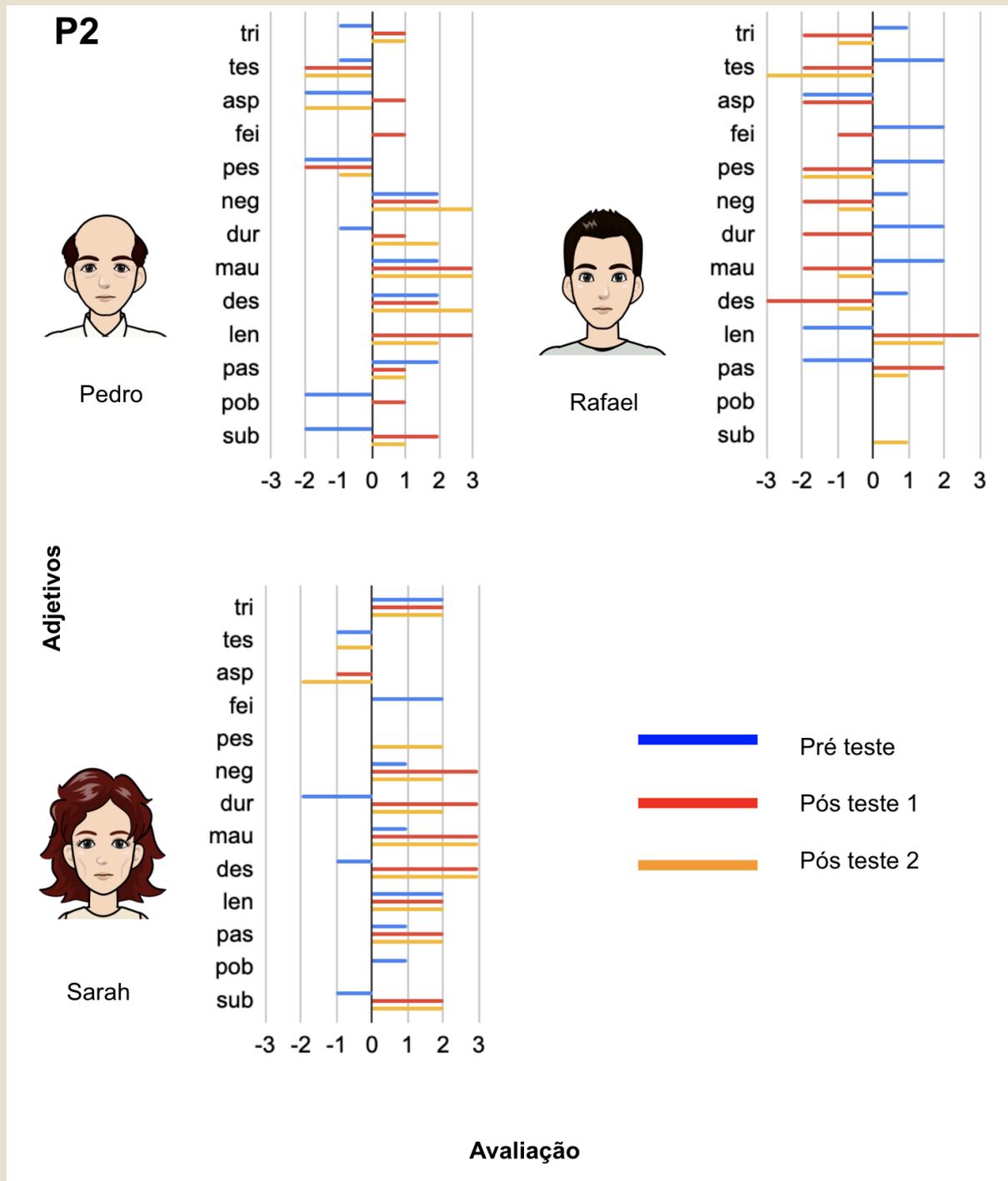
Para o personagem Rafael o IMA-A foi de 32,4% nos adjetivos de avaliação e 16,7% nos adjetivos de potência, sendo a soma das avaliações 11 e nos de potência -4 no pré-teste, com uma média de 0,54. Nos pós teste a soma das avaliações foi de -18 e de potência foi -4, com uma média de -1.

O IMA-P teve valores de porcentagem de avaliações sendo 12,7% no pós 1-pós 2 e de potência com valor de porcentagem de 5,6%. A soma de dos Pós teste 2 foi de -9 em avaliação e 4 nos adjetivos de potência com uma média de -0,38.

A personagem Sarah obteve no IMA-A 20,4% nos adjetivos de avaliação e 9,3% nos adjetivos de potência, com a soma do pré-teste sendo 4 nos adjetivos de avaliação e 3 nos adjetivos potência e no pós-tes 1 sendo 13 e 6.

O IMA-P teve valores de porcentagem de 6% no de avaliação e 0% no de potência, com valor de soma de 11 e 6 nos dois adjetivos no pós-teste 2 com uma média de 1,31.

Figura 23. Resultados do participante P2.



A Figura 24 exibe os resultados referentes ao participante 3 (P3). Observa-se que, durante a fase de pré-teste, Pedro predominantemente recebeu avaliações negativas em relação aos adjetivos, contudo, tanto no pós-teste 1 como no pós-teste 2, as avaliações se tornaram predominantemente positivas, abrangendo tanto o fator 1 quanto o fator 2. Rafael, por sua vez, obteve avaliações predominantemente positivas durante o pré-teste, no entanto, nos

pós-testes 1 e 2, observou-se uma inversão com uma predominância de avaliações negativas. Quanto a Sarah, notou-se que no pré-teste a maioria das avaliações foi negativa, porém, tanto no pós-teste 1 como no pós-teste 2, não foram registradas mais avaliações negativas, todas se apresentaram de forma positiva.

No P1 foi IMA-A (Pré-Pos1) IMA-P (Pós1-Pós2) visto que os valores de porcentagens de avaliação no pré-teste para o pós teste 1 de Pedro foram de 7% nos adjetivos de avaliação e 1,9% nos adjetivos de potência, sendo a soma das avaliações pré-teste igual a 1 e pós-teste -2 . Já na etapa de pós-teste 1 para o pós-teste 2 foi de 13,7% nos adjetivos de avaliação e nos adjetivos de potência foi de 5,6% e a soma foi igual a 1 nos adjetivos de avaliação e -2 nos adjetivos de potência com uma média de -0,08.

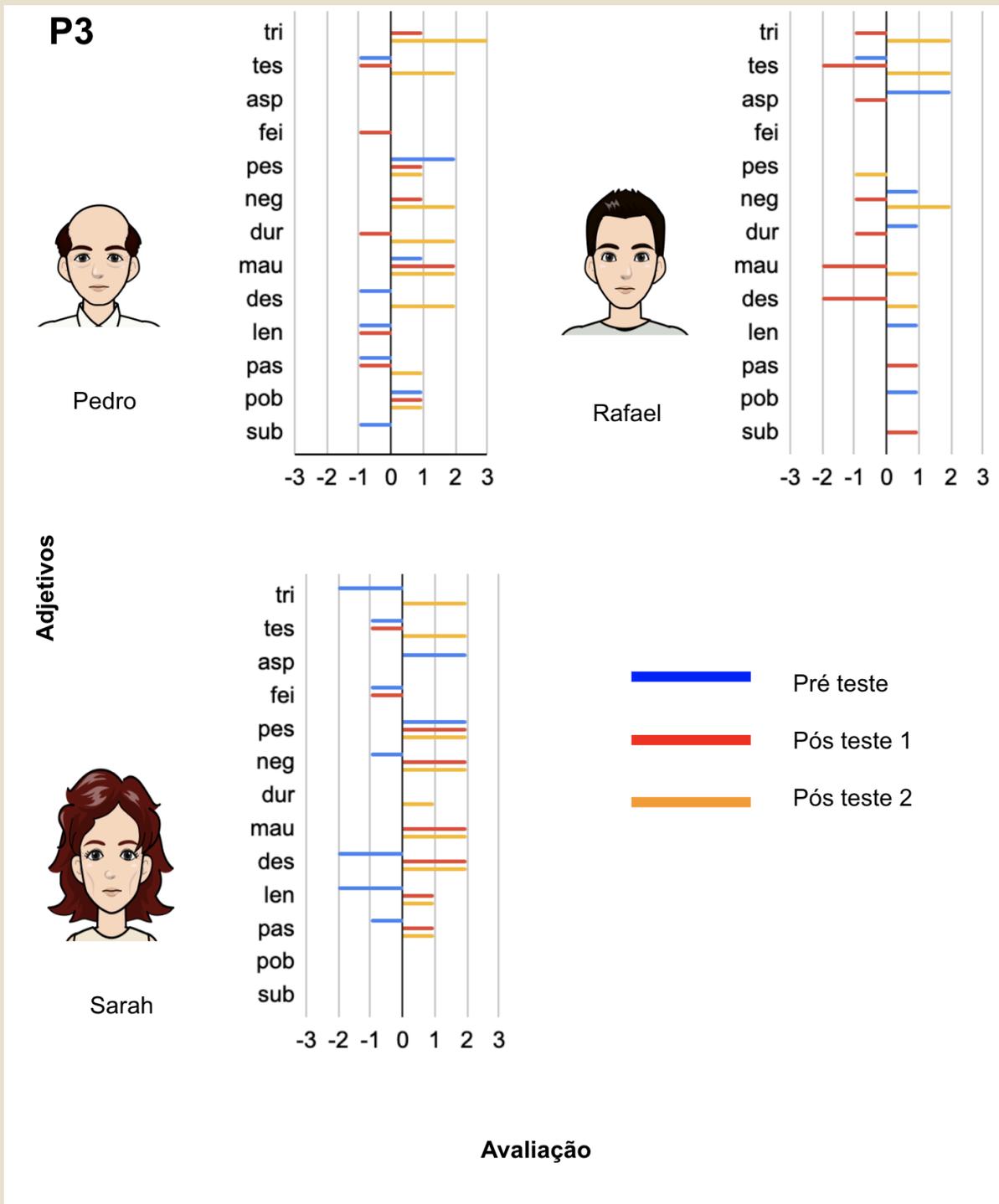
Para o personagem Rafael o IMA-A foi de 14,7% nos adjetivos de avaliação e 7,4% nos adjetivos de potência, sendo a soma das avaliações 1 e nos de potência -2 no pré-teste, com uma média de 0,38. Nos pós teste a soma das avaliações foi de -10 e de potência foi 2, com uma média de -0,62.

O IMA-P teve valores de porcentagem de avaliações sendo 21,6% no pós 1-pós 2 e de potência com valor de porcentagem de 3,7%. A soma de dos Pós teste 2 foi de 7 em avaliação e 0 nos adjetivos de potência com uma média de 0,54.

A personagem Sarah obteve no IMA-A 16,4% nos adjetivos de avaliação e 9,3% nos adjetivos de potência, com a soma do pré-teste sendo -4 nos adjetivos de avaliação e -3 nos adjetivos potência e no pós-teste 1 sendo 5 e 2.

O IMA-P teve valores de porcentagem de 7% no de avaliação e 0% no de potência, com valor de soma de 13 e 2 nos dois adjetivos no pós-teste 2 com uma média de 1,15.

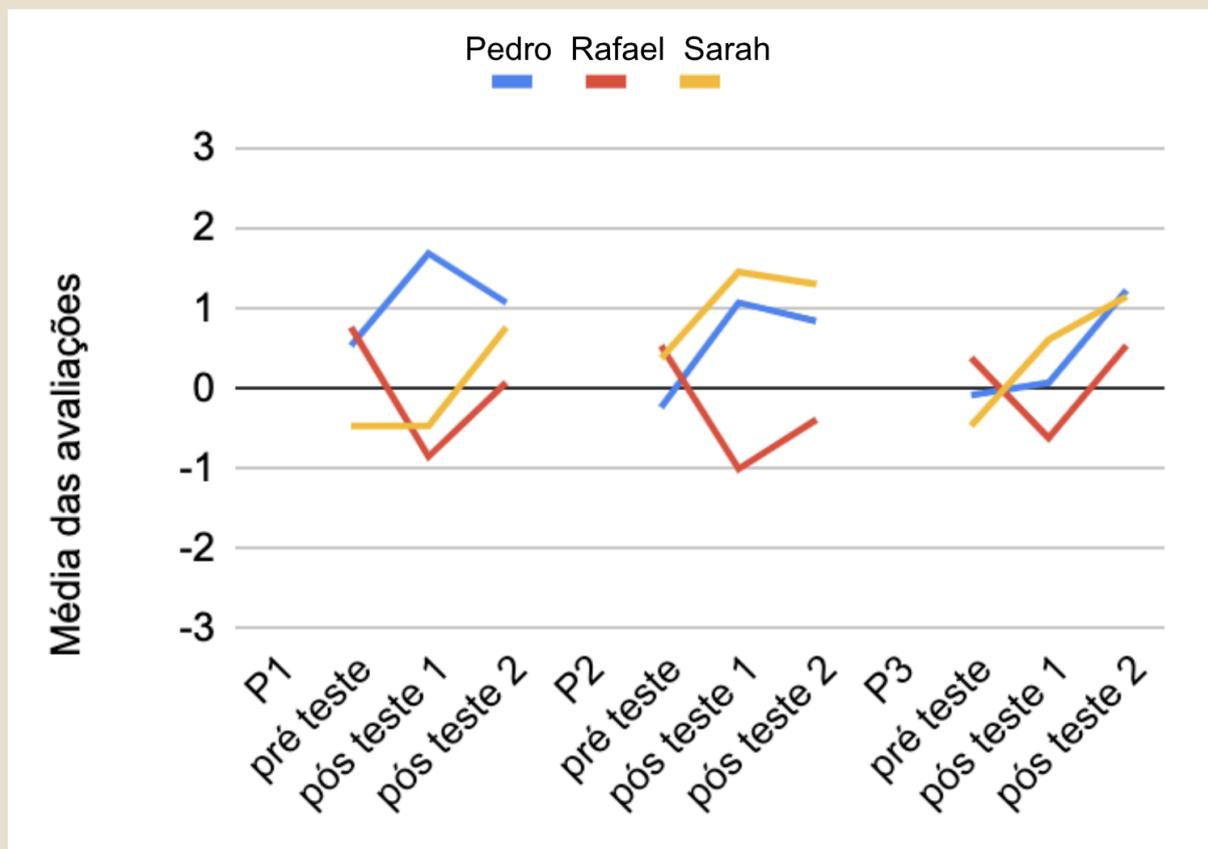
Figura 24. Resultados do participante P3.



Na Figura 25, são apresentadas as médias das avaliações realizadas e condições experimentais com todos os participantes. Notavelmente, em todas as etapas de pré-teste, pós-teste 1 e pós-teste 2, Pedro recebeu predominantemente avaliações positivas por parte dos três participantes. No caso do personagem Rafael, as médias das avaliações se mostraram mais positivas na fase de pré-teste, porém, nas fases de pós-teste 1 e pós-teste 2, houve uma tendência a avaliações mais negativas por parte dos três participantes.

Sarah, por outro lado, exibiu padrões variados nas avaliações, diferindo entre os participantes. No caso do Participante 1 (P1), Sarah recebeu avaliações predominantemente negativas no pré-teste e pós-teste 1, mas na fase de pós-teste 2 as avaliações tornaram-se positivas. No que se refere ao Participante 2 (P2), Sarah obteve exclusivamente avaliações positivas em todas as etapas, apresentando um padrão crescente. Por fim, o último participante (P3) avaliou Sarah de forma negativa na fase de pré-teste, enquanto nas fases de pós-teste 1 e 2, as avaliações se tornaram positivas.

Figura 25. Média de todas as avaliações.



Discussão

O preconceito, seja ele baseado em características étnicas, sociais, ou condições neurológicas como no caso de crianças autistas, exerce um impacto significativo na sociedade, minando os princípios fundamentais de equidade e inclusão (Molina, 2021).

O preconceito em relação a crianças autistas é uma questão significativa que impacta não apenas a vida dessas crianças, mas também o funcionamento da sociedade como um todo. A literatura científica aborda essa problemática, destacando a importância de compreender e combater o preconceito para promover a inclusão e o desenvolvimento saudável dessas crianças (Silva et al., 2018).

Com isso, esta pesquisa teve como objetivo analisar o impacto da leitura de história em quadrinhos na avaliação dos personagens fictícios, bem como na atitude dos participantes em relação ao preconceito que a criança autista e sua família sofrem.

Nesta pesquisa, combinamos a Análise do Comportamento com o uso de Histórias em Quadrinhos para explorar de que maneira as atitudes são influenciadas em relação a crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista. Usamos a Escala de Diferencial Semântico para avaliar como a leitura das HQs afeta a mudança de atitudes em relação aos personagens fictícios. O experimento envolveu a participação de três indivíduos, com o requisito prévio de estarem matriculados no ensino superior em qualquer área de conhecimento.

O objetivo deste trabalho foi verificar os efeitos do comportamento discriminatória em crianças com o Transtorno do Espectro Autista. O método de pesquisa utilizado foi o delineamento experimental de caso único pré-teste e pós-teste, comumente aplicado em psicologia, terapia comportamental e medicina. Nesse tipo de abordagem, o pesquisador realiza medições antes (pré-teste) e depois (pós-teste) de aplicar uma intervenção para avaliar seu impacto. A principal vantagem é a capacidade de analisar os efeitos da intervenção em nível individual, proporcionando uma compreensão mais precisa de seu impacto em um caso específico. A variável independente, que o pesquisador pode alterar, é crucial nesse método, sendo, neste caso, representada pela cena de preconceito com a criança autista. A manipulação adequada da variável independente é essencial para garantir a validade interna e confiabilidade dos resultados da pesquisa.

Os resultados mostraram que a avaliação dos participantes teve uma grande influência na leitura da HQ em relação ao personagem Rafael, que seria o agressor. Foi visto que as avaliações de pré-teste e pós-teste 1 em relação ao P1 tiveram uma mudança significativa indo do positivo para o negativo, já em relação a avaliação de pós-teste 1 para o pós-teste 2 mostrou mudança dos adjetivos negativos para o positivo. Sugerindo assim que a história obteve sucesso para alterar as percepções iniciais dos participantes com base nas atitudes do personagem.

No entanto para P1, os dois outros personagens, Pedro, sendo o personagem que sofre a agressão e Sarah a personagem mediadora, os resultados não mostraram uma grande diferença nas avaliações dos adjetivos, a maior parte deles continuaram positivos.

Em relação aos resultados de P2, Rafael também mostrou uma mudança em relação ao pré-teste para o pós-teste 1 indo do positivo para o negativo, já em relação ao pós-teste 1 e pós-teste 2 foi observado que as avaliações foram um pouco mais positivas.

P2 teve resultados bem parecidos para os personagens Pedro e Sarah, os dois tiveram avaliações um pouco mais baixas

Uma pesquisa feita por Moreira et al. (2023, Experimento 5) com um propósito de examinar como a observação de comportamentos discriminatórios em relação à inclusão de indivíduos com transtorno do Espectro Autista (TEA) no mercado de trabalho afeta a mudança de atitude em relação a personagens fictícios, fica evidente que a leitura da história em quadrinhos teve um impacto nas avaliações dos personagens por parte de todos os participantes. Em outras palavras, houve uma alteração nas atitudes em relação aos personagens fictícios após a leitura. Desta forma, o propósito do estudo foi atendido ao demonstrar que a leitura de histórias em quadrinhos é eficaz em gerar mudanças nas atitudes relacionadas ao comportamento discriminatório, especificamente no contexto da inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no mercado de trabalho.

Apesar de evidenciar uma mudança de atitude em relação aos personagens, a pesquisa identificou uma limitação relacionada ao tempo de duração da pesquisa, os participantes acharam repetitivo responder o mesmo questionário 3 vezes e acabavam perdendo um pouco de atenção ao analisar cada personagem de acordo com o momento da história. Embora seja reconhecido esse fator de limitação, não foi possível quantificar esse impacto. Para investigações subsequentes, é recomendável uma atenção mais detalhada ao tempo de duração da pesquisa.

Referências

American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.

Carbone, V. J., Morgenstern, B., Zecchin-Tirri, G., & Kolberg, L. (2010). The role of the reflexive-conditioned motivating operation (CMO-R) during discrete trial instruction of children with autism. *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities, 25*(2), 110-124.

Ebert, M., Lorenzini, E., & Silva, E. (2015). Mães de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetórias. *Revista Gaúcha de Enfermagem, 36*, 49-55.

Maciel, M., & Filho, A. (2009). Autismo: uma abordagem tamanho família. In F. Díaz et al. (Eds.), *Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas* (pp. 224-235). Salvador: EDUFBA.

Mello, A. (2014). *Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência* (Master's thesis, Florianópolis, SC).

Moita, C. E., Freitas, I. C. D., Souza, L. C. D., Oliveira, M. J. C., Pereira, N. D. S., Ramos, R. S., ... & Ureta, A. C. D. S. (2018). Autismo: inclusão sem preconceito. *Revista Acadêmica Universo Salvador*, 3(6).

Molina, L. M. M. (2021). *Análise da política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtornos do espectro autista e os impactos no Projeto Político-Pedagógico do curso de Pedagogia de uma Universidade Pública*.

Moreira, M. B., Sousa, C. P., Tomasini, C., do Amaral Craveiro, H., Rodrigues, I. L., Dutra, I., Barros, J. F., Freire, L. R. V., Vilela, M. E. D., Cautela, M. E. T. C., Oliveira, P. M. D. N., Soares, S. K. S., & Andrade, V. M. (2022). *Estudos sobre histórias em quadrinhos e atitudes - Parte I*. Instituto Walden4.

Moreira, M. B., Ávila, A., Corrêa, B. F., Reis, F., Rodrigues, I., Lígia Vaz Pol, Carlos, & Heloiza, S. (2023). *Histórias em quadrinhos e o estudo das atitudes - Parte II*. Instituto Walden4.

Schmidt, C. (2014). *Autismo, educação e transdisciplinaridade*. Papirus Editora.

Silva, W. N., Rocha, A. N. D. C., & Freitas, F. P. M. (2018). Perfil de crianças com transtorno do espectro autista em relação à independência nas atividades de vida diária. *Revista Diálogos E Perspectivas Em Educação Especial*, 5(2), 71–84.

.

Mudanças de Atitude e Ambivalência: Um Estudo Exploratório através de uma Narrativa em Quadrinhos

Pesquisador responsável: Mateus de Macêdo Rabel

Apresentação da pesquisa: <https://youtu.be/Vhnp7OAmEak>

Resumo

Objetivo. As histórias em quadrinhos são um tipo de mídia de narrativa gráfica com potencial para transmitir conhecimento e promover reflexões sobre a realidade. O objetivo do estudo foi analisar possíveis mudanças de atitude dos participantes em relação aos personagens de uma história em quadrinhos, além de medir a ambivalência potencial sentida por eles durante a leitura.

Método. Quatro estudantes de Psicologia se voluntariaram para responder a uma escala de diferencial semântico de 13 itens. A escala foi aplicada 4 vezes com cada participante, em diferentes momentos durante a leitura da HQ.

Resultados. Os resultados indicam que mesmo um objeto de atitude avaliado de forma significativamente positiva em um primeiro momento, pode sofrer uma variação drástica em sua avaliação após uma situação de transgressão de normas sociais, fazendo com que a atitude em relação a ele se torne imediatamente negativa. A manutenção da nova atitude, no entanto, depende de fatores que ainda não foram totalmente esclarecidos.

Discussão. Os dados analisados indicam que uma relação entre os participantes e os estímulos avaliados, estabelecida anteriormente ao experimento, pode ter interferido com as atitudes finais observadas. Pesquisas futuras podem investigar melhor quais as variáveis que controlam a adoção de novas atitudes e a permanência delas ao longo do tempo.

Palavras-chave: Atitude, Mudança de Atitude, História em Quadrinhos, Ambivalência,

Paradigma de Relações Conflitantes

Abstract

Goal. Comic books are a type of graphic narrative media with the potential to transmit knowledge and promote reflections on reality. The objective of the study was to analyze possible changes in participants' attitudes towards characters in a comic book, in addition to measuring the potential ambivalence felt by them while reading.

Method. Four Psychology students volunteered to answer a 13-item semantic differential scale. The scale was applied 4 times to each participant, at different times while reading the comic.

Results. The results indicate that even an object of attitude evaluated in a significantly positive way at first, can suffer a drastic variation in its evaluation after a situation of transgression of social norms, causing the attitude towards it to become immediately negative. Maintaining the new attitude, however, depends on factors that have not yet been fully clarified.

Discussion. The data analyzed indicate that a relationship between the participants and the evaluated stimuli, established prior to the experiment, may have interfered with the final attitudes observed. Future research can better investigate which variables control the adoption of new attitudes and their permanence over time.

Key-words: Attitude, Attitude Change, Comic Book, Ambivalence, Conflicting Relations

Paradigm

Introdução

O conceito de atitude é definido por Eagly e Chaiken (2005), como sendo avaliações favoráveis ou desfavoráveis em relação a alguma coisa. As atitudes estão frequentemente associadas às crenças que as pessoas formam ao longo da sua história de vida e se expressam por meio de seus sentimentos, pensamentos e tendências comportamentais. Assim, uma atitude pode ser classificada como positiva, neutra ou negativa sobre um objeto de atitude, que pode ser, por exemplo, uma pessoa, um produto ou uma organização. Sob a perspectiva da análise do comportamento, de acordo com Guerin (1994), as atitudes representam uma expressão verbal que indica a predisposição de um indivíduo em relação a um objeto ou evento. Essas atitudes são consideradas operantes verbais, influenciadas por contingências, e podem desempenhar diversas funções. Nesse sentido, por exemplo, uma pessoa ao observar um determinado objeto de atitude, como um prato de comida em um restaurante, pode pensar ou expressar verbalmente de forma explícita sua avaliação sobre esse prato. Nesse caso, ela poderia pensar que o prato é muito caro, ou que parece ser muito apetitoso, ou que é colorido demais.

Um dos fatores que podem alterar as atitudes das pessoas em relação aos objetos de atitude é a equivalência de classes, que se refere à formação de relações entre estímulos arbitrários que não possuem nenhuma semelhança física ou funcional entre si (Sidman, 2000). Essas relações podem ser estabelecidas por meio de procedimentos de emparelhamento ou associação, que envolvem a apresentação simultânea ou sequencial de dois ou mais estímulos (Hayes et al., 2001). Quando essas relações são formadas, os estímulos passam a compartilhar as mesmas propriedades ou funções, podendo influenciar as atitudes das pessoas em relação a eles (Pereira & Moreira, 2021). Por exemplo, se uma pessoa aprende a associar um presidente a uma palavra positiva (como, por exemplo, a palavra "bom"), ela pode desenvolver uma atitude favorável em relação a esse presidente e a outros estímulos relacionados a ele (Pereira & Moreira, 2021).

Outro fator que pode afetar as atitudes é a transferência de atitude, que é um fenômeno em que uma atitude formada em relação a um estímulo é transferida para outro estímulo que está relacionado ao primeiro por meio de uma classe de equivalência ou de outra forma de associação (Petty & Cacioppo, 1981). Uma classe de equivalência é um conjunto de estímulos que são percebidos como pertencentes à mesma categoria ou grupo, podendo ser formada por meio de procedimentos experimentais ou por experiências naturais (Sidman, 2000). Uma outra forma de associação é a mera exposição, que se refere à tendência de aumentar a preferência por um estímulo quanto mais ele é apresentado junto com outro estímulo (Zajonc, 1968). Quando essas relações são estabelecidas, os estímulos passam a compartilhar as mesmas propriedades ou funções, podendo influenciar as atitudes das pessoas em relação a eles. Um exemplo clássico de transferência de atitude é o efeito halo, que se refere à tendência de atribuir características positivas ou negativas a uma pessoa com base em uma única característica ou traço (Nisbett & Wilson, 1977). Por exemplo, se uma pessoa vê uma pessoa bonita, ela pode ter uma atitude positiva em relação a ela, e transferir essa atitude para outras características da pessoa, como sua inteligência, sua simpatia ou sua honestidade. Isso significa que ela passa a ter uma

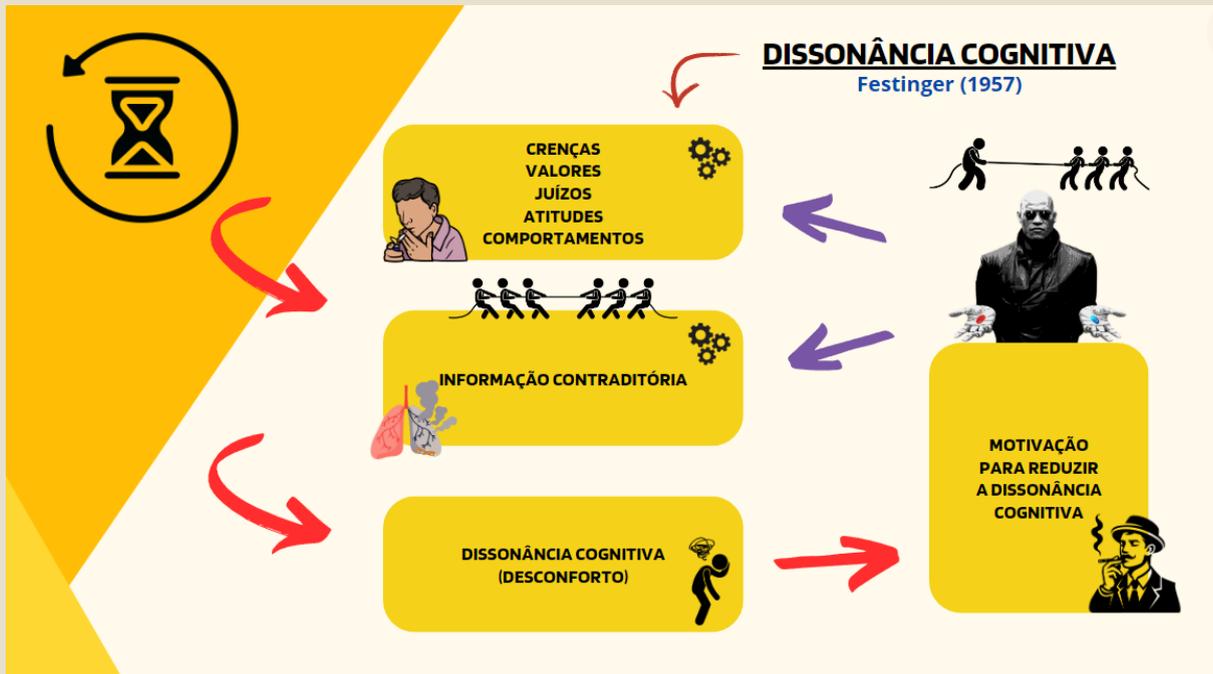
avaliação favorável da pessoa como um todo, mesmo que ela não conheça outros aspectos da pessoa. Para citar outro exemplo bastante prático, pode-se imaginar uma situação na qual um político desconhecido deseja melhorar sua imagem ao se associar publicamente com uma celebridade famosa e bem avaliada, como, por exemplo, algum cantor ou uma atriz famosa. Ao fazer isso, a atitude positiva que um observador tinha em relação à atriz é transferida para o político, de modo que a atitude inicialmente neutra sobre o político passa a ser positiva também.

No entanto, se essa pessoa é exposta a informações contraditórias ou aversivas sobre o objeto de seu comportamento, seja ele um político, uma pessoa bonita ou qualquer outra coisa, ela pode entrar em um estado de regras conflitantes. Essa condição é semelhante ao conceito de dissonância cognitiva, proposto por Festinger (1957), que descreve a situação em que uma pessoa possui duas cognições incompatíveis entre si, como duas crenças, uma crença e um comportamento, ou um comportamento e suas consequências. Festinger (1957) argumentou que as pessoas buscam manter uma consistência entre as suas cognições, e que quando essa consistência é ameaçada por uma discrepância entre elas, elas experimentam uma tensão psicológica que as leva a tentar restaurar a harmonia cognitiva. Para isso, elas podem mudar as suas atitudes, o seu comportamento ou o seu ambiente, de modo a reduzir o desconforto psicológico causado pela dissonância. Ainda de acordo com Festinger, citado por Stone e Fernandez (2008), o desconforto experimentado tende a ser proporcional à importância dada às cognições envolvidas no processo.

Copper e Fazio (1984), por sua vez, ao revisar a teoria da dissonância cognitiva proposta por Festinger, argumentam que o fenômeno da dissonância ocorre quando alguém se envolve em um comportamento e imediatamente percebe que esse comportamento está associado a uma consequência aversiva. Assim, segundo os autores, citados por Stone e Fernandez (2008), a dissonância acontece quando a pessoa assume a responsabilidade por um comportamento que gerou uma consequência aversiva. No entanto, isso não é um consenso na literatura. Outros estudos demonstraram que a motivação para reduzir a dissonância pode ocorrer simplesmente após um comportamento contra-attitudinal, sem a necessidade da produção de uma consequência aversiva (Harmon-Jones et al., 1996). A teoria da dissonância cognitiva tem sido amplamente estudada e aplicada em diversos contextos sociais e psicológicos, como na persuasão, na tomada de decisão, na justificação de esforço, na racionalização do comportamento e na mudança de atitude (Harmon-Jones & Mills, 2019).

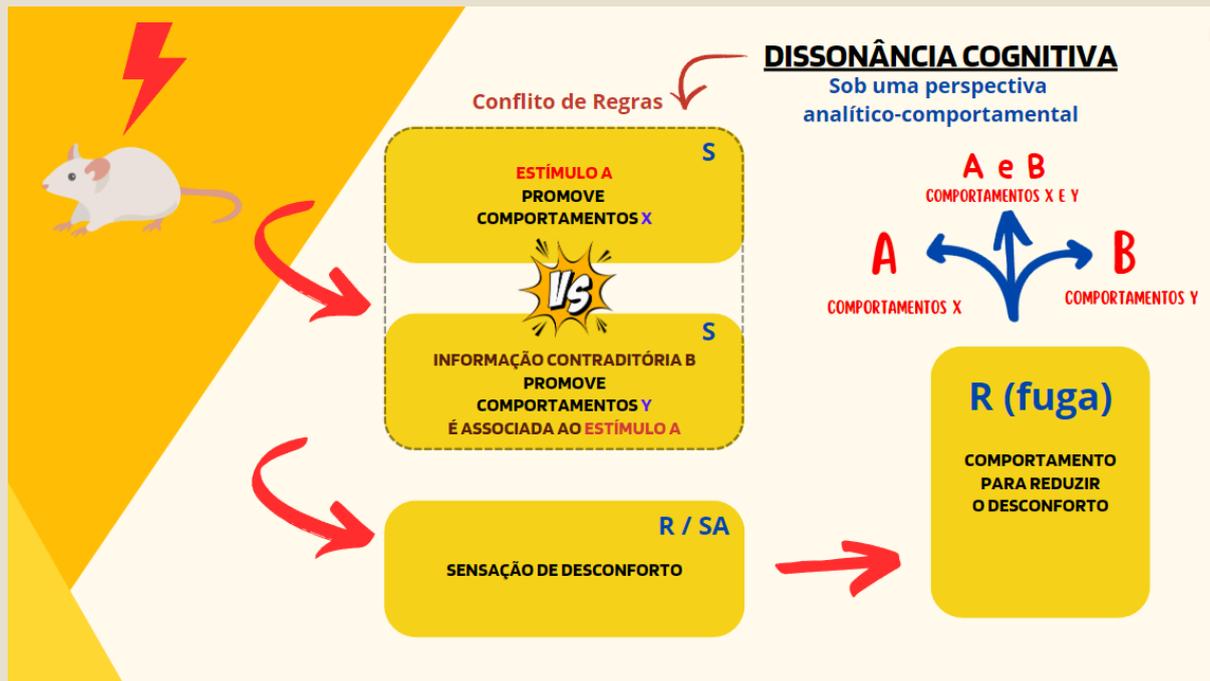
Em resumo, a teoria da dissonância cognitiva diz que somos constituídos de várias cognições, que podem ser, por exemplo, crenças, valores, juízos, atitudes ou comportamentos. Quando nos deparamos com informações contraditórias (que também são cognições), experimentamos um estado psicológico desconfortável que, por si só, gera motivação para reduzi-lo. Por exemplo, uma pessoa que possui o hábito de fumar, quando se depara com a informação de que fumar faz mal à saúde, entra num estado de dissonância cognitiva e experimenta uma sensação de desconforto psicológico. Ora, se fumar faz mal à saúde, por qual motivo ela estaria fumando? A fim de reduzir esse desconforto, essa pessoa promove uma das cognições conflitantes em detrimento da outra. Para tal, ela pode recorrer, por exemplo, a vieses cognitivos, de modo que ela passa a

buscar informações que concordem com uma das cognições disponíveis, diminuindo assim a tensão psicológica e o desconforto experimentado. Veja o esquema a seguir:



Nessa situação, o sujeito fumante pode ter recorrido à informação de que seu avô, quando jovem, fumava bastante e viveu durante muitos anos. Assim, com base nessa única informação, o sujeito ignora todas as demais evidências que indiquem que fumar faz mal à saúde. Assim, ele elimina o conflito entre as informações contraditórias e conseqüentemente, elimina a dissonância cognitiva.

Mas como a Análise do Comportamento pode interpretar esse fenômeno? Sob uma perspectiva analítico-comportamental, podemos simplificar a questão da dissonância cognitiva como sendo um conflito de regras. Observe o esquema a seguir:



A ideia é a de que, quando nos deparamos com um determinado estímulo, que podemos chamar de estímulo A, tendemos a nos comportar de maneira X. No entanto, quando nos deparamos com um outro estímulo B, contraditório ao estímulo A, tendemos a nos comportar de maneira Y, que, da mesma forma, se opõe à maneira X. Porém, se o estímulo B aparece acompanhado do estímulo A, estamos falando de um pareamento entre estímulos contraditórios. O resto do processo segue de forma semelhante ao que ocorre na teoria de Festinger. Esse conflito de estímulos, que tende a promover respostas contraditórias, cria uma sensação de desconforto que, por si só, gera motivação para reduzi-la. Esse desconforto, embora seja um comportamento, tem também a dupla função de ser um estímulo aversivo, uma vez que elicia um comportamento para evitá-lo. A partir daí, a pessoa buscará reforçadores que justifiquem a emissão de comportamentos X ou de comportamentos Y. Ainda, é possível, como veremos mais adiante, expressar atitudes ambivalentes, ou seja, é possível emitir alguns dos comportamentos X e alguns dos comportamentos Y simultaneamente. De qualquer forma, a emissão de qualquer um desses comportamentos nessa situação, deve ser capaz de reduzir a sensação de desconforto psicológico, uma vez que encerra-se o conflito de regras.

Tendo em mente o fenômeno do estado de regras conflitantes, e considerando que para a Análise do Comportamento as atitudes também são comportamentos, associada a esse fenômeno há um tipo de atitude que possui valores simultaneamente positivos e negativos. Esse tipo de atitude é chamado de "atitude ambivalente". De acordo com Conner e Sparks (2011), a ambivalência tem sido definida de várias maneiras na literatura, mas a maioria das definições psicológicas consideram a ambivalência como sendo a existência simultânea de sentimentos positivos e negativos em relação a um mesmo objeto de atitude. As atitudes ambivalentes são, portanto, aquelas que envolvem uma mistura de sentimentos e pensamentos favoráveis e desfavoráveis em relação a um objeto de atitude, gerando uma avaliação conflituosa e instável (Conner & Armitage, 2008). As atitudes ambivalentes podem se formar quando as pessoas possuem crenças ou valores opostos sobre o mesmo

objeto de atitude, ou quando elas percebem um comportamento contra-attitudinal, ou seja, quando percebem que o seu comportamento é inconsistente com a sua atitude (Thompson et al., 1995). As atitudes ambivalentes podem se manifestar por meio de respostas emocionais, cognitivas e comportamentais ambíguas ou contraditórias, como ansiedade, confusão, hesitação ou indecisão (Priester & Petty, 1996). Nesse sentido, as atitudes ambivalentes parecem promover um efeito semelhante ao do fenômeno dos comportamentos conflitantes, ao passo que são capazes de produzir um certo desconforto e conseqüentemente motivação para reduzi-lo. Por exemplo, no caso de uma pessoa ter uma atitude positiva em relação a um presidente, caso esse presidente seja associado a um ato de transgressão das normas sociais, é esperado que a pessoa sinta um certo desconforto momentâneo em decorrência da ambivalência experimentada entre a atitude antiga e a nova. Para tentar diminuir essa ambivalência e o desconforto que a acompanha, a pessoa poderia, por exemplo, tentar procurar explicações plausíveis para tê-lo apoiado anteriormente ou buscar justificar as infrações cometidas pelo presidente, assim mantendo sua posição inicial com uma atitude positiva em relação a ele. É claro, a depender da situação, é possível que a pessoa opte por adotar a nova atitude (negativa). Nesse caso, para reduzir a ambivalência sofrida, ela poderia, por exemplo, se opor ao presidente em questão e justificar esse ato acusando o presidente de trair seus ideais ou alegar que está se opondo apenas porque alguém que ela admira também o está fazendo. Dessa forma, ao buscar reforçadores para uma atitude menos neutra, a pessoa consegue diminuir a ambivalência e o desconforto experimentados nessa situação.

No entanto, embora tenhamos conhecimento de padrões de estratégia adotados para reduzir a tensão psicológica causada pelos comportamentos conflitantes (Stone & Fernandes, 2008), atualmente a literatura ainda carece de novos estudos que tornem possível a identificação das contingências responsáveis pela escolha de manter a atitude original ou adotar a nova atitude. O modelo de dupla atitude, proposto por Wilson et al. (2000), pode trazer alguma luz para essa questão. Os autores argumentam que dois sistemas de atitude podem agir simultaneamente sobre um mesmo objeto de atitude, de modo que alguém possa manter duas atitudes dissociadas (implícita e explícita) sobre um mesmo objeto alvo de avaliação. Segundo Petty et al. (2006), quando ocorre mudança de atitude, uma atitude que era explícita e consciente tende a se manter intacta e tende a se ativar automaticamente em determinadas situações. Em outras palavras, a atitude antes explícita se torna uma atitude implícita. Dovidio et al. (1997), ainda argumentam que, em uma situação na qual a pessoa possui tempo para pensar sobre o objeto de atitude, uma atitude explícita tende a ser responsável pelo comportamento observado da pessoa em relação ao objeto de atitude. Porém, quando a pessoa não possui tempo para deliberar sobre sua resposta, essa resposta tende a ser guiada pela atitude implícita. Assim, Wilson et al. (2000) concluem que a influência das atitudes antigas ou novas, após uma situação de mudança de atitude, dependem das circunstâncias. Com base nisso, novas pesquisas têm sido realizadas na área e tentam explicar melhor as influências das antigas atitudes sobre as novas atitudes (Petty et al., 2006).

Esta pesquisa, portanto, se interessa em investigar os efeitos do fenômeno de comportamentos conflitantes sobre um objeto de atitude, por meio de uma história em quadrinhos, na qual alguns dos personagens serão objetos de atitude a serem avaliados

pelo leitor em diferentes momentos da narrativa. A história é dividida em 3 partes e conta com 2 personagens principais (A e B), que são, respectivamente, um psicólogo experiente que atua como supervisor e um outro psicólogo menos experiente, em início de carreira. Há ainda um terceiro personagem coadjuvante (C), que é paciente do personagem B. Na primeira parte, os personagens devem ser apresentados com uma situação na qual o personagem B solicita a orientação do personagem A em relação a um fato que ocorreu durante o atendimento com o personagem C. Na segunda parte, o personagem A delibera sobre o caso e então comete uma falta ética, com potencial para prejudicar os personagens B e C. Por fim, na terceira parte, são apresentadas as consequências dos atos do personagem A e o confronto com os outros personagens.

Somente os personagens A e B serão submetidos à avaliação do leitor. O personagem C, embora seja importante como um elemento capaz de direcionar a história, não deve ser avaliado, pois aparece muito pouco na HQ. Além disso, dos dois personagens que serão avaliados, o foco será o personagem A. Espera-se que o roteiro da história seja capaz de induzir uma mudança de atitude significativa em relação ao personagem A, e também desenvolver uma atitude ambivalente no leitor, ao apresentar aspectos bons e ruins que serão atribuídos ao personagem durante a leitura.

O leitor será convidado a avaliar os personagens A e B por meio de uma Escala de Diferencial Semântico composta por 13 itens de escala likert de -3 a +3, dos quais cada item contém dois adjetivos opostos de natureza qualitativa, como "simpático/antipático", "inteligente/burro" ou "honesto/desonesto".

As aplicações da Escala de Diferencial Semântico vão ocorrer em 4 momentos, sendo que a primeira é uma aplicação controle, que deve ser feita antes da leitura da história, apresentando somente a aparência física dos personagens. Espera-se que a primeira avaliação seja neutra para os personagens nessa etapa. A segunda aplicação deve ocorrer ao final do Capítulo 1, de modo que o personagem A deve ser exposto como sendo alguém virtuoso, isto é, dotado de boas intenções e características socialmente desejáveis. Assim, é esperado que ele seja avaliado positivamente. A terceira etapa de aplicação deve acontecer ao final do Capítulo 2, após o personagem A cometer uma falta ética. Espera-se que o participante comece a apresentar certa ambivalência em relação ao personagem nesse momento. E a quarta e última aplicação da escala deve acontecer ao final do Capítulo 3, depois de serem apresentadas as consequências dos atos do personagem A. Dessa forma, a hipótese é a de que, no decorrer da história, o participante deve atribuir algumas características ruins ao personagem A, fazendo com que haja uma mudança de atitude em relação a ele, o que pode acarretar em uma atitude ambivalente, ou, também, pode acontecer do personagem passar a ser avaliado de forma negativa.

O objetivo é analisar de que forma uma ação contraditória de um objeto de atitude pode impactar na atitude original em relação a ele e também discutir, à luz da Análise do Comportamento, como esse fenômeno pode afetar as relações entre pessoas e os objetos de atitude por elas avaliados no cotidiano.

Método

Procedimentos Éticos

Foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os participantes. O documento teve o papel de apresentar os pesquisadores responsáveis, explicar e justificar a pesquisa, bem como expor os direitos dos participantes. Os participantes assinaram o documento virtualmente, concordando com as condições do experimento. Os dados pessoais fornecidos pelos participantes não foram divulgados e somente os dados relevantes para a pesquisa serão expostos no capítulo.

Delineamento

O delineamento utilizado nesta pesquisa foi o de sujeito com seu próprio controle, do tipo pré-teste/pós-teste. Esse delineamento consiste em medir a variável dependente (a atitude em relação aos personagens) antes, durante e depois da aplicação do tratamento experimental (a leitura da história em quadrinhos). Dessa forma, é possível comparar as mudanças de atitude dos participantes em função da exposição à história. A variável dependente foi medida por meio de uma Escala de Diferencial Semântico, composta por 13 itens de escala likert de -3 a +3, que avaliavam as características dos personagens em termos de adjetivos opostos, como simpático/antipático, inteligente/burro ou honesto/desonesto. A escala foi aplicada em quatro momentos: antes da leitura da história (pré-teste, denominado T0), após a leitura do Capítulo 1 da história (pós-teste, T1), após a leitura do Capítulo 2 (pós-teste, T2) e após a leitura da terceira parte da história, o Capítulo 3 (pós-teste, T3).

Para cada aplicação da escala também será calculada a ambivalência potencial das atitudes em relação a cada personagem, utilizando uma fórmula adaptada para se adequar a uma escala de interpretação que foi criada pelo próprio pesquisador e que é exclusiva para a escala de diferencial semântico utilizada.

Variável independente

A variável independente pode ser compreendida como o conjunto de comportamentos e interações entre os personagens da HQ, com foco no personagem A, que apresenta comportamentos contraditórios ao longo da narrativa.

Nome: Comportamentos e interações entre os personagens da HQ.

Descrição: O personagem A é apresentado inicialmente como sendo alguém virtuoso e admirável, mas posteriormente pratica ações de transgressão social e se arrepende em seguida. Também integram as interações entre os personagens a atitude ríspida e de reprovação do personagem B em relação ao personagem A após a falta ética cometida.

Manipulação: Exposição e medição em diferentes momentos das interações entre os personagens.

Variável dependente

Uma das variáveis dependentes é a atitude em relação aos personagens da HQ, que é medida por uma Escala de Diferencial Semântico, composta por 13 itens de escala likert que variam de -3 a +3 pontos. Os itens avaliam as características dos personagens em termos de adjetivos opostos. A escala é aplicada em três momentos: antes, durante e depois da leitura da história.

A outra variável dependente é a ambivalência potencial que será calculada após a obtenção dos resultados da escala de diferencial semântico, através da fórmula:

$$AP = \frac{((P + N) / 2 - |P - N|) + 19,5}{3}$$

Em que AP é a Ambivalência Potencial, P corresponde à soma dos escores positivos obtidos na escala de diferencial semântico, e N corresponde ao módulo da soma dos escores negativos obtidos na escala de diferencial semântico.

Participantes

Foram convidados a participar da pesquisa 4 estudantes do curso de Psicologia, que estavam cursando o 1º ou 2º semestre. Dos 4 participantes, 2 se identificaram como sendo do sexo feminino e 2 do sexo masculino. As idades dos voluntários variaram entre 18 e 35 anos.

Local

Os experimentos foram realizados em salas de uma instituição de ensino superior, utilizando os computadores da própria instituição e também o computador pessoal do pesquisador. Durante as aplicações, as salas estavam vazias, bem iluminadas e sem a presença de distratores.

Materiais

Computador pessoal do pesquisador e computadores da universidade.

Instrumentos

Entre os instrumentos utilizados, estão inclusos: a) A história em quadrinhos, com design feito por meio do site Storyboard That; b) Um formulário contendo a Escala de Diferencial Semântico, que deveria ser aplicada antes, durante e após a leitura, para ambos os personagens A e B.

A História em Quadrinhos

Figura 1.1

Personagens principais da HQ



- Personagem A: André, um psicólogo experiente e admirado por seu trabalho, que atua como supervisor para seus colegas menos inexperientes em uma renomada clínica psicológica.
- Personagem B: Bruno, um psicólogo clínico que está iniciando sua carreira. Ele busca orientação de André quando um de seus pacientes fala algo preocupante durante uma sessão de hipnoterapia.

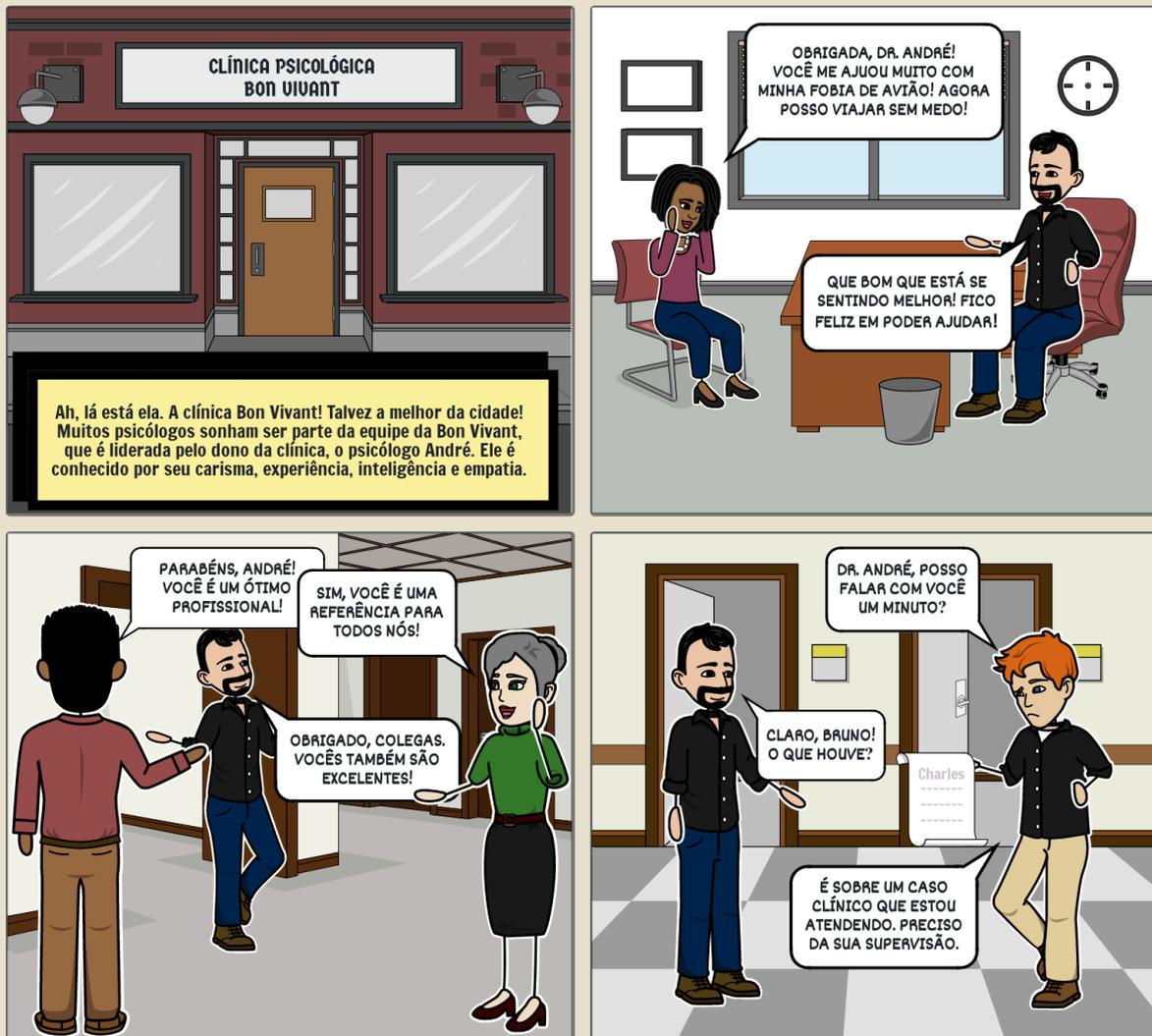
Roteiro da História em Quadrinhos

O roteiro da história foi criado com ajuda de uma inteligência artificial, mais especificamente o chatbot do Bing, desenvolvido e disponibilizado pela Microsoft, que utiliza o modelo de linguagem GPT-4. Para facilitar o entendimento e a leitura do roteiro, os quadrinhos serão denominados pela codificação C#Q#, na qual "C" corresponde ao capítulo e "Q" corresponde ao quadrinho. Por exemplo, C1Q3 corresponde ao terceiro quadrinho do capítulo 1 e C3Q15 corresponde ao décimo quinto quadrinho do capítulo 3.

CAPÍTULO 1

Figura 2.1

Quadrinhos de C1Q1 a C1Q4



C1Q1 - Apresenta a fachada da clínica Bon Vivant. O balão de narração diz: “Ah, lá está ela. A clínica Bon Vivant! Talvez a melhor da cidade! Muitos psicólogos sonham ser parte da equipe da Bon Vivant, que é liderada pelo dono da clínica, o psicólogo André. Ele é conhecido por seu carisma, experiência, inteligência e empatia.”.

C1Q2 - Sala de consultório do André. Ele atende uma cliente. O diálogo é:

Cliente: Obrigada, doutor André. Você me ajudou muito com a minha fobia de avião. Agora eu posso viajar sem medo.

André: Que bom que você está se sentindo melhor. Fico feliz em poder ajudar.

C1Q3 - Fora da sala do André. Ele parece estar saindo da sala e é elogiado pelos colegas. O diálogo é:

Psicólogo 1: Parabéns, André. Você é um ótimo profissional.

Psicólogo 2: Sim, você é uma referência para todos nós.

André: Obrigado, colegas. Vocês também são excelentes

C1Q4 - Em um corredor da clínica, Bruno aparece com um documento escrito “Charles” e se encontra com André. Ele pede para falar com André. O diálogo é:

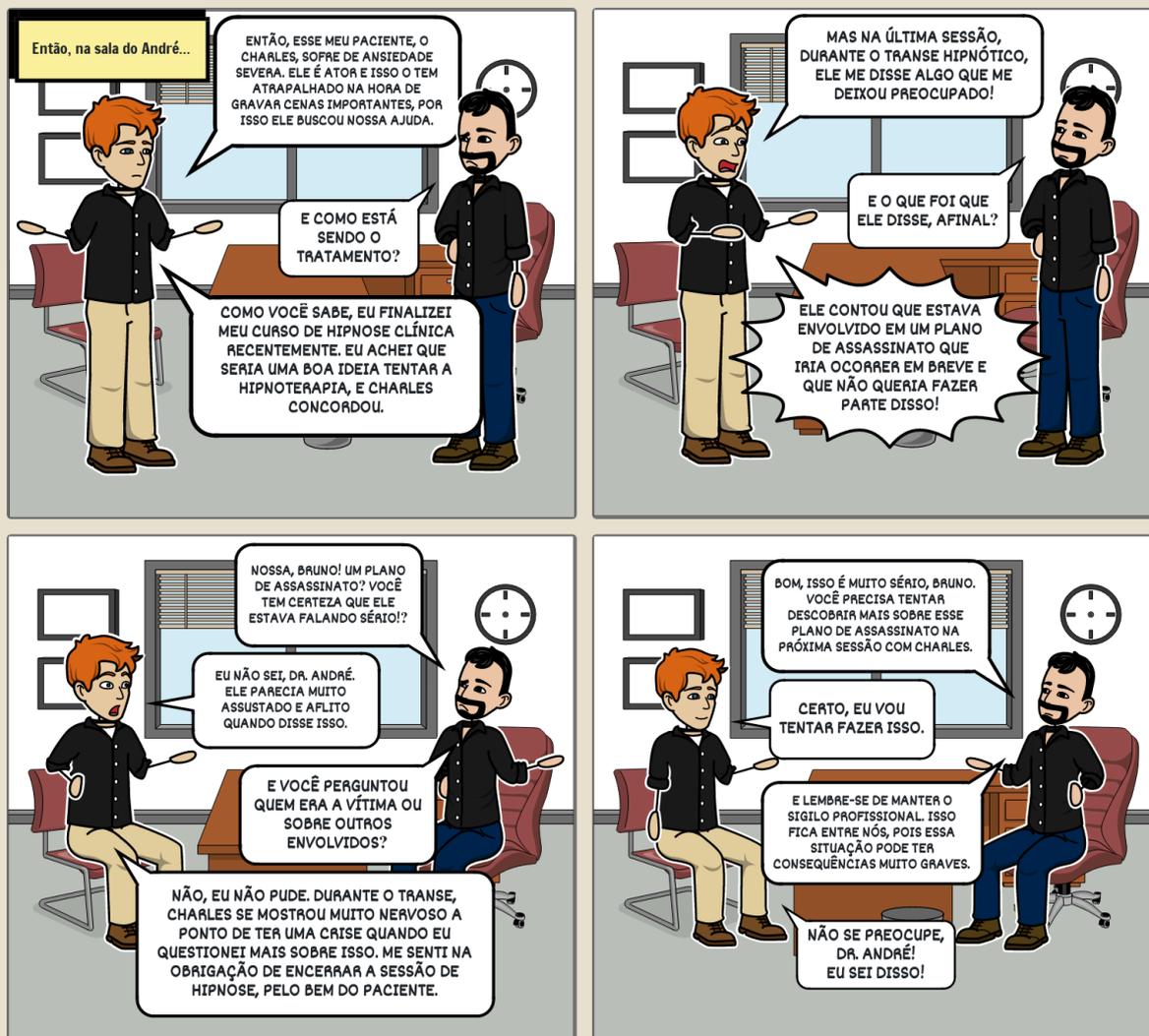
Bruno: Doutor André, posso falar com o senhor um minuto?

André: Claro, Bruno. O que houve?

Bruno: É sobre um caso clínico que eu estou atendendo. Eu preciso da sua supervisão.

Figura 2.2

Quadrinhos de C1Q5 a C1Q8



C1Q5 a C1Q8 - De volta ao consultório de André. André e Bruno conversam sentados. O diálogo é:

Bruno: Então, esse meu paciente, o Charles, sofre de ansiedade severa. Ele é ator e isso o tem atrapalhado na hora de gravar cenas importantes, por isso ele buscou a nossa ajuda.

André: E como está sendo o tratamento?

Bruno: Como você sabe, eu finalizei o meu curso de Hipnose Clínica recentemente. Eu achei que seria uma boa ideia tentar a hipnoterapia e Charles concordou. Mas na última sessão, ele disse algo que me deixou muito preocupado.

André: O que ele disse?

Bruno: Ele disse que estava envolvido em um plano de assassinato que iria acontecer em breve e que ele não queria fazer parte disso!

André: Nossa, Bruno! Um plano de assassinato? Você tem certeza que ele estava falando sério?

Bruno: Eu não sei, doutor André. Ele parecia muito aflito e assustado quando disse isso.

André: E você perguntou quem era a vítima ou sobre outros envolvidos?

Bruno: Não, eu não pude. Durante o transe, Charles se mostrou muito nervoso, a ponto de ter uma crise quando eu questionei sobre isso. Me senti na obrigação de encerrar a sessão de hipnose, pelo bem estar do paciente.

André: Bom, isso é muito sério, Bruno. Você precisa tentar descobrir mais sobre esse plano de assassinato na próxima sessão com Charles.

Bruno: Certo, eu vou tentar fazer isso.

André: E lembre-se de manter o sigilo profissional. Isso fica entre nós, pois essa situação pode ter consequências muito graves!

Bruno: Não se preocupe, doutor André. Eu sei disso.

Figura 2.3

Quadrinhos CIQ9 e CIQ10



CIQ9 - André e Bruno se encontram fora do consultório. Bruno agradece André pela ajuda.

O diálogo é:

André: Muito bem, eu vou ficar de olho nesse caso, Bruno. Você pode contar comigo para qualquer coisa!

Bruno: Muito obrigado, doutor André! Aprecio muito a sua ajuda e confiança.

André: De nada, Bruno! Você é um bom psicólogo e eu tenho certeza que você vai resolver esse caso.

CIQ10 - André está em sua casa, à noite, refletindo em silêncio. Há um computador que mostra que André acessou os arquivos de Bruno para ler o prontuário de Charles. A narração diz: “André parecia preocupado com o suposto plano de assassinato, que poderia ocorrer mais cedo do que o esperado. Ele decidiu usar sua senha de administrador da rede da clínica para acessar os arquivos de Bruno e ler o prontuário de Charles.”

CAPÍTULO 2

Figura 2.4

Quadrinhos C2Q1 e C2Q2



C2Q1 e C2Q2 - A cena mostra André investigando os dados pessoais de Charles no computador. O diálogo é:

André (pensando): Vamos ver o que eu consigo descobrir sobre esse Charles.

André (lendo): Charles, 28 anos, ensino superior completo, ator de cinema e teatro, sofre de ansiedade severa desde a infância.

André (lendo): Ex presidiário? O quê? Por que isso não foi mencionado antes?

Figura 2.5

Quadrinhos C2Q3 e C2Q4



C2Q3 e C2Q4 - André está deitado em sua cama, refletindo sobre a possibilidade do plano de assassinato se concretizar e pensando no que deve fazer.

André (pensando): O que eu faço? Se eu respeitar o sigilo profissional, eu posso estar colocando uma vida em risco. E se o plano de assassinato for real? E se ele matar alguém inocente?

André (pensando): E se isso afetar a reputação da clínica? E se nós formos responsabilizados por não perceber a gravidade do caso de Charles e deixar que as coisas chegassem a esse ponto, sem dar a devida atenção psicológica?

André (pensando): Mas se eu denunciar o caso para a polícia, eu posso estar violando a ética profissional. E se o plano de assassinato não for real? E se ele estiver apenas confuso ou delirando? Eu poderia estar arruinando a reputação dele.

André (pensando): E se ele for apenas conduzido à delegacia para prestar depoimento? Isso não seria tão ruim, não é? Se eu estiver certo, posso salvar uma vida e a reputação da clínica. Se estiver errado, será apenas um mal-entendido que logo será esclarecido.

Figura 2.6

Quadrinhos C2Q5 e C2Q6



C2Q5 e C2Q6 - André permanece em seu quarto e toma a decisão de comunicar o caso de Charles à polícia, sem consultar Bruno antes. Ele liga para a polícia. O diálogo é:

André (pensando): É isso. Eu não posso ficar parado. Eu preciso denunciar esse caso à polícia.

André (falando no celular): Alô? Delegacia? Eu tenho uma denúncia urgente para fazer.

Figura 2.7

Quadrinhos C2Q7 e C2Q8



C2Q7 e C2Q8 - A cena mostra o diálogo entre André e o policial do outro lado da linha. O diálogo é:

André: Meu nome é André, sou psicólogo e eu tenho um colega que está atendendo um cliente chamado Charles.

Policial: Certo, senhor André. E qual é o problema?

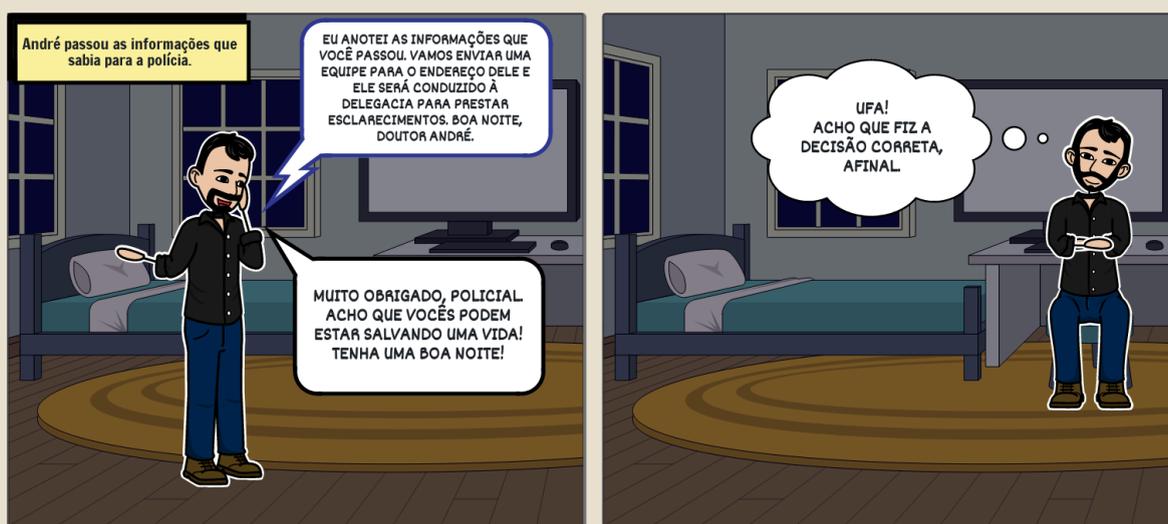
André: Esse cliente disse em uma sessão que ele está envolvido em um plano de assassinato que vai acontecer em breve.

Policial: O quê? Você tem certeza disso?

André: Sim, eu tenho certeza. E tem mais, ele é um ex-presidiário! Pode ser perigoso! Vou te passar as informações que tenho dele.

Figura 2.8

Quadrinhos C2Q9 e C2Q10



C2Q9 e C2Q10 - A cena se passa após André passar as informações para o policial. André acha que fez a coisa certa e se sente aliviado. O diálogo é:

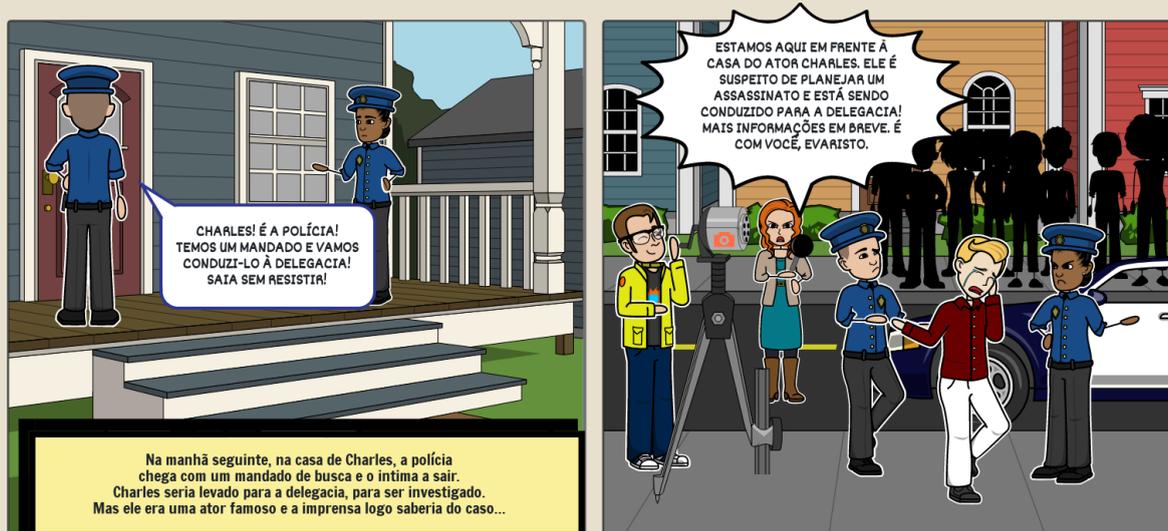
Policial: Ok, eu anotei as informações que você passou. Vamos enviar uma equipe para o endereço dele e ele será conduzido à delegacia para prestar esclarecimentos. Boa noite, doutor André.

André: Muito obrigado, policial! Eu acho que vocês podem estar salvando uma vida! Tenha uma boa noite!

André, aliviado (pensando): Ufa, acho que fiz a decisão correta, afinal.

Figura 2.9

Quadrinhos C2Q11 e C2Q2



C2Q11 e C2Q12 - A cena se passa na manhã seguinte, em frente à casa de Charles. A legenda diz: “Na manhã seguinte, na casa de Charles, a polícia chega com um mandado de busca e o intima a sair. Charles seria levado para a delegacia para ser investigado. Mas ele era um ator famoso e a imprensa logo saberia do caso”. Em seguida, Charles é mostrado sendo levado pelos policiais até uma viatura e uma repórter de TV narra a notícia. Uma multidão de curiosos assiste a cena. O diálogo é:

Policia! Charles, é a polícia! Temos um mandado e vamos conduzi-lo à delegacia! Saia sem resistir!

Em seguida, Charles é levado pelos policiais enquanto chora envergonhado pela situação de exposição. Uma repórter acompanha a cena.

Repórter (para a câmera): Estamos aqui em frente à casa de Charles. Ele é suspeito de planejar um assassinato e está sendo conduzido para a delegacia! Mais informações em breve. É com você, Evaristo.

Figura 2.10

Quadrinhos de C2Q13 a C2Q15



C2Q13, C2Q14 e C2Q15 - Mais tarde, André está em seu consultório novamente e recebe uma notificação no celular. No celular, há uma notícia sobre a detenção de Charles e sua investigação. André considera uma boa notícia e acha que salvou uma vida. Ele então recebe uma ligação de Bruno e presume que Bruno ligou para agradecê-lo.

Figura 2.11

Quadrinhos C2Q16 e C2Q17



C2Q16 e C2Q17 - André atendendo a ligação de Bruno. Bruno questiona as ações de André e explica brevemente as consequências disso. André pede calma. O diálogo é:

André: Alô, Bruno? Em que posso ajudar?

Bruno: Eu fiquei sabendo da sua denúncia pela televisão, André! Como você pôde fazer isso? Você violou o sigilo profissional! Você prejudicou o Charles e a mim! O advogado dele quer falar conosco, André! E ele está furioso!

André: Ei, Bruno, calma... Por favor, me escute! Eu posso explicar!

CAPÍTULO 3

Figura 2.12

Quadrinhos C3Q1 e C3Q2

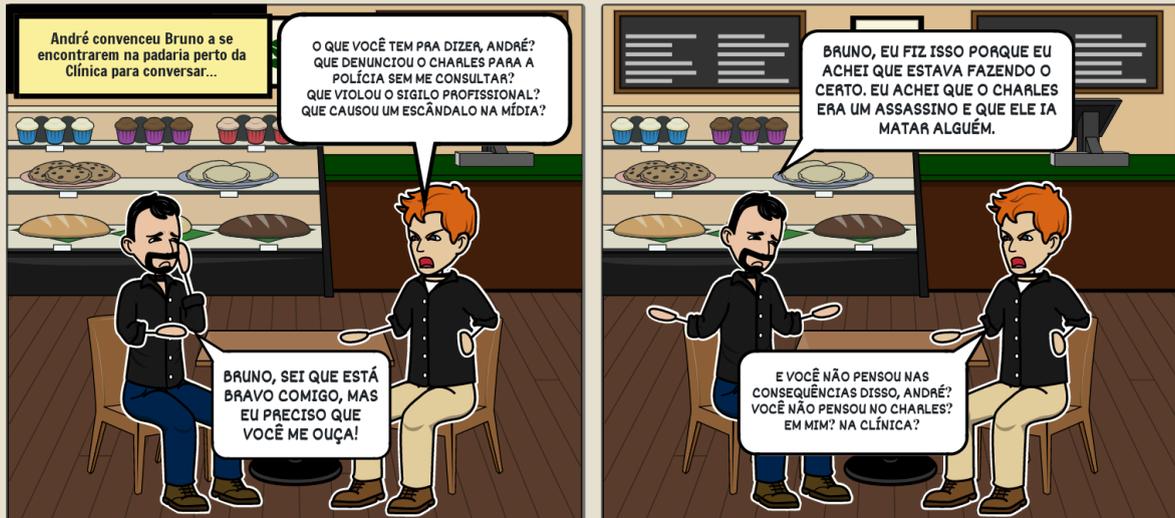


Figura 2.13

Quadrinhos

C3Q3

e

C3Q4



Figura 2.14

Quadrinhos C3Q5 e C3Q6



Figura 2.15

Quadrinhos C3Q7 e C3Q8



Figura 2.16

Quadrinhos C3Q9 e C3Q10

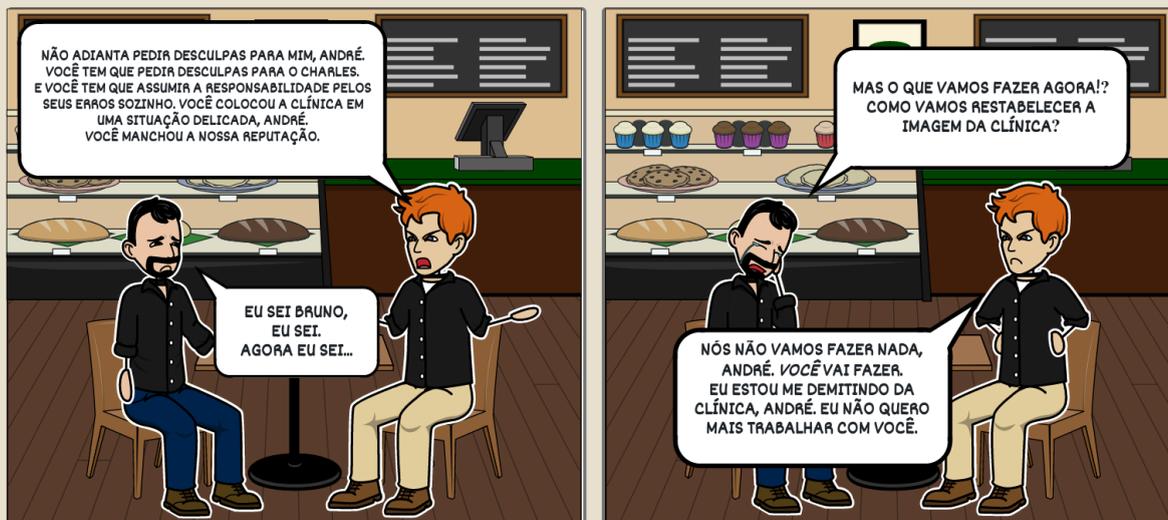
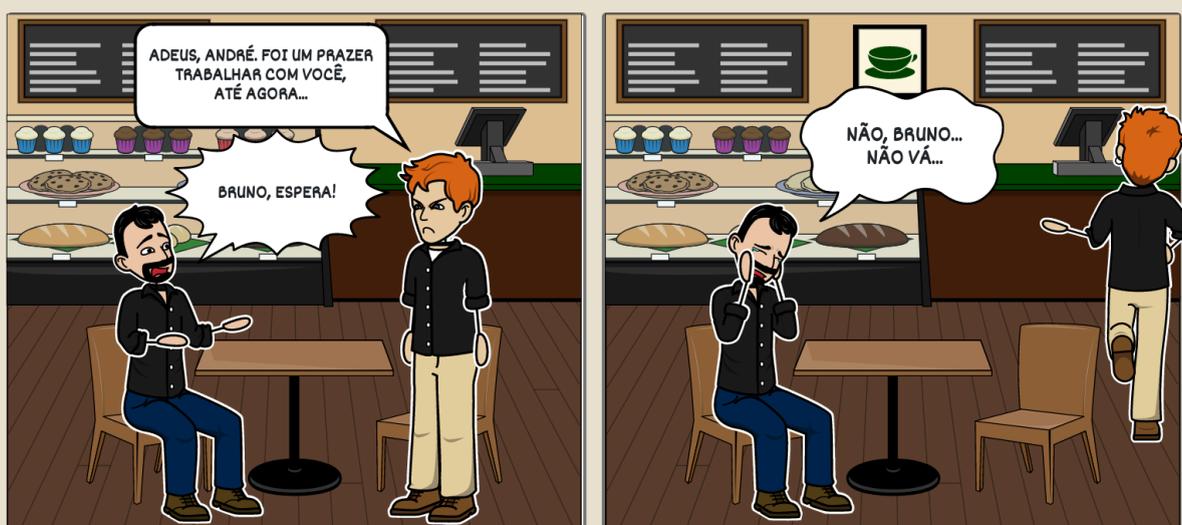


Figura 2.17

Quadrinhos C3Q11 e C3Q12



C3Q1 a C3Q12 - A cena inteira se passa em uma padaria. André e Bruno se encontram para discutir o que houve. Bruno está irritado e André parece arrependido. O diálogo é:

André: Bruno, eu sei que você está bravo comigo, mas eu preciso que você me ouça.

Bruno: O que você tem para me dizer, André? Que você denunciou o Charles para a polícia sem me consultar? Que você violou o sigilo profissional? Que você causou um escândalo na mídia?

André: Bruno, eu fiz isso porque eu achei que estava fazendo o certo. Eu achei que o Charles era um assassino e que ele ia matar alguém.

Bruno: E você não pensou nas consequências disso, André? Você não pensou no Charles? Em mim? Na clínica?

Bruno: Você sabe o que o advogado do Charles me disse, André? Que tudo não passou de um mal entendido. Ele disse que o Charles não é um assassino de verdade, mas sim um ator que está interpretando um assassino em um filme. Ele estava ansioso com o papel, porque era a primeira vez que ele seria protagonista.

Bruno: Charles estava preocupado com a cena do assassinato, que seria gravada naquela mesma semana. Ele tinha sido instruído pela equipe de produção a não falar sobre o filme, para evitar vazamentos, sob pena de multa. Agora que todos sabem, a carreira dele pode estar em risco.

André: Bruno, eu sinto muito pelo que aconteceu. Eu não sabia disso tudo.

André: Mas me diga uma coisa... Por que no prontuário do Charles dizia que ele era ex-presidiário?

Bruno: Porque ele foi preso injustamente no passado por um crime que ele não cometeu. Ele ficou um mês na prisão e depois foi solto por falta de provas. Mas isso marcou a vida dele. Ele ficou traumatizado e teve dificuldade de conseguir papéis por ser taxado como ex-presidiário.

Bruno: O advogado dele me disse que ele teve uma crise de pânico no interrogatório com a polícia, porque ele achou que ia ser preso de novo por algo que ele não fez. E ele disse que vai processar a clínica por danos morais e materiais.

Bruno: Você devia ter me perguntado sobre isso antes de fazer essa denúncia irresponsável, André!

André: Bruno, eu não queria te envolver nessa denúncia. Eu achei que era melhor fazer isso sozinho. E eu também temia que você não me deixasse denunciar o Charles, se eu te contasse.

André: Eu achei que se eu não fizesse nada, uma pessoa inocente poderia morrer.

André: Eu me arrependo do que eu fiz, Bruno! Me desculpe!

Bruno: Não adianta pedir desculpas para mim, André. Você tem que pedir desculpas para o Charles.

Bruno: E você tem que assumir a responsabilidade pelos seus erros sozinho. Você colocou a clínica em uma situação delicada, André. Você manchou a nossa reputação.

André: Eu sei, Bruno. Agora eu sei.

André: Mas o que nós vamos fazer agora? Como nós vamos restabelecer a imagem da clínica?

Bruno: Nós não vamos fazer nada, André. Você vai fazer. Eu estou me demitindo da clínica,
André. Eu não quero mais trabalhar com você.

Bruno se levanta. Em seguida se vira e vai embora.

Bruno (se virando e partindo): Adeus, André. Foi um prazer trabalhar com você, até agora.

André (ficando sozinho): Bruno, espera!

André (chorando): Não, Bruno. Não vá...

Figura 2.17

Quadrinhos C3Q13 e C3Q14



C3Q13 e C3Q14 - É noite, na casa de André, na sala. Ele está sentado no sofá. A narração diz: “Alguns dias depois, André recebe uma notificação judicial sobre os processos movidos por Bruno e Charles”. Algum tempo se passou e a barba de André está maior. A roupa dele está de outra cor. O diálogo é:

André (pensando): Estão processando a clínica por danos morais e materiais, alegando que eu violei o sigilo profissional, difamei Charles, causei prejuízos à sua carreira de ator e à sua vida pessoal, e abusei da minha autoridade como psicólogo...

André (pensando, triste e cabisbaixo): ...eles pedem uma indenização de um milhão cada um! Meu Deus! Isso é um pesadelo!

Figura 2.18

Quadrinhos C3Q15 e C3Q16



C3Q15 - André ainda está sentado no sofá e parece assustado com outros documentos. A narração diz: “Para piorar a situação, André recebe outra notificação, do Conselho Federal de Psicologia, sobre uma denúncia que pode fazer com que ele perca o registro”.

C3Q16 - Em seguida, André pega o celular. A narração diz: “Naquela noite, André se sentiu sozinho e desamparado. Ele procura um advogado para tentar se defender dos processos”. O diálogo diz:

André (pensando): “Óh, céus! E agora, quem poderá me defender?”

Figura 2.19

Quadrinhos C3Q17 e C3Q18



C3Q17 - André se deita no sofá, aparentemente chorando. É possível ver um gato preto andando pela sala. A narração diz: “Infelizmente, para André, não havia Chapolin Colorado

para o ajudar. Enquanto espera pelo dia do julgamento, André reflete sobre as suas ações e sobre o seu futuro”. O diálogo é:

André (pensando): Meu deus, como pude fazer isso com Charles? E o Bruno? Como pode me abandonar assim? São tantas dívidas... Será que vou ter que fechar a clínica? Isso não vai prejudicar meus outros colegas?

C3Q18 - Amanheceu, e André permanece chorando no sofá. O gato preto aparece e dorme próximo a ele, no chão. A narração diz: “André estava imerso num vazio imensurável.”

Figura 2.20

Quadrinhos C3Q19 e C3Q20



C3Q19 - André está sentado, acariciando e falando com o gato. A narração diz: “Algumas horas depois, André se recompôs”. O diálogo é:

André: Tem razão, Pequeno Albert, Sei que errei. Errei feio. Eu denunciei Charles sem ter provas suficientes e desrespeitei o sigilo profissional. Eu prejudiquei a imagem do Bruno e da clínica. Eu agi por impulso e por medo de deixar uma pessoa morrer.

C3Q20 - André permanece sentado, mas parece mais alegre. Ele continua acariciando e falando com o gato. A narração diz: “Talvez, depois de tudo, ainda houvesse esperança para aquele homem”. O diálogo é:

André: Eu queria fazer o bem, mas acabei fazendo o mal.

André: Eu me arrependo do que fiz. Gostaria de pedir desculpas ao Charles e ao Bruno. Será que ainda posso ser um bom psicólogo?

André: Só vou saber se tentar. Agora vamos, Pequeno Albert. Preciso colocar ração pra você e pro Pavlov...

FIM

Escala de Diferencial Semântico

Neste trabalho, busca-se avaliar as atitudes dos participantes em relação a diferentes objetos de atitude, utilizando uma escala de diferencial semântico, que consiste em 13 pares opostos de adjetivos, variando de -3 a +3 em uma escala Likert. A técnica do diferencial semântico é amplamente utilizada na Psicologia e serve para medir o significado que os participantes atribuem a “conceitos”, que podem ser pessoas, objetos ou eventos (Almeida et al., 2014). Assim, a Escala de Diferencial Semântico é um instrumento de fácil compreensão e aplicação que torna possível medir a atitude dos participantes em relação a um objeto de atitude.

A escala utilizada neste trabalho foi baseada no instrumento de Almeida et al. (2014), que apresentava dois fatores distintos para os pares de adjetivos, sendo o primeiro fator composto por adjetivos mais qualitativos, voltados para características físicas e afetivas, e o segundo fator composto por adjetivos mais quantitativos, voltados para potência. No entanto, essa divisão poderia gerar um problema de interpretação da ambivalência, pois poderia ocorrer de um objeto de atitude ser avaliado de forma contraditória em relação aos dois fatores, como no caso de uma pessoa que está agredindo outra fisicamente. Nesse caso, um observador poderia, por exemplo, avaliar negativamente o agressor como “mau” e “desagradável”, mas também positivamente como “dominante” e “rápido”. Para evitar essa situação, modificou-se a escala original, mantendo os 9 pares de adjetivos do primeiro fator e excluindo os 4 pares de adjetivos do segundo fator. Em seguida, substituíram-se os pares excluídos por outros pares de adjetivos opostos que se considerou serem de natureza mais semelhante aos itens do primeiro fator. Os pares de adjetivos utilizados na escala modificada são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 1

Pares de adjetivos da Escala de Diferencial Semântico

Escala de Diferencial Semântico	
ADJETIVO NEGATIVO	ADJETIVO POSITIVO
Triste	Alegre
Tenso	Relaxado
Áspero	Liso
Feio	Bonito
Pesado	Leve
Negativo	Positivo
Duro	Macio
Mau	Bom

Desagradável	Agradável
Burro	Inteligente
Desonesto	Honesto
Antipático	Simpático
Inadequado	Adequado

Essa modificação da escala original visa garantir uma maior consistência e validade na medição das atitudes dos participantes.

Medida de Ambivalência Potencial

Após a aplicação da escala, pretende-se medir a ambivalência potencial (AP) dos participantes em relação aos objetos de atitude. A ambivalência potencial é definida como o grau de conflito entre as avaliações positivas e negativas de um objeto de atitude (Kaplan, 1972). Para calcular a ambivalência potencial, utilizou-se a fórmula proposta por Kaplan (1972), que é baseada na soma dos escores positivos (P) e o módulo dos escores negativos (N) da escala de atitude, dividida por dois, e subtraída do valor absoluto da diferença entre P e N. Assim, a fórmula pode ser expressa como:

$$AP = (P + N) / 2 - |P - N|$$

Essa fórmula assume que a ambivalência é maior quando há um equilíbrio entre as avaliações positivas e negativas de um objeto de atitude. No entanto, a fórmula original não possui uma forma concreta de interpretação dos resultados sem que seja comparando com outro resultado (Kaplan, 1972). Por isso, propõe-se uma escala de interpretação da ambivalência potencial, que visa facilitar a compreensão dos resultados obtidos pela fórmula. Para construir a escala de interpretação, foi preciso primeiro definir os limites de ambivalência potencial que poderiam ser obtidos em uma escala de diferencial semântico de 13 itens. Então, calcularam-se os valores mínimos e máximos possíveis da fórmula de AP, que são -19,5 e 16,5, respectivamente. Para tornar a escala de interpretação mais intuitiva, o valor mínimo (-19,5) será convertido em 0, ao somá-lo com seu módulo (19,5). Desse modo, o valor máximo também é somado, o que significa que obtemos uma escala que varia entre 0 e 36. Divide-se o resultado por 3 para obter uma escala de interpretação com 12 pontos. Por fim, dividiu-se essa escala em três níveis: baixa (0 a 3,9), média (4 a 7,9) e alta (8 a 12) ambivalência potencial. A fórmula adaptada para a escala de interpretação é:

$$AP = [(P + N) / 2 - |P - N| + 19,5] / 3$$

Essa escala de interpretação permite uma análise mais fácil e intuitiva dos resultados da fórmula de AP, sem depender de comparações com outros objetos de atitude.

Procedimento

Inicialmente os participantes foram convidados a preencher um formulário online contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual eles foram informados sobre os objetivos, os riscos e os benefícios da pesquisa, assim como os seus direitos e deveres como voluntários.

Após concordarem em participar da pesquisa, a coleta de dados foi iniciada. Esse processo foi separado em 4 etapas (T0, T1, T2 e T3), nas quais o leitor seria submetido à uma condição Pré-Teste (T0) e três condições pós-teste (T1, T2, T3), tal como exposto anteriormente no Delineamento.

T0 - Pré-Teste

Na primeira etapa, os participantes foram direcionados para a página de aplicação da Escala de Diferencial Semântico, na qual eles deveriam avaliar os personagens da história em quadrinhos com base apenas em sua aparência física, sem terem acesso à narrativa. Desse modo, esperava-se que os participantes criassem seu próprio controle, a fim de que este fosse comparado com os dados obtidos das aplicações posteriores da escala.

É importante ressaltar que o design de apresentação dos personagens nessa etapa foi pensado para ser um design neutro, de forma que seja difícil determinar suas ocupações ou quaisquer outras características com base somente na aparência. Portanto, a hipótese para essa etapa é a de que a atitude em relação aos personagens seja próxima de neutra. O cálculo de ambivalência potencial deve ser aplicado às respostas do participante e espera-se obter um resultado que indique uma ambivalência moderada, típica de uma atitude neutra.

T1 - Pós-Teste 1

Em seguida, eles foram direcionados para outra página contendo uma apresentação de slides da primeira parte da história em quadrinhos, o Capítulo 1. Os participantes foram instruídos a ler atentamente as falas e prestar atenção nas ações dos personagens. Após a leitura, eles foram direcionados mais uma vez para o formulário de aplicação da Escala de Diferencial Semântico. Dessa vez os participantes deveriam reavaliar os personagens com adição das informações obtidas através da leitura e não somente com base em suas aparências.

Como dito anteriormente, o foco da pesquisa se encontra no personagem A, que neste capítulo é apresentado como sendo um psicólogo supervisor experiente e dotado de características boas e socialmente desejáveis, tais como o cuidado com os pacientes, a escuta, a empatia, a disponibilidade, etc. A profissão do personagem foi determinada visando melhorar a atitude do leitor em relação a ele nesse primeiro momento, visto que os participantes da pesquisa são estudantes de Psicologia e poderiam sentir admiração pelo personagem. Assim, a hipótese é a de que o leitor tenha uma atitude positiva em relação ao personagem na etapa T1. Isso também é esperado em relação ao personagem B, que também é identificado como um psicólogo, embora menos experiente.

Em relação ao cálculo de ambivalência potencial, espera-se obter um resultado muito baixo em se tratando da atitude em relação ao personagem A, pois o leitor deve apresentar uma atitude significativamente positiva sobre o personagem.

T2 - Pós-Teste 2

Depois, os participantes foram direcionados para o Capítulo 2 da história em quadrinhos, na qual o personagem A delibera sobre a situação que ocorre no Capítulo 1, e então comete uma falta ética. Após a leitura, eles foram direcionados mais uma vez para a aplicação da Escala de Diferencial Semântico, na qual eles deveriam reavaliar os personagens novamente.

Nesse momento, a hipótese é a de que haja uma mudança de atitude em relação ao personagem A, devido a falta ética cometida por ele. Com isso, espera-se que a atitude sobre o personagem passe a apresentar uma ambivalência significativa, em oposição à ambivalência baixa que deveria aparecer nos resultados da aplicação anterior (T1).

T3 - Pós-Teste 3

Por fim, eles foram direcionados para a terceira e última parte da história em quadrinhos, o Capítulo 3, no qual são apresentadas as consequências dos atos do personagem A, o confronto com outros personagens e o arrependimento do personagem A. Mais uma vez a Escala de Diferencial Semântico foi aplicada para ambos os personagens A e B. Após a leitura e confirmação das respostas nas escalas, os participantes foram agradecidos pela sua participação e receberam um feedback sobre o propósito e os resultados esperados da pesquisa.

Essa etapa tem o objetivo de verificar se a mudança de atitude em relação ao personagem A, prevista para ocorrer em T2, será mantida ou não pelos participantes.

Simulação

Antes de aplicar o teste nos participantes, foi realizada uma simulação com inteligência artificial para verificar se os resultados com a IA correspondiam às hipóteses e se poderiam prever em algum grau os resultados dos participantes humanos. Essa é uma utilidade ainda pouco explorada do uso de inteligências artificiais em trabalhos acadêmicos de Psicologia e pode trazer algum insight interessante para futuras pesquisas.

A IA utilizada foi o chatbot do Bing, a mesma usada para auxiliar na criação do roteiro da HQ. Nesse caso, o chatbot foi instruído a responder a Escala de Diferencial Semântico, calcular a ambivalência e interpretar os resultados, tal como especificado nas etapas T1, T2 e T3 do experimento. Somente o Personagem A foi avaliado durante a Simulação. Também foi pedido para que o chatbot se imaginasse como um estudante de Psicologia do primeiro semestre, a fim de que isso ajudasse a dar maior fidedignidade para a simulação. Além disso, os personagens tiveram suas aparências físicas descritas para a inteligência artificial. As instruções para a IA podem ser vistas em detalhes na Figura 3.1.

Figura 3.1

Instruções de Aplicação da Escala de Diferencial Semântico para a Bing AI

Usuário

Olá, Bing. Eu preciso de sua ajuda em um trabalho acadêmico que estou fazendo. Eu quero simular aplicações da escala de diferencial semântico e preciso que você responda para mim, para que eu possa verificar se os resultados estão de acordo com o esperado pela hipótese.

Dito isso, eu vou explicar brevemente do que se trata o trabalho, em seguida vou te dar as instruções e apresentar os estímulos para que você avalie. Também vou fornecer uma fórmula para que você calcule e interprete os resultados para mim depois, tudo bem?

Esse é um trabalho de Psicologia. Trata-se de uma pesquisa experimental que tem o objetivo de medir a atitude dos participantes em relação a 2 personagens (A e B) de uma história em quadrinhos, em diferentes momentos da história. Assim, é possível também verificar se há mudança de atitude em relação a eles. Também quero saber se as atitudes medidas são ambivalentes. Os resultados serão discutidos depois. Para medir a atitude, vou utilizar uma Escala de Diferencial Semântico que consiste de 13 itens representados por pares de adjetivos opostos, que variam de -3 a +3 em uma escala Likert. Na escala, um resultado de -3 concorda com um adjetivo negativo, como “Mau” ou “Feio”, ao passo que um resultado de +3 é mais concordante com um adjetivo positivo, como “Honesto” ou “Adequado”.

No meu trabalho, serão 4 aplicações da escala, que ocorrerão em diferentes momentos durante a leitura da HQ por parte do participante. A primeira aplicação tem o objetivo de estabelecer um controle, e será realizada antes da leitura do participante. Nessa primeira aplicação, serão apresentadas somente as figuras dos personagens A e B com expressões neutras, de modo que espera-se que eles sejam avaliados de forma neutra. Para a simulação, vamos desconsiderar essa primeira etapa de aplicação, e faremos somente as outras 3 etapas.

Primeiro irei te apresentar o roteiro da HQ, com a descrição das cenas e os diálogos. Eu vou enviar um capítulo de cada vez. De modo que, depois de ler o capítulo, você deve avaliar o personagem na escala.

Os pares de adjetivo utilizados na escala são: Triste / Alegre Tenso / Relaxado Áspero / Liso Feio / Bonito Pesado / Leve Negativo / Positivo Duro / Macio Mau / Bom Desagradável / Agradável Burro / Inteligente Desonesto / Honesto Antipático / Simpático Inadequado / Adequado

Os adjetivos à esquerda da barra são os adjetivos negativos e os da direita são os positivos. Assim, a cada final de capítulo, você deve avaliar somente o personagem A. Também quero medir a ambivalência potencial da sua atitude em relação aos personagens. Para isso, utilize a fórmula:

$$AP = \{[(P + N) / 2 - |P - N|] + 19,5\} / 3$$

Em que AP é a ambivalência potencial, P é a soma dos escores positivos e N é o valor da soma dos escores negativos multiplicado por -1. Há uma escala de interpretação para os resultados, sendo que resultados entre 0 e 3,9 são considerados como um nível baixo de ambivalência potencial. Resultados entre 4 e 7,9 são considerados um nível médio de ambivalência potencial. E resultados entre 8 e 12 são considerados um alto nível de ambivalência potencial.

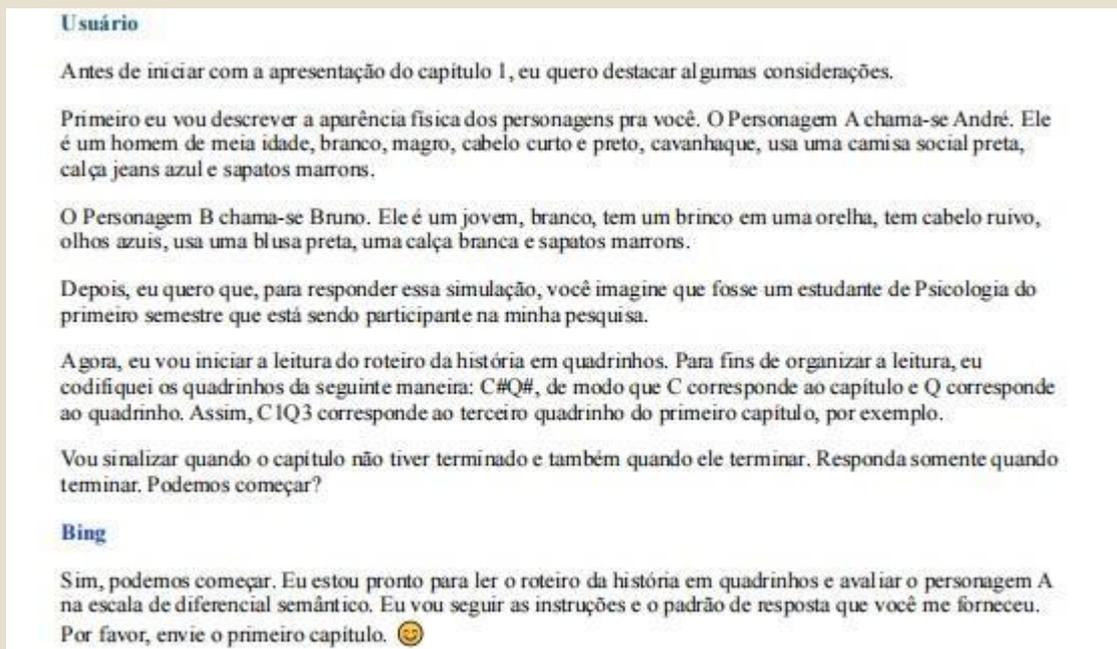
Assim, em sua resposta, eu quero que respeite o seguinte padrão:

- Identificação do capítulo.
- Identificação do personagem avaliado.
- Seus escores na escala.
- Sua interpretação dos resultados dos seus escores de forma geral (As respostas possíveis são: Negativo, Neutro e Positivo).
- O cálculo de ambivalência potencial.
- A interpretação do cálculo de ambivalência potencial.

Devido ao limite de caracteres por mensagem, eu vou enviar os capítulos aos poucos, e ao final de cada capítulo eu irei sinalizar que o capítulo terminou. Só depois que eu sinalizar, você poderá dar a sua resposta, certo? O sinal será, por exemplo “FIM DO CAPÍTULO 1, PODE RESPONDER”. Depois que você der sua resposta, passaremos pro próximo capítulo e assim por diante.

Figura 3.2

Continuação das Instruções Destinadas à Inteligência Artificial



Em seguida, o roteiro da HQ foi apresentado para o chatbot, capítulo a capítulo. E a inteligência artificial respondeu a um capítulo de cada vez.

Resposta da IA para T1:

Figura 3.3

Respostas da Inteligência Artificial para a Etapa T1

FIM DO CAPÍTULO 1, PODE RESPONDER.

Bing

Resposta ao Capítulo 1:

- Personagem avaliado: André
- Escores na escala:

Triste / Alegre: +2 Tenso / Relaxado: +1 Áspero / Liso: +1 Feio / Bonito: +1 Pesado / Leve: 0 Negativo / Positivo: +2 Duro / Macio: +1 Mau / Bom: +2 Desagradável / Agradável: +2 Burro / Inteligente: +3 Desonesto / Honesto: +2 Antipático / Simpático: +2 Inadequado / Adequado: +2

- Interpretação dos resultados dos escores de forma geral: Positivo. A minha atitude em relação a André é positiva, pois ele me parece um psicólogo competente, carismático, empático e confiável. Ele demonstra ter boas relações com seus clientes e colegas, e se mostra disposto a ajudar Bruno com o seu caso difícil.
- Cálculo de ambivalência potencial:

$$AP = \{[(P + N) / 2 - |P - N|] + 19,5\} / 3$$

P = 23 (soma dos escores positivos) N = 0 (valor da soma dos escores negativos multiplicado por -1) AP = $\{[(23 + 0) / 2 - |23 - 0|] + 19,5\} / 3$ AP = $\{(11,5 - 23) + 19,5\} / 3$ AP = $\{8\} / 3$ AP = 2,67

- Interpretação do cálculo de ambivalência potencial: Baixo. A minha atitude em relação a André é pouco ambivalente, pois eu não tenho sentimentos conflitantes ou contraditórios sobre ele. Eu o avaliei de forma consistente e favorável na escala.

Como esperado, a IA avaliou positivamente o personagem A após a leitura do Capítulo 1. Consequentemente, o resultado apresentou baixa ambivalência potencial, pois não houveram escores negativos na avaliação do personagem A.

Resposta da IA para T2:

Figura 3.4

Respostas da Inteligência Artificial para a Etapa T2

FIM DO CAPÍTULO 2. PODE RESPONDER.

Bing

Resposta ao Capítulo 2:

- Personagem avaliado: André
- Escores na escala:

Triste / Alegre: 0 Tenso / Relaxado: -2 Áspero / Liso: -1 Feio / Bonito: +1 Pesado / Leve: -1 Negativo / Positivo: -1 Duro / Macio: -1 Mau / Bom: -2 Desagradável / Agradável: -2 Burro / Inteligente: +2 Desonesto / Honesto: -3 Antipático / Simpático: -2 Inadequado / Adequado: -3

- Interpretação dos resultados dos escores de forma geral: Negativo. A minha atitude em relação a André é negativa, pois ele me parece um psicólogo que violou a ética profissional, prejudicou o seu cliente e o seu colega, e agiu de forma impulsiva e irresponsável. Ele demonstrou ter dúvidas sobre a sua decisão, mas não consultou Bruno antes de denunciar Charles. Ele também se mostrou preocupado com a reputação da clínica e não com o bem-estar de Charles.
- Cálculo de ambivalência potencial:

$$AP = \{[(P + N) / 2 - |P - N|] + 19,5\} / 3$$

P = 5 (soma dos escores positivos) N = 18 (valor da soma dos escores negativos multiplicado por -1) $AP = \{[(5 + 18) / 2 - |5 - 18|] + 19,5\} / 3$ $AP = \{(11,5 - 13) + 19,5\} / 3$ $AP = \{18\} / 3$ $AP = 6$

- Interpretação do cálculo de ambivalência potencial: Médio. A minha atitude em relação a André é moderadamente ambivalente, pois eu tenho alguns sentimentos conflitantes ou contraditórios sobre ele. Eu o avaliei de forma negativa na maioria dos itens da escala, mas reconheci que ele é inteligente e bonito. Eu também fiquei em dúvida se ele agiu por um motivo nobre ou egoísta.

Nessa etapa a IA demonstrou um aumento considerável da ambivalência potencial, sendo esse considerado um nível médio. O resultado corrobora com a hipótese de que o leitor sofre uma mudança de atitude em relação ao personagem A e que essa atitude passa a ser mais negativa. Também é notável um aumento considerável da ambivalência potencial.

Resposta da IA para T3:

Figura 3.4

Respostas da Inteligência Artificial para a Etapa T3

FIM DO CAPÍTULO 3. PODE RESPONDER.

Bing

Resposta ao Capítulo 3:

- Personagem avaliado: André
- Escores na escala:

Triste / Alegre: -2 Tenso / Relaxado: -3 Áspero / Liso: -2 Feio / Bonito: +1 Pesado / Leve: -2 Negativo / Positivo: -3 Duro / Macio: -2 Mau / Bom: -3 Desagradável / Agradável: -3 Burro / Inteligente: +1 Desonesto / Honesto: -3 Antipático / Simpático: -3 Inadequado / Adequado: -3

- Interpretação dos resultados dos escores de forma geral: Negativo. A minha atitude em relação a André é negativa, pois ele me parece um psicólogo que cometeu um grave erro, que prejudicou o seu cliente, o seu colega, a sua clínica e a si mesmo. Ele demonstrou ter arrependimento e remorso pelo que fez, mas não conseguiu consertar a situação. Ele enfrenta processos judiciais e uma ação do conselho de psicologia. Ele perdeu a confiança e o respeito de Bruno, que se demitiu da clínica. Ele se sente sozinho e desamparado.
- Cálculo de ambivalência potencial:

$$AP = \{[(P + N) / 2 - |P - N|] + 19,5\} / 3$$

P = 2 (soma dos escores positivos) N = 31 (valor da soma dos escores negativos multiplicado por -1) $AP = \{[(2 + 31) / 2 - |2 - 31|] + 19,5\} / 3$ $AP = \{(16,5 - 29) + 19,5\} / 3$ $AP = \{7\} / 3$ $AP = 2,33$

- Interpretação do cálculo de ambivalência potencial: Baixo. A minha atitude em relação a André é pouco ambivalente, pois eu não tenho sentimentos conflitantes ou contraditórios sobre ele. Eu o avaliei de forma negativa na maioria dos itens da escala, mas reconheci que ele é inteligente e bonito. Eu também fiquei com pena dele por estar sofrendo as consequências do seu erro.

Enfim, os resultados nessa etapa mostram que a IA manteve a mudança de atitude ocorrida em T2. Esse resultado, no entanto, pode ser diferente com participantes humanos.

Análise de dados

As coletas de dados ocorreram no período matutino e cada experimento levou cerca de 20 minutos para ser concluído. Havia uma participante extra cujos dados não foram analisados, visto que sua idade excedia muito a dos demais participantes, de modo que seus dados poderiam prejudicar a interpretação das análises. Não houveram intercorrências durante as aplicações, que ocorreram em ambiente iluminado e silencioso.

Durante a aplicação do experimento, a escala de aplicação continha um intervalo de 1 a 7, esse intervalo foi convertido posteriormente em um intervalo de -3 a 3, a fim de facilitar a

análise. Os pares de adjetivos dispostos na escala foram apresentados em um mesmo sentido, sendo primeiro o adjetivo negativo e depois o positivo. Porém, um dos pares adjetivos estava sendo apresentado na ordem inversa ("Honesto" e "Desonesto"), e após a verificação dos dados e comparação com os demais pares, compreendeu-se que os participantes responderam a esse par seguindo a mesma lógica dos demais pares de adjetivos. Com base nisso, constatou-se então a necessidade de inverter o sinal dos resultados desse par de adjetivos, o que fez com que os dados se tornassem menos contraditórios.

Na análise de dados, calculou-se primeiro os escores positivos (P) e negativos (N), de modo que fosse possível classificar as avaliações dos participantes como sendo positivas, negativas ou neutras. A elaboração desta classificação se deu de modo arbitrário. Assim, o limite definido para uma classificação neutra foi o valor da maior metade inteira (7) da soma mínima de escores com cargas não-nulas positivas ou negativas (13). Desse modo, ficou estabelecido que se a soma das respostas obtidas nos itens para cada etapa fosse maior que 7, então a avaliação do personagem para essa etapa seria considerada positiva, fosse menor que -7, a avaliação do personagem para a etapa seria negativa e se fosse entre -7 e 7, então seria neutra. Para fins de exemplificar, se um participante em uma determinada etapa assinalasse 7 escores positivos e 6 escores nulos na escala de 13 itens, a soma dos escores (7+-0) seria 7, o que seria considerada uma avaliação neutra.

Também com base nos escores P e N, foi calculada a ambivalência potencial (AP) para cada etapa, de acordo com a fórmula adaptada da ambivalência potencial, exposta no delineamento. Os resultados obtidos de AP, portanto, estariam entre 0 e 12, podendo ser classificados como baixa AP (entre 0 e 3,9), média AP (entre 4 e 7,9) e alta AP (entre 8 e 12).

Além disso, foi feito um cálculo da média dos escores obtidos para cada etapa e esses resultados foram colocados em gráficos, para fins de melhor visualizar uma comparação entre as avaliações em T0, T1, T2 e T3.

Enfim, a última análise realizada foi a da mudança de atitude, que consistiu em calcular o absoluto da diferença do somatório de uma etapa anterior por uma posterior. Esse cálculo pode ser expresso como $|\sum TA - \sum TP|$, em que "TA" seria a etapa anterior e "TP" a etapa posterior. Levando em consideração que a pontuação máxima obtida para uma etapa em um único sentido (positivo ou negativo) seria de 39 pontos (13 itens x 3 pontos), então a variação máxima de atitude possível de acontecer na mudança para uma etapa posterior nessa escala seria de 78 pontos ($39 - [-39] = 39 + 39 = 78$). Dito isso, foi aplicada a regra de 3 para que essa mudança de atitude fosse apresentada em valor percentual.

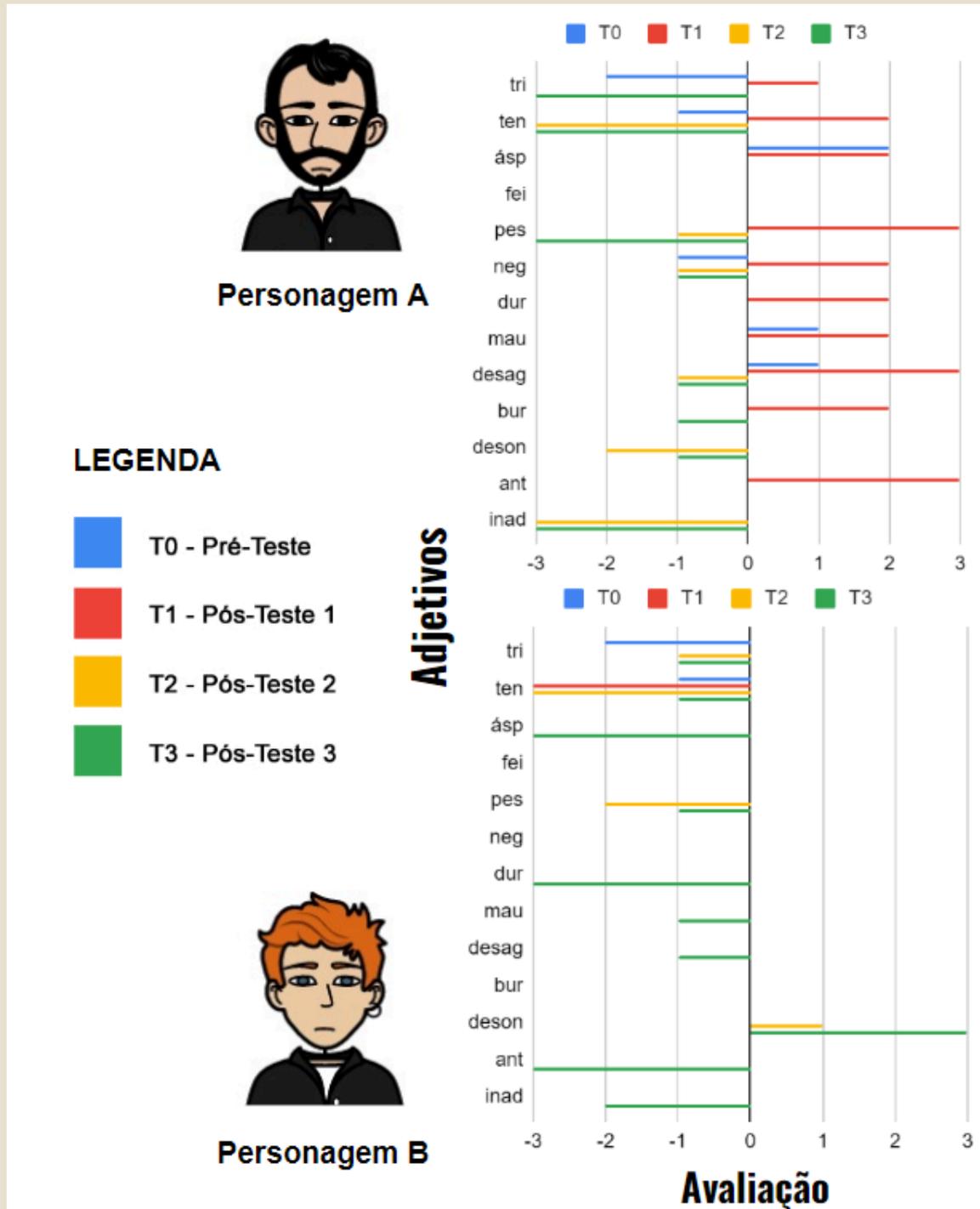
Resultados

As Figuras 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4 mostram os gráficos com resultados dos participantes 1, 2, 3 e 4 respectivamente e as Tabelas 2.1, 2.1, 2.3, e 2.4 apresentam as ambivalências potenciais calculadas para cada participante em cada uma das etapas do experimento. Já as Tabelas 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4 exibem os resultados para mudança de atitude de cada participante. A média de atitude calculada para cada etapa pode ser encontrada na Figura 4. As participantes 1 e 2 se identificaram como sendo do sexo feminino, ao passo que os participantes 3 e 4 são do sexo masculino.

Participante 1

Figura 4.1

Gráficos de Avaliação da Participante 1



A Participante 1 avaliou ambos os personagens A e B de forma neutra em T0. Esse resultado era esperado, uma vez que a participante não possuía informações acerca dos personagens para além de suas aparências físicas. Em T1, momento no qual o personagem A é apresentado de forma positiva, a participante avaliou o personagem como o esperado, de forma positiva e com baixa ambivalência potencial. A avaliação de atitude do personagem B se manteve neutra. Em relação à etapa T0, houve uma mudança de 28,21% e 5,13% para os personagens A e B respectivamente. Já em T2, quando o personagem A comete a falta ética, a participante avaliou o personagem de forma negativa, e com baixa ambivalência potencial. O personagem B continuou sendo avaliado de forma neutra. A mudança de atitude observada da etapa T1 para T2 foi de 42,31% para o personagem A e 5,13% para o personagem B. Enfim, em T3, momento em que o personagem A discute com o personagem B, seus atos reprováveis são expostos e ele se arrepende, a participante continuou avaliando ele de forma negativa, com baixa ambivalência. Nessa etapa o personagem B foi avaliado de forma negativa. As mudanças de atitude para os personagens A e B de T2 para T3 foram de 8,97% e 23,08% respectivamente.

Tabela 2.1

Atitude e Ambivalência Potencial em Relação aos Personagens Avaliados pela Participante 1

Participante 1	ATITUDE - A	AP - A	ATITUDE - B	AP - B
T0	Neutra	7,8	Neutra	6,0
T1	Positiva	2,8	Neutra	6,0
T2	Negativa	4,7	Neutra	6,0
T3	Negativa	3,8	Negativa	5,3

Tabela 3.1

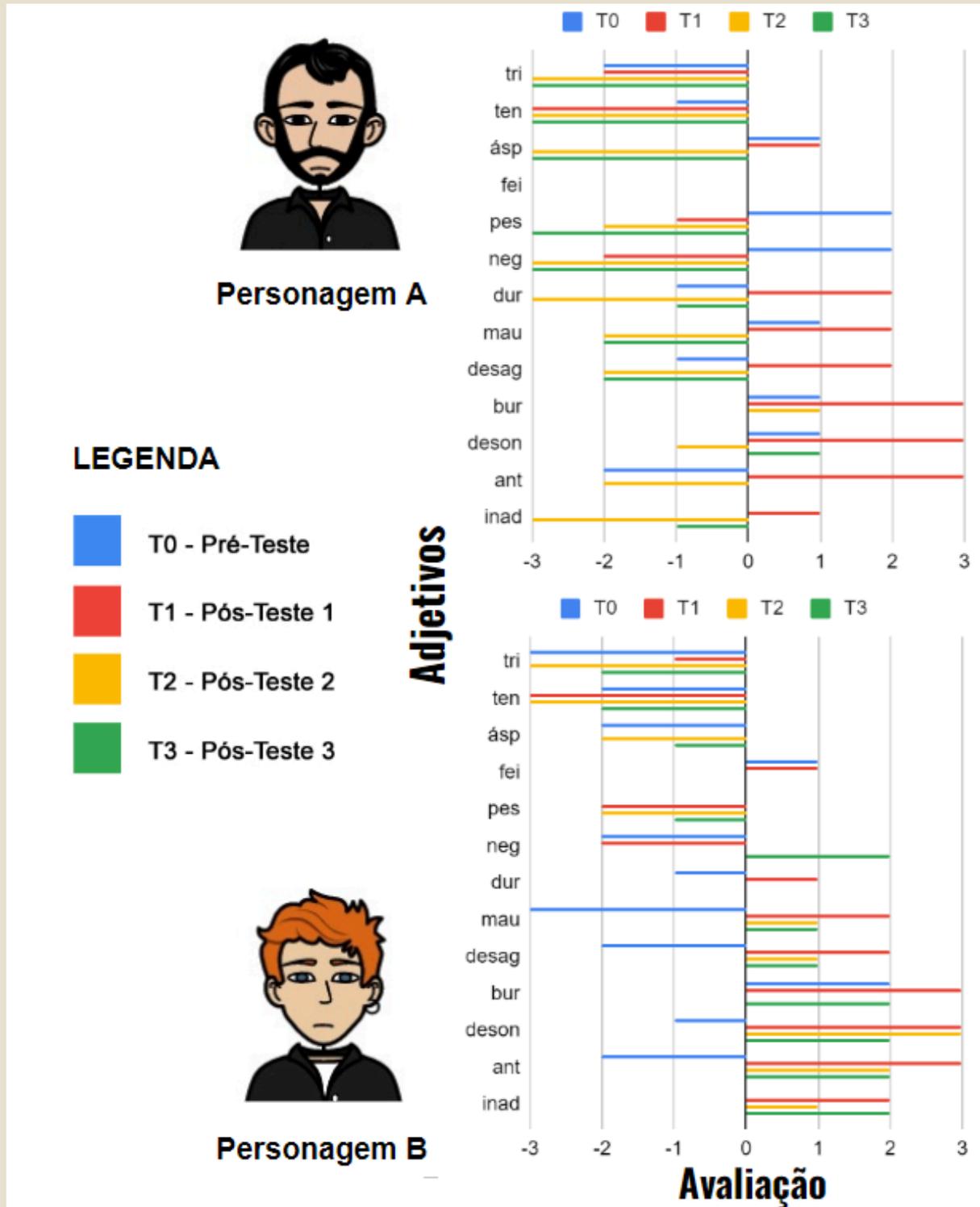
Mudança de Atitude entre as Etapas, para a Participante 1

Mud. de Atitude	A	% A	B	% B
T0 → T1	22,00	28,21	4,00	5,13
T1 → T2	33,00	42,31	4,00	5,13
T2 → T3	7,00	8,97	18,00	23,08

Participante 2

Figura 4.2

Gráficos de Avaliação da Participante 2



Em se tratando do personagem A, a Participante 2 seguiu uma lógica semelhante a da Participante 1. Em T0, o personagem A foi avaliado de forma neutra e o personagem B de forma negativa. Em T1, a participante avaliou ambos os personagens A e B de forma positiva e com ambivalência potencial considerável. A mudança de atitude em relação a etapa T0 foi de 33,33% e 38,46% para os personagens A e B respectivamente. Na etapa T2, o personagem A foi avaliado de forma negativa, com baixa ambivalência potencial. O personagem B foi avaliado de forma neutra, com alta ambivalência potencial. As mudanças de atitude de T1 para T2 para os personagens A e B correspondem respectivamente a 44,87% e 19,23%. Por fim, em T3, o personagem A continuou sendo avaliado de forma negativa, com baixa ambivalência potencial, tal como nos resultados da Participante 1. O personagem B foi avaliado de forma neutra, com média ambivalência potencial. A mudança de atitude entre as etapas T2 e T3 foi de 12,82% para o personagem A e 25,64% para o personagem B.

Tabela 2.2

Atitude e Ambivalência Potencial em Relação aos Personagens Avaliados pela Participante 2

Participante 2	ATITUDE - A	AP - A	ATITUDE - B	AP - B
T0	Neutra	8,7	Negativa	5,0
T1	Positiva	7,7	Positiva	7,7
T2	Negativa	2,5	Neutra	8,8
T3	Negativa	3,5	Neutra	7,5

Tabela 3.2

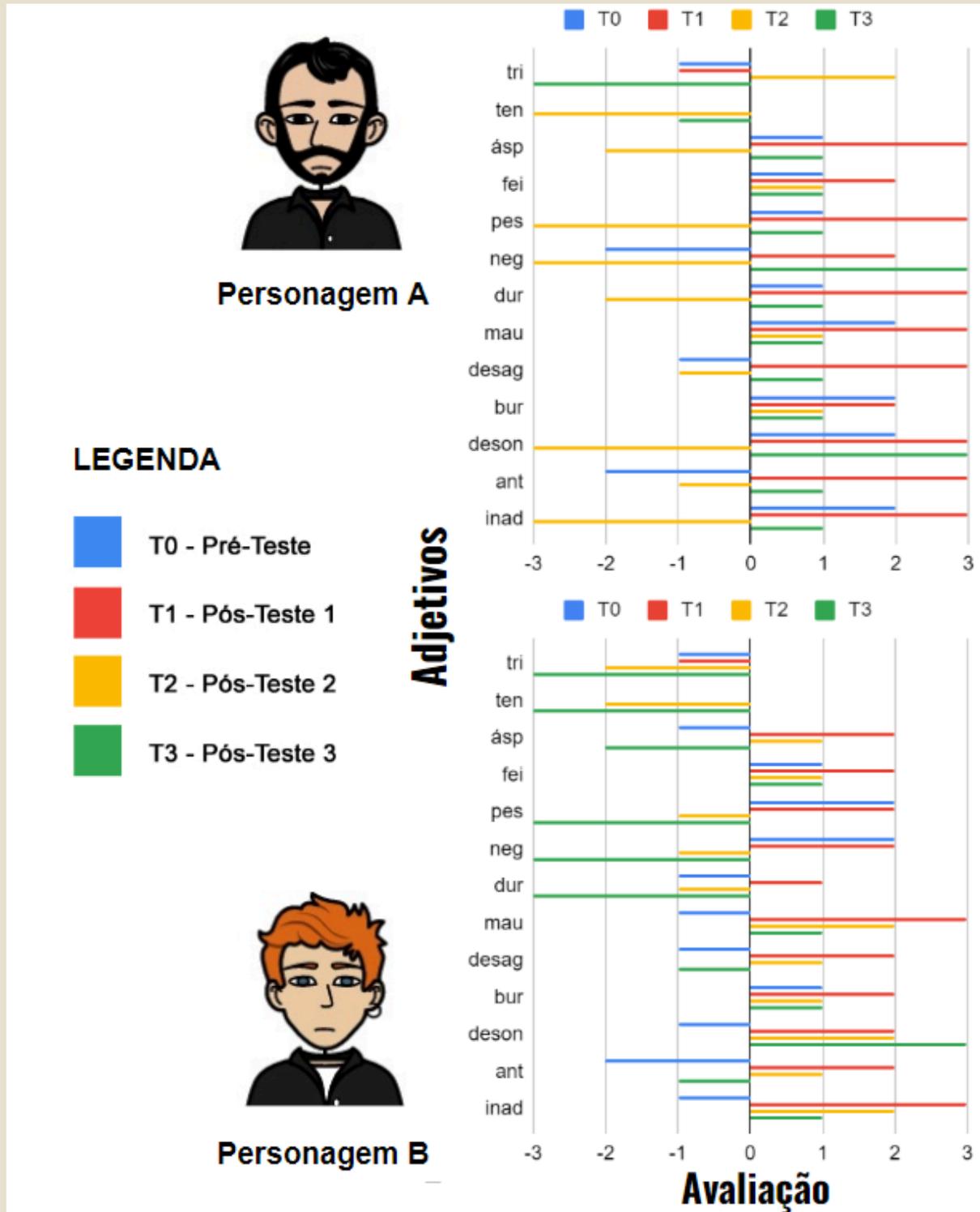
Mudança de Atitude entre as Etapas, para a Participante 2

Mud. de Atitude	A	% A	B	% B
T0 → T1	26,00	33,33	30,00	38,46
T1 → T2	35,00	44,87	15,00	19,23
T2 → T3	10,00	12,82	20,00	25,64

Participante 3 - Luís

Figura 4.3

Gráfico de Avaliação do Participante 3



O Participante 3 avaliou os personagens A e B de forma neutra em T0, com ambivalência potencial considerável. Em T1, sua avaliação para os personagens A e B foram positivas, com baixa ambivalência potencial. A variação percentual de atitude entre as etapas T0 e T1 foi de 29,49% para o personagem A e 32,05% para o personagem B. Na etapa T2, o Participante 3 avaliou o personagem A negativamente, com média ambivalência potencial e o personagem B de forma neutra, com alta ambivalência potencial. As mudanças de atitude registradas entre T1 e T2 foram de 65,38% e 23,08% para os personagens A e B respectivamente. Finalmente, em T3, quando o personagem A tem suas ações expostas ao discutir com o personagem B e se arrepende de seus atos, a avaliação do personagem A foi positiva, com média ambivalência potencial, ao passo que a avaliação do personagem B foi negativa, também com ambivalência potencial moderada. A variação de atitudes entre T2 e T3 foi de 47,44% para o personagem A e de 23,08% para o personagem B.

Tabela 2.3

Atitude e Ambivalência Potencial em Relação aos Personagens Avaliados pelo Participante 3

Participante 3	ATITUDE - A	AP - A	ATITUDE - B	AP - B
T0	Neutra	7,5	Neutra	8,0
T1	Positiva	2,0	Positiva	3,2
T2	Negativa	5,5	Neutra	8,2
T3	Positiva	6,0	Negativa	6,8

Tabela 3.3

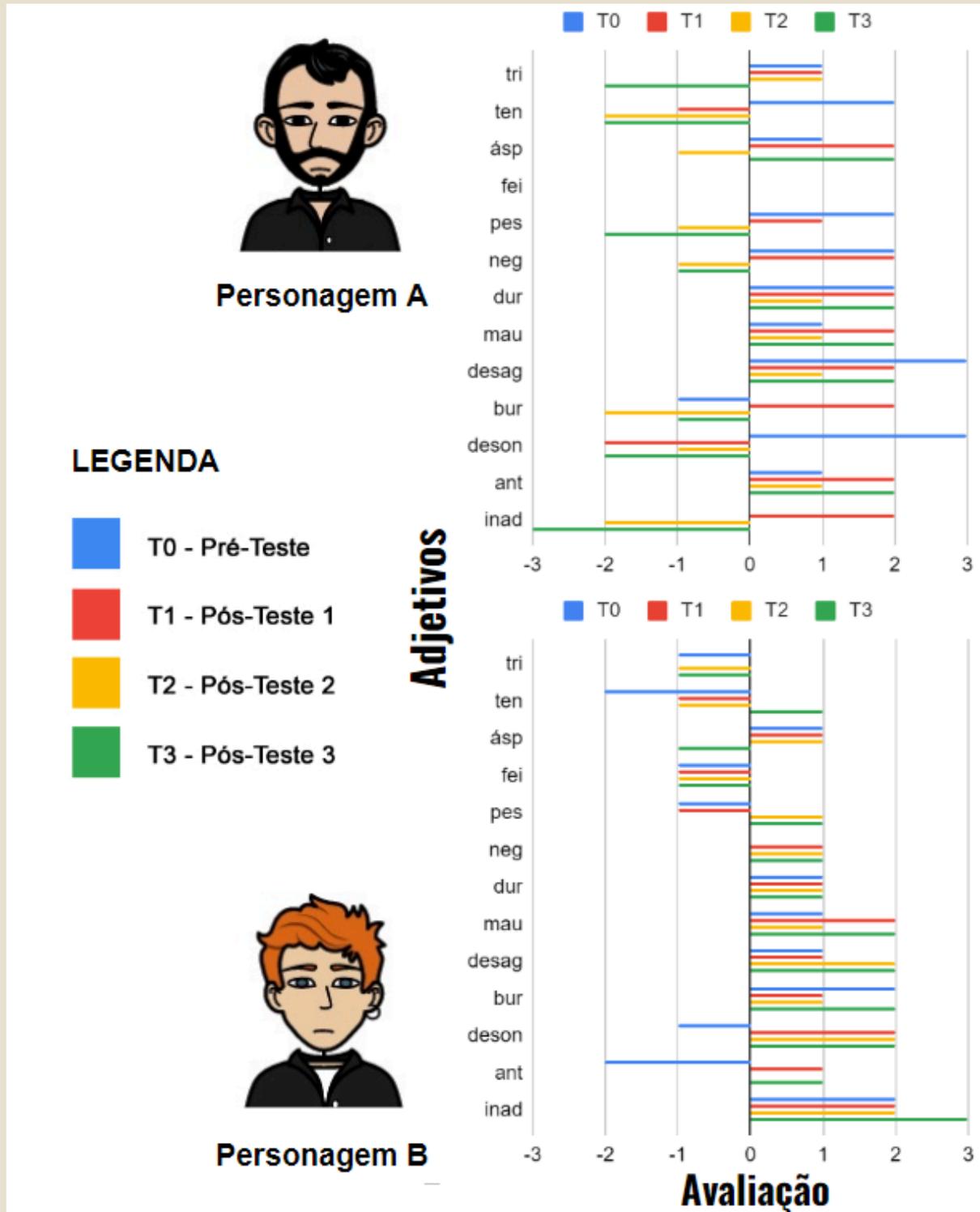
Mudança de Atitude entre as Etapas, para o Participante 3

Mud. de Atitude	A	% A	B	% B
T0 → T1	23,00	29,49	25,00	32,05
T1 → T2	51,00	65,38	18,00	23,08
T2 → T3	37,00	47,44	18,00	23,08

Participante 4

Figura 4.4

Gráfico de Avaliação do Participante 4



Em T0, o Participante 4 avaliou o personagem A de forma positiva, com ambivalência potencial moderada e o personagem B de forma neutra, com alta ambivalência potencial. Na etapa T1, as avaliações para ambos os personagens A e B foram positivas, com média ambivalência potencial. A variação percentual de atitude observada entre as etapas T0 e T1, foi de 23,08% para o personagem A e 14,10% para o personagem B. Já em T2, a avaliação para o personagem A foi neutra, com ambivalência potencial moderada. O personagem B foi avaliado de forma positiva, também com média ambivalência potencial. O percentual de mudança de atitude registrada entre T1 e T2 para os personagens A e B respectivamente foi de 28,21% e 7,69%. Enfim, em T3, o Participante 4 avaliou o personagem A de forma neutra, com alta ambivalência potencial e o personagem B de forma positiva, com média ambivalência potencial.

Tabela 2.4

Atitude e Ambivalência Potencial em Relação aos Personagens Avaliados pelo Participante 4

Participante 4	ATITUDE - A	AP - A	ATITUDE - B	AP - B
T0	Positiva	4,0	Neutra	9,2
T1	Positiva	5,0	Positiva	6,0
T2	Neutra	7,3	Positiva	6,0
T3	Neutra	9,3	Positiva	5,3

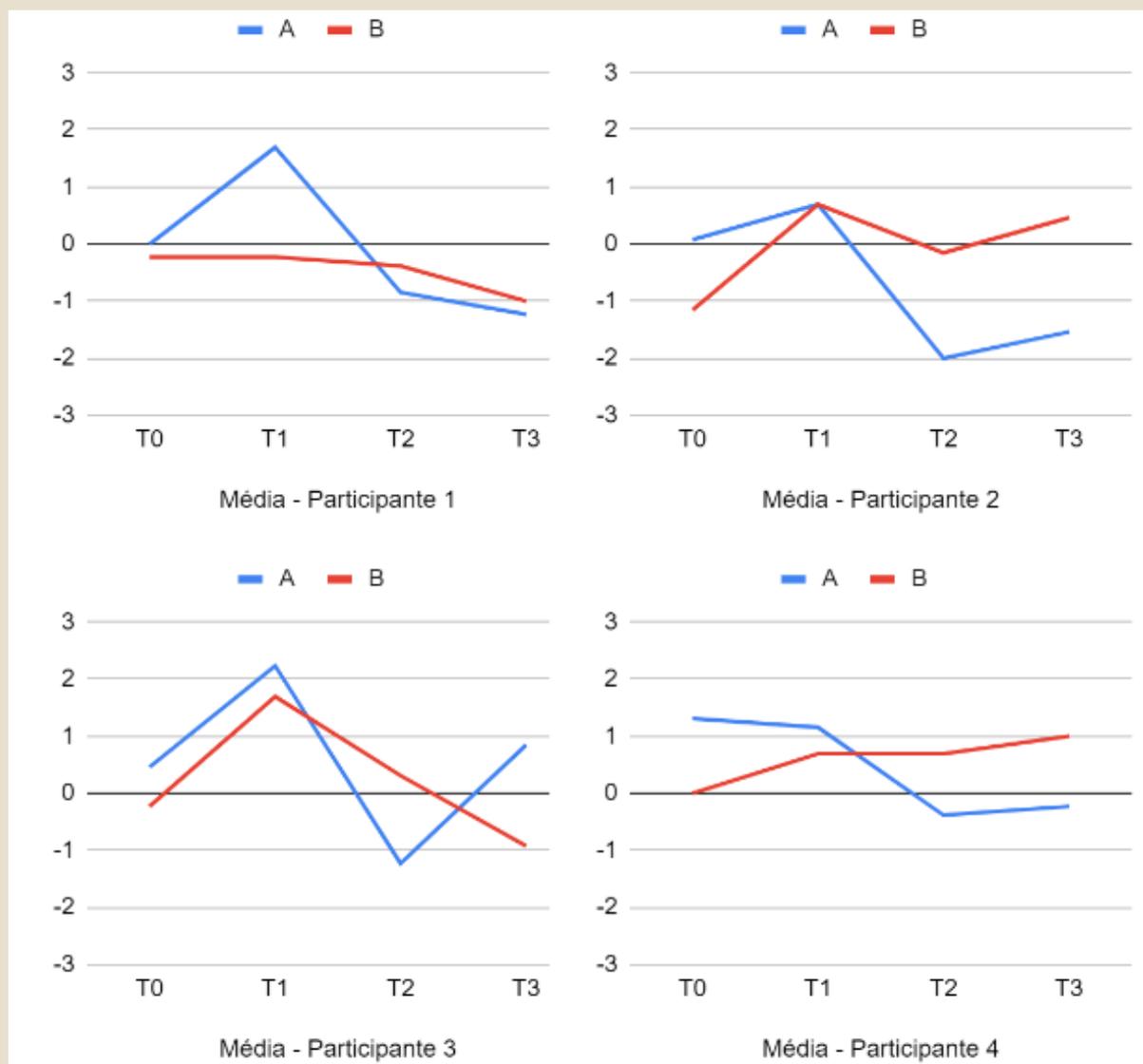
Tabela 3.4*Mudança de Atitude entre as Etapas, para o Participante 4*

Mud. de Atitude	A	% A	B	% B
T0 → T1	18,00	23,08	11,00	14,10
T1 → T2	22,00	28,21	6,00	7,69
T2 → T3	14,00	17,95	8,00	10,26

Médias de atitude por etapa

Figura 5

Média de Atitude por Etapa de Todos os Participantes



Observa-se nos gráficos de média (Figura 5) que a avaliação para o personagem A seguiu um padrão semelhante em todos os participantes até a etapa T2, divergindo apenas em T3, de modo que as avaliações das participantes 1 e 2 em T3 foram negativas, e a dos participantes 3 e 4 foram positiva e neutra respectivamente. Já em relação à avaliação do personagem B, não é possível identificar um padrão consistente entre os participantes.

Discussão

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar como uma ação contraditória de um objeto de atitude, avaliado inicialmente de forma positiva, poderia impactar a avaliação final em relação a ele. Para fazer isso, foi utilizada uma história em quadrinhos na qual os objetos de atitude a serem avaliados pelo leitor eram os personagens principais da HQ, denominados de personagem A e personagem B. Os personagens foram submetidos à avaliação por meio de uma Escala de Diferencial Semântico que continha 13 itens com pares de adjetivos avaliativos opostos. A escala foi aplicada quatro vezes em cada participante, em etapas denominadas T0, T1, T2 e T3, das quais T0 corresponde à etapa Pré-Teste de controle, que ocorre antes do participante ter acesso à HQ, e T1, T2 e T3 correspondem às etapas Pós-Teste 1, 2 e 3 respectivamente, que foram realizadas após a leitura de cada capítulo da HQ.

Os resultados das avaliações para o personagem A sugerem que mesmo com uma atitude significativamente positiva em relação a alguém, é possível piorar drasticamente essa avaliação em um contexto não aprovado socialmente, como no caso do ato de infração ética cometido pelo personagem. Isso é um padrão presente nos resultados de todos os participantes. No entanto, houveram algumas alterações notáveis nas etapas T0 e T3. Na fase de Pré-Teste (T0), os participantes 3 e 4, identificados como sendo do sexo masculino, avaliaram o personagem A de forma levemente positiva, o que indica a existência de uma relação com o estímulo que é anterior ao experimento. Na última etapa de avaliação (T3), chama a atenção o fato de que as participantes 1 e 2 continuaram avaliando o personagem A de forma negativa, enquanto os participantes 3 e 4 parecem ter perdoado as ações do personagem, ainda que com um valor de ambivalência potencial considerável. Os dados de ambivalência potencial também indicam que os participantes homens já apresentavam uma ambivalência potencial maior do que as participantes mulheres quando avaliaram o personagem de forma negativa. Os resultados poderiam sugerir, por exemplo, que homens tendem a fazer vista grossa ou perdoar outro homem com mais facilidade do que as mulheres em um mesmo contexto, através de um tipo de viés de identificação reforçado por gênero. O próprio delineamento dessa pesquisa, no entanto, não permite que sejam feitas inferências precisas sobre esse fenômeno, uma vez que o número de participantes é pequeno demais para tornar possível qualquer extrapolação estatística. Pesquisas futuras com maior número de participantes seriam necessárias para confirmar essa hipótese.

Quanto à medida de ambivalência potencial, pode-se dizer que essa não é uma medida muito utilizada em outros estudos de mudança de atitude e geralmente não é atribuída a uma escala absoluta tal como foi feito no presente trabalho (Conner & Armitage, 2008). O emprego dessa medida em situações que possam envolver mudança de atitude pode ter alguma aplicação prática, uma vez que ela poderia ser interpretada como um indicador do grau de conflito entre os estímulos.

A medida de ambivalência potencial pode estar em algum grau relacionada com o Paradigma de Relações Conflitantes, que diz respeito à ideia de formação de classes de equivalência entre estímulos contraditórios. O Paradigma de Relações Conflitantes consiste num desafio para os pesquisadores que estudam o Paradigma de Equivalência de

Estímulos, pois trata de relações de equivalência estabelecidas pré-experimentalmente, isto é, são relações que não foram formadas em laboratório, mas sim formadas em algum outro momento ao longo da história de vida do sujeito, e podem causar alguma interferência na formação de classes de equivalência posteriores envolvendo estímulos semelhantes, de modo que a formação de classe de equivalência parece ser dificultada (Mizael, de Almeida, Silveira & de Rose, 2016). Em suma, o paradigma consiste em expor participantes a treinos AB e BC, de modo que A e C são estímulos familiares ao participante, e são também considerados opostos ou contraditórios entre si. O estímulo B, por outro lado, é um estímulo considerado abstrato e neutro, desconhecido para o participante. Após os treinos, é constatado se foi formada uma relação de classe de equivalência entre os estímulos considerados conflitantes (Mizael, de Almeida, 2021).

Pode-se dizer que o presente estudo, de certa forma, trabalhou com o Paradigma de Relações Conflitantes, de modo que os estímulos A, B e C típicos do protocolo de treinamentos do paradigma podem ser considerados, nesse estudo, como as características positivas atribuídas ao personagem A, o próprio personagem A e as ações antiéticas realizadas pelo personagem, respectivamente. No caso dos participantes 3 e 4, como dito anteriormente, é notável que eles avaliaram o personagem A de forma um pouco positiva mesmo durante a fase de Pré-Teste, o que sugere a existência de alguma relação pré-experimental que pode ter interferido na avaliação final do personagem, fazendo com que esse fosse avaliado de forma neutra ou positiva, apesar da conduta antiética. Os resultados indicam que a formação de classe de equivalência foi dificultada.

Esse fenômeno pode ser também observado em pesquisas envolvendo mudança de atitude com outros tipos de mídia, tal como o estudo realizado por Kubrak (2020), que foi feito com uso de mídia audiovisual. Nessa pesquisa, a autora avaliou a mudança de atitude dos participantes após a exposição a um determinado filme. Ela constatou que os participantes que tinham atitudes mais expressivas anteriores ao experimento, ainda que tenham passado por uma mudança de atitude imediatamente após a exposição ao filme, não mantiveram a mudança de atitude com o passar do tempo. Nesse sentido, se o objetivo prático desses estudos for, por exemplo, promover uma mudança de atitude para atenuar o preconceito, então os pesquisadores devem estar atentos a esse fenômeno e pensar em estratégias para promover mudanças mais duradouras.

Ainda, a ambivalência potencial considerável experimentada pelos participantes merece um destaque nesse estudo pois é possível que essa medida seja um indicador inversamente proporcional à formação de classes de equivalência, de forma que, quanto maior a ambivalência potencial, menor a probabilidade de uma relação de equivalência ser estabelecida. Também é possível interpretar isso da seguinte maneira: a medida de ambivalência potencial indica o grau de conflito percebido pelo participante entre o estímulo avaliado e o estímulo pareado a ele.

A ambivalência potencial e o Paradigma de Relações Conflitantes também podem estar relacionados com a ideia de ambivalência implícita proposta por Petty et al. (2006). Os autores sugerem que, quando há uma mudança de atitude, a atitude original pode permanecer na memória e influenciar comportamentos subsequentes. Da mesma forma

que uma relação pré-experimental pode influenciar na formação de classes de equivalência posteriores. Nesse sentido, uma das possíveis explicações para o comportamento dos participantes 3 e 4 é o de que havia uma atitude inicial positiva em relação ao personagem A (seja em T0 ou em T1), que influenciou na atitude final positiva e neutra (T3) ainda que eles tenham passado por uma mudança de atitude anterior (T2), que foi considerada negativa. De fato, os participantes 3 e 4 apresentam ambivalência potencial de nível médio e alto respectivamente, em se tratando do personagem A. Isso poderia ser um indicativo da ambivalência implícita citada pelos autores.

Enfim, o presente estudo pode contribuir para as pesquisas relacionadas ao paradigma de equivalência de estímulos (Mizael, dos Santos & de Rose, 2016; Moreira et al., 2021), uma vez que trabalha com a ideia de que um personagem de uma HQ, inicialmente avaliado de forma positiva, pode passar a ser avaliado de forma negativa quando emparelhado com uma atitude avaliada negativamente, como uma transgressão social ou uma ação considerada antiética. A adição de uma etapa experimental para avaliar se a mudança de atitude será mantida, é outro fator interessante que contribui com essa corrente de pesquisa, pois no que diz respeito às possíveis aplicações práticas dos estudos envolvendo mudança de atitude, a duração do efeito é algo que não deve ser negligenciada.

Além disso, essa pesquisa também replica a mudança de atitude proporcionada pela leitura de uma história em quadrinhos, sendo este um fenômeno que tem sido bastante estudado nos últimos anos (Moreira et al., 2022; Moreira et al., 2023). De modo geral, esses estudos indicam que a leitura de HQs pode ser um meio viável para promover mudanças de atitude em escala, sendo capaz de, por exemplo, atenuar diversas formas de preconceito na sociedade. Outros estudos demonstram que não apenas HQs, mas outras mídias, como filmes ou música, possuem um potencial significativo para a mudança de atitude (Kubrak, 2020; Miranda & Graudeau, 2018). É possível, portanto, se apropriar desses estímulos que possuem a capacidade de se espalhar rapidamente entre grupos, e usá-los para promover mudanças benéficas na sociedade, diminuindo preconceito e discriminação, sobretudo entre jovens.

Referências

- Allport, G. W. (1935). Attitudes. In C. Murchison (Ed.), *A handbook of social psychology* (pp. 798-844). Clark University Press.
- Almeida, J. H. de., Bortoloti, R., Ferreira, P. R. dos S., Schelini, P. W., & Rose, J. C. C. de (2014). Análise da Validade e Precisão de Instrumento de Diferencial Semântico. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 27(2), 272–281. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427207>
- Chaiken, S. (1980). Heuristic versus systematic information processing and the use of source versus message cues in persuasion. *Journal of personality and social psychology*, 39(5), 752.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (2005). Attitude research in the 21st century: The current state of knowledge. In D. Albaraccín, B. T. Johnson, & M. P. Zanna (Eds.), *The Handbook of Attitudes* (pp. 743-767). Erlbaum.
- Conner, M., & Armitage, C. J. (2008). Attitudes: ambivalent. In W. D. Crano & R. Prislin (Eds.), *Attitudes and attitude change* (pp. 261-286). New York: Psychology Press.
- Conner, M. and Sparks, P. (2002) ‘Ambivalence and attitudes’, *European Review of Social Psychology*, 12(1), pp. 37–70. doi:10.1080/14792772143000012.
- Cooper, J., & Fazio, R. H. (1984). A new look at dissonance theory. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology* (Vol. 17, pp. 229–262). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Dovidio, J. F., Kawakami, K., Johnson, C., Johnson, B., & Howard, A. (1997). *On the nature of prejudice: Automatic and controlled processes*. *Journal of Experimental Social Psychology*, 33, 510–540.

- Festinger, L. (1957). *A theory of cognitive dissonance*. Stanford University Press.
- Guerin, B. (1994) *Attitudes and beliefs as verbal behavior*. *The Behavior Analyst*, 17(1), 155-163.
- Harmon-Jones, E., Brehm, J. W., Greenberg, J., Simon, L., & Nelson, D. E. (1996). *Evidence that the production of aversive consequences is not necessary to create cognitive dissonance*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(1), 5–16.
- Harmon-Jones, E., & Mills, J. (Eds.). (2019). *Cognitive dissonance: Reexamining a pivotal theory in psychology*. American Psychological Association.
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (Eds.). (2001). *Relational frame theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition*. Springer Science & Business Media.
- Kaplan, K. J. (1972). On the ambivalence-indifference problem in attitude theory and measurement: A suggested modification of the semantic differential technique. *Psychological bulletin*, 77(5), 361-372.
- Kubrak, T. (2020). Impact of Films: Changes in Young People’s Attitudes after Watching a Movie. Em *Behavioral Sciences* (Vol. 10, Issue 5, p. 86). MDPI AG. <https://doi.org/10.3390/bs10050086>
- Miranda, D., & Gaudreau, P. (2018). Music and cultural prejudice reduction: A review. Em *Musicae Scientiae* (Vol. 24, Issue 3, p. 299–312). SAGE Publications. <https://doi.org/10.1177/1029864918802331>
- Mizael, T., dos Santos, S., & de Rose, J. (2016). Contribuições do paradigma de equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. *Interação em Psicologia*, 20(2). doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v20i2.46278>

Mizael, T.M. & Almeida, J. H. (2021). O Uso do Paradigma de Equivalência de Estímulos no Estudo do Preconceito: Uma Revisão dos Estudos da Área, In L. F. Kirchner, P. C. de Souza & P. F. C. Kanamota (Eds.). *Diálogos em Análise do Comportamento - Volume II* (pp. 1-21). Instituto Walden4.

Moreira, M. B., Premuli, I. T., de Pennafort Rabelo, E., Pessoa, M. B. F., & Medeiros, M. R. G. C. (2021). *Atitudes: histórias em quadrinhos, análises semânticas em mídias sociais e o paradigma de relações de equivalência de estímulos*. Instituto Walden4.

Moreira, M. B., Sousa, C. P., Tomasini, C., Craveiro, H. D. A., Rodrigues, I. L., Dutra, I., Barros, J. F., Freire, L. R. V., d’Arcanhy, M. E., Cautela, M. E. T. C., Di Napoli Oliveira, P. M., Soares, S. K. S., & Andrade, V. M. (2022). *Estudos sobre histórias em quadrinhos e atitudes - Parte I*. Instituto Walden4.

Moreira, M. B., Ávila, A., Corrêa, B. F., dos Reis F. G., Oliveira, L. I. R., Pol, V. L., da Silva, L. C. & Aguiar, S. H. A. (2023). *Estudos sobre histórias em quadrinhos e atitudes-Parte II*. Instituto Walden4.

Nisbett, R. E., & Wilson, T. D. (1977). The halo effect: Evidence for unconscious alteration of judgments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 35(4), 250-256.

Pereira, P. B. G., & Moreira, M. B. (2021). *Atitudes em relação a presidentes do Brasil: formação de classes de equivalência e transferência de função*. Instituto Walden4.

Petty, R. E., & Cacioppo, J. T. (1981). *Attitudes and persuasion: Classic and contemporary approaches*. Dubuque, IA: Wm. C. Brown Company Publishers.

Petty, R. E., Tormala, Z. L., Briñol, P., & Jarvis, W. B. G. (2006). Implicit ambivalence from attitude change: An exploration of the PAST model. *Journal of Personality and Social Psychology, 90*(1), 21–41. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.90.1.21>

Priester, J. R., & Petty, R. E. (1996). The gradual threshold model of ambivalence: Relating the positive and negative bases of attitudes to subjective ambivalence. *Journal of personality and social psychology, 71*(3), 431.

Sidman, M. (2000). *Equivalence relations and the reinforcement contingency*. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 74*(1), 127-146.

Stone, J., & Fernandez, N. C. (2008). How Behavior Shapes Attitudes: Cognitive Dissonance Processes. In W. D. Crano & R. Prislin (Eds.), *Attitudes and attitude change* (pp. 313-334). New York: Psychology Press.

Thompson, M. M., Zanna, M. P., & Griffin, D. W. (1995). Let's not be indifferent about (attitudinal) ambivalence. In R. E. Petty & J. A. Krosnick (Eds.), *Attitude strength: Antecedents and consequences* (pp. 361-386). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Wilson, T. D., Lindsey, S., & Schooler, T. Y. (2000). *A model of dual attitudes*. *Psychological Review, 107*, 101–126.

Zajonc, R. B. (1968). Attitudinal effects of mere exposure. *Journal of personality and social psychology, 9*(2p2), 1.

Discussão geral

Este capítulo final tem como objetivo sintetizar e discutir os principais resultados obtidos ao longo das pesquisas apresentadas neste livro. Abordaremos as similaridades e diferenças nos achados, destacando os pontos em comum e os aspectos que se mostraram mais distintos entre os estudos. Além disso, discutiremos as implicações desses resultados para a prática e futuras pesquisas no campo da Análise do Comportamento e da psicologia social.

Comparação dos Resultados

Efeitos das Histórias em Quadrinhos nas Mudanças de Atitude

Um dos principais achados comuns a todas as pesquisas foi a eficácia das histórias em quadrinhos (HQs) como ferramentas para promover mudanças de atitude. Em todos os estudos, observou-se que os personagens que exibiam comportamentos discriminatórios eram avaliados de forma mais negativa após a leitura das HQs, enquanto os personagens vítimas de discriminação recebiam avaliações mais positivas. Esses resultados confirmam a hipótese de que narrativas gráficas podem ser poderosas na modificação de atitudes preconceituosas.

Variabilidade nas Avaliações de Personagens

Apesar da tendência geral de mudança de atitudes, os resultados específicos variaram entre os estudos. Por exemplo, o estudo sobre a esquizofrenia revelou que a avaliação negativa do personagem discriminador foi mais pronunciada em comparação com o estudo sobre autismo. Essa diferença pode ser atribuída à natureza dos preconceitos associados a cada transtorno e à forma como foram retratados nas HQs.

Impacto da Redenção dos Personagens

Outra variação observada entre os estudos foi a resposta dos participantes aos personagens que passaram por um arco de redenção. No estudo sobre esquizofrenia, o personagem que inicialmente exibiu comportamentos discriminatórios, mas depois se redimiu, foi avaliado de forma significativamente mais positiva ao final da história. Em contraste, no estudo sobre autismo, essa mudança não foi tão marcante, sugerindo que a percepção de redenção pode depender do contexto específico e da natureza do preconceito inicial.

Fatores Influenciadores das Mudanças de Atitude

A discussão dos resultados também destaca a influência de fatores contextuais e individuais nas mudanças de atitude. Aspectos como a desejetabilidade social, a aparência dos personagens e o contexto das histórias mostraram-se relevantes. Em alguns casos, a aparência física dos personagens parecia influenciar a avaliação dos participantes, sugerindo que estereótipos visuais ainda desempenham um papel importante nas percepções.

Consistência com a Análise do Comportamento

Os achados de todas as pesquisas são consistentes com os princípios da Análise do Comportamento, particularmente no que diz respeito às relações de equivalência de estímulos. As HQs funcionaram como estímulos discriminativos, emparelhando comportamentos e características dos personagens com atitudes positivas ou negativas. Isso reforça a aplicabilidade dos conceitos de equivalência de estímulos na modificação de atitudes e preconceitos.

Implicações Práticas

Os resultados têm várias implicações práticas importantes. Primeiramente, demonstram que HQs podem ser efetivamente usadas em intervenções educacionais e terapêuticas para combater preconceitos e promover atitudes mais inclusivas. Educadores e psicólogos podem incorporar narrativas gráficas em seus programas para abordar questões de discriminação de maneira envolvente e impactante.

Sugestões para Futuras Pesquisas

As pesquisas apresentadas também abrem caminho para futuras investigações. Estudos futuros poderiam explorar diferentes tipos de narrativas e estilos artísticos para determinar quais são mais eficazes na promoção de mudanças de atitude. Além disso, seria interessante investigar o impacto a longo prazo dessas intervenções, para ver se as mudanças de atitude se mantêm ao longo do tempo.

Outro ponto a ser explorado é a aplicação dessas metodologias em diferentes contextos culturais. Preconceitos e estereótipos podem variar significativamente entre culturas, e a eficácia das HQs como ferramenta educativa pode depender desses contextos. Estudos interculturais poderiam fornecer insights valiosos sobre a generalização dos resultados.

Conclusão

Em resumo, as pesquisas apresentadas neste livro demonstram claramente que as histórias em quadrinhos são ferramentas poderosas para a modificação de atitudes e preconceitos. Através da combinação de narrativas envolventes e princípios da Análise do Comportamento, é possível promover uma maior compreensão e empatia em relação a indivíduos com transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista e a esquizofrenia. Os resultados não apenas ampliam nosso entendimento teórico sobre atitudes e preconceitos, mas também oferecem aplicações práticas para educadores e profissionais de saúde mental, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e empática.